

@verdade

www.verdade.co.mz



Jornal Gratuito



Sexta-Feira 04 de Julho de 2014 • Venda Proibida • Edição Nº 294 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



Destaque PÁGINA 15/17

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441
averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Escassez de
anti-retrovirais
afecta
tratamento
do VIH



Sérgio Faife:
o mestre
da táctica



Caliano da Silva:
um dançarino-rei
da Marrabenta!

Sociedade PÁGINA 04

Desporto PÁGINA 23

Plateia PÁGINA 26

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
sigue-nos no
 [@verdademz](http://twitter.com/verdademz)



@ReginaldoMangue: @Verdademz# Recém
nascida abandonada no
portão do Cemitério do
bairro Khongolote na Matola
nesta terça-feira (01). <http://t.co/GuRrD4GApe>



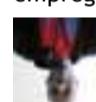
@JanetGunter:
“Cidadão repórter” é o
segredo do sucesso do
jornal moçambicano @
VerdadeMz do #dw_gmf <http://t.co/ly54mioayJ>



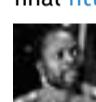
@aasfrancisco: @
verdademz Não.. As
relações sexuais
forçadas são um dos
frutos de uma cultura que força
as pessoas a agir contra a
vontade em outros actos.



@FernandoSrgio:
Nasce em #Nampula
Associação dos Jovens
Desempregados de
Moçambique ADEMOC para
criação de oportunidades de
emprego @verdademz



@TheRealWizzy:
#África! RT @
verdademz: Mundial
2014: Alemanha bate
Argélia no prolongamento e
enfrentará França nos quartos de
final <http://t.co/qVJFmtdA9W>



@tomqueface:
#Importante p/ o
descalar da #Guerra RT
“@verdademz Governo
#Moçambique e #Renamo
ensaiam consenso nas
negociações”



@_Mwaa_: A vida tá
difícil RT @verdademz
Aumenta consumo de
drogas na capital de
#Moçambique <http://t.co/i8JtmEfk8N>



@RohanMalik_EY: “@
SugarPalanee: We
constantly have to be
innovating to stay
alive.” - @echaras Founder of @
verdademz #GdnActivate”” @
EY_Africa



@sebastiapaulino:
Maganja da Costa
#Zambezia continua a
regar partos nas
estradas por falta de hospitais
nas localidades, @verdademz



@TonyStarx1: “@
verdademz: Detidos
consumidores e
vendedores de soruma
na Zambézia <http://t.co/Hb7isJVvgJ>” é melhor Azagaia n
s mudar p Zambézia



@DemocraciaMZ:
Intervalo #gw_gmf @
verdademz visita sede
da Deutsche Well em
Bonn na companhia do ilustre
Rafael Marques @makaangola
<http://t.co/POsNeYnI3H>



Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

As guerras da edilidade

Temos estado atentos à caça desenfreada que o município da capital moçambicana faz contra os vendedores informais e ambulantes em virtude de os mesmos obstruírem passeios, dificultando a circulação de peões, dentre outros males que decorrem das suas actividades.

Todavia, esta situação causa-nos bastante estupefação. É que numa cidade onde o lixo abunda cada vez mais e os esgotos rebentam pelas costuras e poluem o meio ambiente, os gestores daquela instituição do Estado deviam aplicar as suas energias no combate a estes males que ameaçam colocar em xeque a saúde dos munícipes.

Com tanto trabalho com que o município se podia ocupar, é, no mínimo, despropositado estar a perseguir gente que paga impostos e a tentar empurrá-la para um lugar onde não foram previamente criados meios para realizarem as suas actividades condignamente. E há quem ainda acredite que as senhoras que se encontram à entrada dos mercados voltarão a ocupar as bancas que abandonaram no interior daqueles locais.

A edilidade não poupa os seus esforços e continua a caçar condutores e a rebocar as suas viaturas por ale-gadamente estarem mal estacionadas. Em contrapartida, não há parques de estacionamento na urbe para albergar os veículos que tendem a aumentar a cada dia que passa. O problema de estacionamento não pode ser resolvido com medidas paliativas tais como bloquear para depois aplicar multas. É preciso erguer infra-estruturas e ter-se planos que acompanham o crescimento da cidade.

Não basta proibir o parqueamento em lugares considerados inadequados e sancionar supostos prevaricadores; é preciso criar lugares destinados para o efeito e assegurar que haja transporte público suficiente e decente.

As guerras da edilidade deviam ser também contra os buracos, contra a imundice que se tornou um problema comum na capital do país e, sobretudo, contra desordenamento territorial.

Andar a perseguir gente que batalha pela sobrevivência é, na verdade, uma acção de entretenimento e própria de gente que quando não tem nada a fazer opta por improvisos e, por conseguinte, resvala no que temos visto. Muita gente já deve ter constatado o facto de que a edilidade que temos não consegue manter as valas de drenagem limpas, por pura incapacidade.

O município não pode estar a desencadear uma guerra contra aqueles que recorrem a meios honestos para sobreviver quando na mesma zona onde actua as ruínas são transformadas em covis de marginais.

Impedir os vendedores de realizarem os seus negócios sobre os passeios é realmente uma iniciativa louvável mas esse trabalho é nulo numa cidade onde as normas criadas para o efeito são aplicadas de forma esporádica, para além de estarem desajustada da realidade que se pretende regular. E uma das prioridades devia ser encontrar mecanismos para conter a onda de cabritismo que consta da extensa lista dos problemas que obstam o fim da anarquia no sector dos transportes semicollectivos de passageiros. Deixem aqueles que sobrevivem de forma leal desenvolverem as suas actividades em paz.



Boqueirão da Verdade

"No nosso cenário político, basta olharmos para o topo dos maiores partidos de Moçambique para verificarmos que é indiscutivelmente ocupado por chefias muito fortes. Tão fortes que por vezes dão a impressão de que são mais fortes que as instituições que dirigem. Este modelo de chefias fortes ao invés de instituições fortes parece ser, paradoxalmente, uma das nossas maiores fragilidades democráticas. Para além do facto evidente de que quando o chefe forte erra todas as instituições tendem a segui-lo sem questionar, incorrendo nas respectivas consequências. O facto de o Governo e a maioria parlamentar terem a mesma base política e normalmente assim é em quase todos os quadrantes, não pode justificar a subversão das mais elementares regras funcionais de cada um dos órgãos de soberania atrás mencionados", Gilberto Correia

"O que constatamos na prática é que, por um lado, existe Governo que governa o país e, por outro, temos uma maioria parlamentar que vai quase sempre a reboque do Governo, em prejuízo da sua importante acção parlamentar fiscalizadora. A luta democrática não se faz nas matas com armas de fogo – sejam quais forem as razões invocadas para tal. Quem é pela democracia não pode ser, simultaneamente, pela violência armada. Esta é uma contradição insanável. Por muita argumentação emocional que se esgrima em torno da necessidade da existência de uma oposição armada em Moçambique, esta situação levar-nos-á sempre para longe dos trilhos do Estado de Direito democrático e remeter-nos-á para um retrocesso civilizacional", idem

"É imperioso que se desenvolva uma Sociedade Civil forte que se constitua como um efectivo contra-poder, dando voz àqueles cidadãos que não têm voz. Contudo, a chamada Sociedade Civil deve desempenhar o seu papel evitando cair na armadilha de se transformar em anti-poder – ser contrapoder não é ser anti-poder. Precisamos de uma Sociedade Civil que cumpra o seu importante papel, mas que consiga esquivar-se habilidosa mente das interferências, manipulações, estratagemas, infiltrações ou seduções políticas", ibidem

"Outro eufemismo usado, com o mesmo objectivo (defender posições fixas), é que é preciso 'preservar a Paz'. Ora só se pode preservar uma coisa que existe. E, infelizmente, no nosso país já não existe paz. O que há a fazer é restabelecer a Paz e, só depois, preservá-la. Será que quem anda a cantar louvores à paz por todo o lado não pode dar ordens às forças de quem é Comandante-em-Chefe para ficarem quietas nas suas posições? Ou será que os militares têm uma agenda própria e já não obedecem ao Chefe de Estado? Tudo isto é muito perturbador e, pior do que isso, é trágico. Ou por incapacida-

de de terminar com os combates ou por falta de vontade, a verdade é que se perdem, diariamente, vidas preciosas e insubstituíveis. E, já, agora, porque será que o Chefe de Estado fez as suas presidências abertas em Tete e Manica mas não foi a Sofala, ali mesmo ao lado?", Machado da Graça

"Moçambique, queiram ou não, não anda bem no que à paz diz respeito. Com as armas, no meu entender, não vamos a lado nenhum, senão semear a dor, a morte, o luto, a consternação, o ódio, a vingança, a desgraça, o terror, a angústia, a destruição e a tristeza na família moçambicana. A paz, a unidade nacional, o desenvolvimento e o bem-estar não se construam com as armas, mas sim com harmonia, compreensão, diálogo e justiça. Será que não está a ser possível uma solução negociada para a crise que afecta o país? Apesar das diferenças, deveríamos investir mais em acções concretas tendentes à pacificação do país...", Victor Machirica

"Pedro Seguro introduzia um conceito de democracia muito original (...), dizia que a negação quase completa dos partidos da oposição na zona (Muidumbe, Mueda e Nangade), sobretudo na primeira divisão administrativa (Muidumbe), também era democracia. E argumentava: se democracia é dizer-se o que se quer e se não quer, em Muidumbe não há oposição porque o povo não quer e faz tudo para que não haja nada que não se pareça com a Frelimo", Pedro Nacuo

"Mas o embaraço (em Nangade) estava por vir, pois com base nos rudimentos da democracia definida pelo velho Pedro Seguro, perguntaram a Nyusi os porquês de muitas bandeiras a prostituir-se por todo o lado, para além da (bandeira) da gloriosa Frelimo e da República de Moçambique. Isso incomodava os antigos combatentes, diluíua, na sua opinião, os esforços empreendidos para a libertação nacional. Isto dito por quem deu parte de si, incluindo os seus membros vitais, quer dizer, mutilados durante a guerra de libertação, não deixa de ser confrangedor", idem

"O contexto em que o Português Moçambicano se vai consolidando é completamente diferente do caso do Português Europeu. Quanto a mim, chega até a ser uma aberração exigir que os moçambicanos falem português como se fala, por exemplo, em Portugal. Para ser mais específico, a maior parte dos moçambicanos fala português como língua segunda e tem como língua mãe um idioma bantu. No caso específico do bilinguismo, penso que estamos a propiciar a existência de um contexto para a promoção de todas as línguas faladas por moçambicanos, por um lado, e para a inclusão de todos os moçambicanos no processo de desenvolvimento do país", Eliseu Mabasso

OBITUÁRIO:

Bobby Womack
1944 – 2014
70 anos



O lendário cantor de soul norte-americano Bobby Womack morreu na passada sexta-feira, 27 de Junho, aos 70 anos de idade, depois de uma longa batalha contra a dependência de drogas, tendo sobrevivido a várias tragédias.

O astro nasceu em Cleveland, Ohio, no seio de uma família de músicos que deu origem ao grupo de gospel "The Womack Brothers", formado pelos seus irmãos Curtis, Harry, Cecil e Friendly Jr., e liderado pelo seu pai. A sua mãe tocava órgão na sua igreja e o seu progenitor, um operário da indústria de aço, era um pastor e músico bastante conhecido por tocar guitarra.

Na década de 60, os irmãos Womack foram contratados por Sam Cooke – que acabada de fundar a sua própria editora, a SAR Records – e mudaram o nome do grupo para "The Valentinos". Assim, publicou-se o primeiro single dos irmãos, "Looking for a Fove". Nessa altura, eles já tinham sido expulsos de casa pelo pai por terem trocado o gospel pelo soul.

Em 1964, três meses depois da morte de Cooke, Bobby Womack casou-se com a viúva do produtor musical, Barbara Campbell, acto que foi bastante criticado por muitos amigos do falecido cantor. Entretanto, as reprovações não afectaram o sucesso do artista. No mesmo ano, os "The Valentinos" lançaram "It's All Over Now", que chegou a ocupar o primeiro lugar nas paradas britânicas e mereceu uma versão gravada pelos Rolling Stones.

Para além da composição de inúmeras letras de R&B, Bobby Womack criou um repertório de estilos tais como country e funk. Ele tocou guitarra para artistas célebres como Aretha Franklin e Wilson Pickett. Com a morte deste último, de Cooke, de Otis Redding e de Marvin Gaye, consideradas suas lendas, o compositor ficou abalado.

Womack, considerado um dos destáveis mestres de soul, teve um sucesso notável nos anos 70. Para o efeito, valeram-lhe obras tais como "That's The Way I Feel About Cha", "Woman's Gotta Have It" e "Fly Me to The Moon".

Womack lutou contra a dependência de estupefacientes durante duas décadas e enfrentou vários problemas de saúde. Ele ficou hospitalizado por um longo período devido ao cancro e chegou a ficar em coma. O astro sobreviveu à morte trágica de um irmão, assassinado, e de dois filhos, um dos quais num acidente em casa e outro por suicídio.

Mesmo assim, o músico e compositor tentou voltar aos palcos com o álbum "The Bravest Man in the Universe", editado em 2012. E, apesar de uma saúde frágil, Womack tinha prevista uma digressão pela Europa em Julho corrente.

Ele deixa ainda um álbum inédito – "The Best is Yet to Come" – cujo lançamento estava previsto para este ano. Trata-se de um disco com 10 músicas e foi gravado nos dois últimos anos, com as participações de Gerald Levert, Tee-na Marie, Rod Stewart, Damon Albarn, Stevie Wonder, Ronald Isley e Snoop Dogg.

Ficha Técnica

MAPUTO - Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA - Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel +258 86 75 81 784
Telemóvel +258 84 39 98 624
Telemóvel +258 82 30 56 466
Fax +258 21 490 329
E-mail: averdademz@gmail.com

Jornal registrado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.
Diretor: Adérrito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Redacção: David Nhassengo, Inocêncio Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanazde, Duarte Sítioe, Reinaldo Nhalivilo, Reginaldo Mangue, Intasse Sítioe; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Chaúque (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sania Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Xiconhoca



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Falta de água no Hospital Provincial de Tete

Há cada xiconhoquice neste país! Ainda não digerimos os relatos recorrentes sobre a escassez de medicamentos em diferentes unidades sanitárias moçambicanas, e eis que recebemos informações segundo as quais o Hospital Provincial de Tete, o maior naquele ponto de Moçambique, está desprovisto de água. As torneiras não pingam uma gota sequer, há cinco dias. O que mais agasta os utentes daquela unidade sanitária é o facto de esta se encontrar próxima de um rio. A maternidade apresenta-se numa situação bastante lastimável.

Os nossos leitores dizem que não percebem o que é que os gestores do hospital em causa têm vido a fazer no local, pois eles não conseguem garantir que haja um bem tão essencial como a água. Consta-nos que não é a primeira vez que acontece um problema desta natureza, de bradar aos céus, e que nos faz desejar que se demitem em bloco todos os que têm a seu cargo os destinos daquele hospital. Uma unidade sanitária não pode ficar sem água. Perante esta crise, como é que se cuida da higiene? Em que estado se encontram os lavabos? E como é que se apresentam as roupas das camas, sobretudo as das salas de cirurgia?

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Malfeiteiros que assassinam seis menores na Zambézia

Foi com bastante tristeza que ficámos a saber de que um grupo de indivíduos, em número não apurado e a monte, assassinou seis menores da mesma família, dos quais um de apenas oito meses de vida com recurso a catanas e facas, na madrugada de sábado passado, 28 de Junho, no bairro da Liberdade, distrito de Chinde, sítio na província da Zambézia. As razões que levaram tais xiconhocos a cometerem este crime bárbaro e que chocou todo o país ainda são desconhecidas. A Polícia está no encalço dos xicos para que sejam responsabilizados por este acto hediondo. Quer dizer, as pessoas são tão más a pontos de esquartejar crianças inocentes. Independentemente do mal que elas ou os seus pais tenham cometido, este tipo de crime é inqualificável.

Polícia Ladrão na Beira

Um xiconhoca afecto à Polícia da República de Moçambique (PRM) na cidade da Beira, cujo nome é omitido apenas para preservar a honra da sua família, fez-se passar por um ladrão e apoderou-se de bens que haviam sido roubados numa empresa e que estavam na posse de um grupo de gatunos. Na verdade, segundo os nossos leitores, o visado devia abandonar as fileiras da corporação antes de contaminar os colegas com o seu vírus de ladroagem. Onde já se viu um agente da Lei e Ordem deter um bando de larápios e obrigar-lhos a transportar o produto do roubo para a sua casa? Tratando-se de computadores, não restam dúvidas de que o xiconhoca, que já devia saber que o lugar de bens extraviados é a esquadra e não o domicílio de um polícia, pretendia, certamente, aprender a usá-los.

Condutores irresponsáveis causam mensalmente centenas de acidentes

Andam por aí vários xiconhocos que se fazem passar por condutores e causam luto nas famílias, regam as nossas estradas de sangue e causam danos materiais avultados. Alguém acredita que só em Junho passado 177 compatriotas morreram e centenas de outros contraíram traumas graves e leigos por causa da irresponsabilidade de motoristas que nos fazem perguntar a nós mesmos por que razão foram para a escola de condução e o que aprenderam durante o tempo em que lá estiveram? Os nossos leitores advogam que as autoridades deviam “caçar” esses automobilistas a fim de lhes tirar as cartas de condução. E só voltariam a fazer-se ao volante depois de vários anos de uma nova instrução.

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Diálogo político inconclusivo

Depois de duas semanas de pausa para cumprir agendas particulares, o Executivo moçambicano e o antigo movimento beligerante, a Renamo, voltaram à mesa do diálogo político na última segunda-feira, 30 de Junho, e alcançaram uma xiconhoquice que classificam de “consensos parciais” em relação aos assuntos que têm vindo a discutir.

Saimone Macuiane e José Pacheco não enganam a ninguém relativamente ao diálogo: eles não chegaram a nenhum acordo. Prova disso é que no dia em que se reuniram as Forças de Defesa e Segurança (FDS) e os guerrilheiros da “Perdiz” voltaram a exhibir armamento bélico, acto que culminou com o ferimento e a morte de pessoas inocentes.

Outra prova tem a ver com o facto de que a Renamo mantém os seus apetites visando partidizar as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) do mais baixo ao mais alto escalão, o que nos dá a entender que, se por ventura chegar ao poder, vai agir, também, como a sua contraparte e cometer a xiconhoquice de tomar tudo como se fosse do partido. Nem a formação política liderada pelo senhor que trocou a vida urbana pela selva nem o Governo e os seus sectários nos enganam como leitores: o diálogo ainda não começou a produzir resultados. Queremos que a guerra cesse sem quaisquer condicionalismos que possam colocar em causa a nossa liberdade.

Política na eleição do bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique

Eugenio Zacarias foi, há dias, eleito bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique, em substituição de Aurélio Zilhão. O recém-eleito obteve 249 votos, o equivalente a 49,7 por cento dos 501 votos depositados nas urnas.

O novo timoneiro daquela agremiação profissional é médico legista, docente de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane e perito da ONG Justice Rapid Response, que presta apoio ao Tribunal Penal Internacional e às Nações Unidas na Investigação Médico-forense de crimes contra a humanidade, genocídios e crimes de guerra. E ele é doutorado em ciências médicas.

Entretanto, pessoas habituadas a fazer xiconhoquices aproveitaram-se deste momento para promover politiquices. Só não vamos citar o nome dessa pessoa e dos seus coadjuvantes para não sujar esta página. Até porque não temos nenhum interesse em promover tais facínoras.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Escassez de anti-retrovirais afecta tratamento do VIH em Moçambique

A escassez crónica de medicamentos anti-retrovirais em Moçambique está a pôr em perigo a saúde e a vida de dezenas de milhares de pessoas seropositivas que beneficiam de cuidados.

Cerca de 454.000 pessoas recebem o tratamento Anti-Retroviral (ARV), ou quase um terço dos 1.6 milhões de moçambicanos que viviam com o VIH em 2013, de acordo com as estatísticas governamentais.

Texto & Foto: Amos Zacarias



“Os nossos pacientes queixam-se de que não estão a receber a dosagem completa de medicamentos,” conta Judite de Jesus Mutote, presidente da Hi Xikanwe (“Estamos Juntos,” na língua changane), grupo que ajuda as pessoas que recebem o tratamento anti-retroviral em Moçambique.

Esta é a última de uma série de três partes sobre as mulheres e a Opção B+ em África. Para que os medicamentos anit-retrovirais sejam eficazes, os comprimidos devem ser tomados todos os dias à mesma hora. A interrupção do tratamento tem graves consequências para a saúde.

“Interromper o tratamento aumenta a carga viral, causa infecções oportunistas e cria resistência ao medicamento, pelo que o paciente passa a necessitar de medicamentos cada vez mais fortes e mais dispendiosos, que por vezes o país não tem,” disse à IPS José Enrique Zelaya, director do Programa Conjunto das Nações Unidas para o VIH/SIDA (ONUSIDA) em Moçambique.

A falta de medicamentos essenciais acontece de vez em quando em Moçambique, mas os últimos seis meses foram particularmente críticos no tocante ao abastecimento de medicamentos anti-retrovirais.

As notícias na Imprensa em todo o país, especialmente nas províncias do centro e do norte, indicam que as pessoas vão várias vezes à clínica, despendendo tempo e dinheiro, mas acabam por regressar de mãos vazias ou com medicamentos apenas para duas semanas em vez de um mês, ou pagam subornos ao pessoal da clínica para receber os medicamentos.

Os pacientes nas zonas rurais são os mais afectados. “Nas zonas rurais, as distâncias entre as clínicas de Saúde e as casas dos pacientes são enormes, e as estradas problemáticas,” confirma Zelaya.

Na província central de Sofala, os ataques efectuados por um grupo rebelde armado cortaram a estrada principal, obrigando as pessoas envolvidas no tráfego comercial a organizar comboios de camiões sob escolta militar, o que perturba ainda mais o fornecimento de

bens essenciais como medicamentos.

Mas mesmo Maputo não tem sido poupadà à falta de medicamentos anti-retrovirais, como confirmam os membros do Hi Xikanwe.

Alguns pacientes acabam por comprar os medicamentos a preços elevados nos mercados informais, sem garantia de qualidade. Muitos suspeitam de que os medicamentos anti-retrovirais das clínicas governamentais acabam por ser vendidos em locais impróprios.

Salmira Ngoni*, mãe seropositiva de 26 anos, enfrentou um abastecimento irregular durante meses na clínica de Ndlavela, na cidade da Matola, 20 quilómetros a norte de Maputo. Em Dezembro, subornou um farmacêutico que lhe vendeu 15 comprimidos anti-retrovirais sem receita médica por 10 dólares.

Em Janeiro, uma frustrada Ngoni tomou outra medida drástica: abandonou a clínica governamental e registou-se no programa DREAM para pessoas seropositivas, dirigido pela Comunidade Católica de Sant’Egídio. A referida instituição não tem sentido qualquer escassez de medicamentos anti-retrovirais. O abastecimento irregular de medicamentos não é novo em Moçambique.

“Basicamente, o problema reside no mau planeamento do Ministério da Saúde e no processo de distribuição segundo as necessidades,” explica Zelaya. Mutote concorda: “Dizem-nos que os medicamentos estão guardados no armazém do Ministério da Saúde (MISAU), mas que o problema é a distribuição. Têm falta de meios para os transportarem para as clínicas de saúde.”

O MISAU apresenta os seguintes dados relativos a contaminações, à prevalência e às faixas etárias infectadas.

Um relatório de 2010 da Organização Mundial da Saúde (OMS) refere os desafios logísticos de Moçambique “na aquisição, distribuição e armazenamento de medicamentos e produtos médicos. A má infra-estrutura pode causar atrasos e danificar a qualidade dos medicamentos, sobretudo por causa da exposição ao calor.”

De acordo com a OMS, o défice de pessoal de Saúde no país afecta “o uso racional de medicamentos devido à capacidade limitada na prescrição de medicamentos a nível clínico e na sua distribuição a nível farmacêutico.”

Segundo o relatório, Moçambique tinha 5.6 profissionais farmacêuticos por cada 100.000 pessoas em 2010, um dos níveis mais baixos em países pobres.

Sinais de alarme

A escassez de medicamentos aumenta e diminui, mas a crescente frequência destas faltas causa alarme nos doadores estrangeiros, que contribuem com uma grande fatia para o orçamento da Saúde para a área da SIDA.

Em Abril, numa conferência de imprensa, o embaixador holandês, Frederique de Man, o ponto focal dos Parceiros de Cooperação para a Saúde, apontou “a necessidade de o público comprar os medicamentos junto de vendedores informais devido ao facto de as unidades de Saúde frequentemente deixarem acabar os stocks de medicamentos ou receberem medicamentos cujos prazos de validade já foram ultrapassados.”

De Man instou o Ministério da Saúde para que ouvisse os protestos das pessoas e das organizações não-governamentais (ONG) e para que melhorasse a cadeia de abastecimento de medicamentos.

Preocupantemente, a escassez de medicamentos anti-retrovirais coloca em causa o plano de Moçambique no sentido de aumentar a Opção B+, a de tratamento recomendada pela OMS para mães seropositivas.

A Opção B+ refere-se à prestação da terapia anti-retroviral ao longo da vida para as grávidas, independentemente da contagem das células CD4.

Em 2013, cerca de 85.000 grávidas seropositivas receberam os medicamentos anti-retrovirais para impedir a transmissão do vírus aos seus bebés.

Destas, metade ficou inscrita na Opção B+. Isto quer dizer que devem receber 30 comprimidos por mês para o resto da vida.

“É crucial manter estas mulheres em tratamento mas isso não é fácil devido às grandes distâncias entre as clínicas e as comunidades,” explicou Guillermo Marquez, especialista em VIH junto do Fundo das Nações Unidas para a Infância em Maputo.

Com a ocorrência de 56.000 novas infecções nas mulheres em 2012, a necessidade do tratamento anti-retroviral vai continuar a aumentar.

Em relação às crianças, houve 12.600 novas infecções em 2013, de acordo com as estatísticas governamentais – uma melhoria em relação ao número de 14.000 novas infecções no ano anterior.

Moçambique quer reduzir o número de infecções pelo VIH nas crianças para menos de cinco por cento em 2015.

Mas Zelaya duvida que seja possível atingir este objectivo a tempo. “Para o conseguir, os medicamentos têm de ser disponibilizados, de outro modo será impossível.”

*Nome fictício para proteger a sua privacidade

Indicador	2012	2013
Novas infecções por VIH	120.533	117.404
Prevalência (15-49)	11%	10.83%
População seropositiva	1554098	1578174
População seropositiva 15+	1362448	1389706
População seropositiva 0-14	191649	188467
Mães que precisam de PMTCT	102793	100904
Adultos elegíveis para tratamento	652228	729831
Crianças elegíveis para tratamento	106111	115030
Cobertura PMTCT	75.0	83.0

Maxixe entre o desenvolvimento e a guerra das casas

Esta cidade continua a ser um entreposto do diabo. Há uma luta diária e titânica pela sobrevivência, que atinge níveis de alta intensidade num lugar permeável ao crime que floresce por Maxixe ser um corredor de economia vital. Há construções que se erguem por todo o lado a um ritmo alucinante, muitas delas sem obedecerem a normas estabelecidas pelas autoridades, como é o caso de um prédio de dois andares que vai ser demolido já numa fase bastante adiantada. Subjazem ainda litígios com acusações de um município que indica o tribunal como sendo um covil de criminosos, que actuam de forma obscura para sentenciar com parcialidade. Mas não é tudo. Maxixe é uma cidade de desordem pública, onde as ruas são, absolutamente, ou quase completamente, ocupadas por vendedores ambulantes que não respeitam a nada.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

O actual presidente do Conselho Municipal da Maxixe, Simão Rafael, logo após a tomada de posse, fez aquilo que hoje por hoje se pode considerar ousadia. Mandou retirar os vendedores das ruas mais visíveis da urbe, incluindo os que ocupavam a Estrada Nacional número um (EN1). Proibiu a utilização da entrada da cidade como praça de autocarros, o que criava um ambiente por demais nefasto, e o resultado dessa medida é que se insuflou a urbe de ar fresco. Porém, este passo que merece ovacão é apenas uma fachada porque a realidade nos diz que Maxixe continua a ser uma cidade selvagem.

A nossa Reportagem esteve recentemente naquele centro urbano e o que constatou é que estamos muito longe de atingir o bem-estar para os municípios. Numa das ruas mais movimentadas, pelas zonas do mercado informal, vulgo "dumba nengue", reside o caos em si. É a chamada zona do peixe, onde os vendedores invadiram a rua quase na sua totalidade. Ou seja, da forma como as coisas se encontram, os automobilistas têm muitas dificuldades para se movimentarem. As bancas de venda estão expostas nas duas margens por sobre o pavet, deixando apenas um fiapo por onde não se podem cruzar dois carros. Este tipo de caos é, também, visível em Maputo e noutras grandes cidades.

Pior do que isso, o marisco é exposto às poeiras, às moscas e ao sol também, criando condições para a desqualificação do produto. Os vendedores dizem estar perante uma situação que os deixa sem alternativas quanto ao local onde ir fazer a vida. E, por não encontrarem esse lugar, a solução que eles encontraram foi invadir a rua inteira. "Se o município nos indicar um sítio adequado para exercermos a nossa actividade podemos sair hoje mesmo". São mulheres que na sua maioria fazem este negócio deplorável pelo facto de a sua mercadoria estar ao relento e a mostrar claramente que não está em perfeitas condições de conservação.

Dante deste cenário repugnante, podemos afirmar que o esforço do município de pavimentar as ruas da cidade é inglório. No lugar de as vias servirem para escoar o trânsito, elas são usadas como centro comercial. É uma extensão de quase um quilómetro em que as pessoas e os carros estão juntos na via, cada um fazendo a sua parte. E tudo isso não deixa de entristecer os sensatos.

Uma das obras que irão eternizar Narciso Pedro, último edil que ficou no "trono" quinze anos, é o ordenamento urbano. Não há dúvidas de que ele revolucionou a cidade. Tornou-a maleável e fresca. O que é necessário, agora, é que cada coisa seja colocada no seu devido lugar. Com o devido respeito pela postura camarária.

Guerra das casas

Ainda nesta zona a que nos referimos, chama-nos a atenção a edificação de um prédio de dois andares que, mesmo a olho nu, nos deixa descobrir defeitos. E, segundo informações obtidas junto do Conselho Municipal da



Maxixe, não existe outra alternativa senão demolir a casa devido ao perigo que ela representa para qualquer pessoa.

A destruição "é resultante da má execução do projecto de construção, incumprimento integral das normas construtivas, desestabilidade total da estrutura dos pilares, vigas e lajes no edifício, surgimento de rachas profundas e progressivas nas paredes, desalinhamento dos pilares e falta de aprumo, desnivelamento na elevação das alvenarias em geral, fraca qualidade do betão, para além de ser executada pelos brigadistas, ou seja, pela equipa de trabalho para empreendimentos domésticos".

A equipa do Departamento de Edificações que efectuou uma visita ao empreendimento em causa constatou todas estas irregularidades, tendo recomendado à edilidade para que determinasse que a obra foi abandonada; por isso, os trabalhos devem ser paralisados e tem de se proceder à demolição de uma estrutura que está a perigar vidas humanas, prevenindo-se outros danos que poderão, eventualmente, ocorrer. Porém, ao passar pelo local, a nossa Reportagem constatou que no lugar de se fazer como se recomenda, as obras continuam.

Prédio em disputa

Ainda na Maxixe, um litígio opõe os cidadãos Abdul Magid e Jasmita Bimbai, sendo que esta última acusa o primeiro de usurpar o seu espaço. Segundo a queixosa, Magide tem documentos falsos que lhe dão a possibilidade de reivindicar uma parcela contida na sua propriedade. "Temos um caso do senhor Abdul Magid que por várias e falsas formas, falsificou documentos e veio dizer que o quintal do prédio é comum e o município da cidade da Maxixe lhe concedeu plenos poderes para construir um armazém". Jasmita diz que meteu uma queixa no tribunal da cidade da Maxixe em 2013, porém, o que ela depreendeu é que dentro do tribunal "existem indivíduos que estão lá para defender os criminosos, e a nossa advogada sabe disso".

De acordo com Jasmita, o senhor Absul Magid "vendeu a casa da minha falecida mãe e tenho todos os documentos que provam isso, e mesmo assim o tribunal concedeu-lhe poderes para construir dentro da nossa privacidade, entrou com

agressão moral e física. Derrubou a nossa vedação e até hoje o tribunal não diz nada".

Magide usou uma parte do quintal da queixosa para construir a sua loja, que já está pronta e em aluguer. "Ele está a receber uma renda de um sítio que não lhe pertence. Há um ano que vivemos sem segurança, vivemos com medo, sofremos ameaças, provocações, roubos, porque a vedação foi quebrada e o senhor Abdul Magide, a esposa e amigos, fazem provocações contra nós. Agora quero saber: onde foi a Justiça? Moçambique está em desenvolvimento? Dentro do Tribunal cometem-se crimes".

Entretanto, Magid refuta todas as acusações feitas por Jasmita. "Não é verdade que eu esteja a fazer ameaças. Também não corresponde à verdade que eu lhe tenha agredido, ou esteja a ocupar o espaço dela. De facto vendi a esta família a parte de cima deste prédio que pertence ao meu falecido pai. Mas o prédio tem um quintal, que é um espaço comum para os condóminos. Tendo eu ficado com a parte do rés-do-chão, significa que nós os dois temos direito ao quintal. O que eu fiz foi usar uma parte desse quintal para construir esta pequena barraca para o meu negócio e a casa de banho. Não vejo onde está o mal nisso, tanto mais que lhe dei uma parcela considerável. Ela acusa-me de usar documentos falsos, mas isso não é verdade. Tenho todos os documentos e a sentença do tribunal que me autoriza a fazer a construção. Não vejo onde está o problema".

Refira-se que as obras, depois de um tempo embargadas supostamente por estarem a decorrer em terreno alheio, prosseguem em virtude de uma sentença do tribunal que considera Magid como co-proprietário do espaço comum em disputa. Aliás, na mesma estância de justiça decorre uma acção intentada por Jasmita – não conformada – com vista à restituição de posse do terreno.

Poluição sonora perturba o descanso dos municípios em Maputo

Os cidadãos que vivem nas proximidades do campo do Grupo Desportivo de Maputo, na capital moçambicana, queixam-se de grande perturbação devida à poluição sonora decorrente dos espectáculos que são promovidos aos fins-de-semana naquele espaço que já não se destina apenas ao desporto. O ruído que se propaga a partir daquele local é de tal sorte que interfere na comunicação, e perturba o sono e o descanso dos moradores, segundo os lesados. É assim, também, no bairro do Aeroporto "B", onde a edilidade é acusada de não dar conta do recado, apesar das várias denúncias feitas.

Texto & Foto: Reginaldo Mangue

Na Rua Principal – assim identificada pelos moradores – no bairro do Aeroporto "B", quando chega a sexta-feira, os residentes têm vontade de mudar de domicílio devido ao barulho, mormente porque julgam que o município ignora os seus gritos de socorro. Um grupo de jovens estaciona viaturas em frente ao Mandela Place e fica horas a fio a "bombar" (conforme a gíria juvenil) música enquanto se embriaga. O som é sempre alto e incomoda todos os que se encontram nas redondezas, para além de não se respeitar a dor de gente enlutada.

Os residentes daquele ponto da cidade de Maputo explicaram ainda que a farra a que se referem começa, quase sempre, à meia-noite de sexta-feira e continua pela madrugada até ao raiar do sol de sábado. O Conselho Municipal da Cidade de Maputo tem conhecimento deste problema mas não muge nem tuge; por isso, o caos prevalece.

No dia seguinte, os jovens retomam o divertimento até a manhã de domingo. Os municípios disseram que não estão contra o negócio do estabelecimento comercial no qual o álcool é consumido mas pedem paz e que se respeite o repouso dos vizinhos.

Herculano Manjate vive na rua em alusão e contou a 17 de Junho passado que perdeu um familiar mas ninguém se preocupou em evitar a barulheira. A comissão de moradores está neste momento a organizar um abaixo-assinado para tentar fazer face ao problema.

Um dos moradores tem um recém-nascido em sua casa. Agastado com a situação, ele transferiu o filho e a esposa para outra zona com vista a terem sossego. E o jovem lamenta que a Polícia Camarária não se dirija ao local para devolver a tranquilidade aos municípios, pese embora, por várias vezes, tenha sido informada sobre o que se passa naquele local. "Eles simplesmente nunca aparecem...".

Ralis, viaturas estacionadas na via pública a "bombar" música nas proximidades de residências e festas descontroladas promovidas em lugares inadequados são alguns cenários de poluição sonora a que se assiste em vários pontos da cidade capital moçambicana no fim-de-semana. Perante esta desordem, as autoridades alegam que estão a fazer o que devem, mas o certo é que na prática nada muda. Os prevaricadores continuam a fazer das suas e sem nenhuma penalização. Enquanto isso, os municípios não podem reposar à vontade. Naquele bairro já não se sabe a quem recorrer e a música em tom alto continua a perturbar o repouso merecido das pessoas, depois da jornada de trabalho durante o dia.

As reclamações repetem-se em relação ao que se passa no campo do Grupo Desportivo de Maputo. Carlos Afonso, que mora no prédio número 1.179, na Avenida 25 de Setembro, há 34 anos, é um exemplo disso. Porém, de há alguns anos a esta parte, ele queixa-se de estar a passar por momentos de aflição devido à poluição sonora. Na sua zona, o fim-de-semana é prenúncio de perturbação. Os proprietários daquela infra-estrutura arrendam-na para a realização de espectáculos. Para o feito, no local foram montadas colunas de som com uma potência inapropriada para uma área habitacional.

Segundo o nosso entrevistado, por vezes, os shows iniciam numa sexta-feira e prolongam-se até às 6h:00 de segunda-feira. A intensidade do som perturba o sossego e a tranquilidade das pessoas que se encontram fora do raio onde geralmente decorre o evento. "Sempre que telefono para pedir a intervenção deles (da edilidade) dizem que estão a caminho mas nunca aparecem porque não se importam com o bem-estar dos contribuintes...".

Joana Santos vive num edifício localizado mesmo ao lado do Gru-

po Desportivo de Maputo. Segundo a munícipe, o problema de que muitos residentes se queixam já tem barbas brancas e rias. Há 20 anos que a senhora sofre calada porque as autoridades não mostram interesse em acabar com o caos, mas, sim, em ganhar dinheiro.

"Quando o som alto não se propaga a partir da Feira Popular, difunde-se a partir das instalações do Grupo Desportivo de Maputo, da Avenida 10 de Novembro, da Praça Robert Mugabe e da Praça da Independência ou mesmo da Avenida 25 de Setembro, onde um grupo de jovens protagoniza competições de desporto automóvel sob o olhar conivente da edilidade", desabafou Joana, para quem o cidadão não tem direito a descanso naquela zona.

Sobre esta situação, o @Verdade contactou Michel Grispes, presidente do Grupo Desportivo Maputo. Ele foi parco em palavras e disse que o clube arrendou um espaço à DDB Moçambique. Esta é que pode responder pelos problemas que inquietam os cidadãos em causa.

Vasco Rocha, da DDB Moçambique, defendeu que a sua instituição seguiu todos os parâmetros legais para a realização de eventos nas

instalações que arrendou. "Não tínhamos a noção de que eventualmente estivéssemos a cometer excessos e incomodásssemos as pessoas. Não era do nosso interesse perturbar o sossego e a tranquilidade delas e pedimos desculpas por isso. Daqui para a frente vamos tentar arranjar uma forma de minimizar o incômodo...".

Joshua Lai, porta-voz do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, reconheceu que nos últimos anos tem havido muitas pessoas a poluir o meio ambiente com aparelhos sonoros, mas também acusa os municípios de não contribuírem para a denúncia dos indivíduos que fazem isso.

"Nos casos em que alguém se queixa de uma situação igual não se indica com precisão a localização do sítio, o que dificulta a intervenção por parte das autoridades. A poluição sonora é uma infracção punível nos termos da lei. A multa está estipulada em 5.000 metálicos...".

Sobre o que se passa no campo do Grupo Desportivo Maputo, Joshua Lai considerou que aquelas instalações se encontram num local apropriado para a promoção de eventos e espectáculos e tem a autorização do município para o efeito.

Publicidade

TELEPHONE: +258 21494917

FAX: +258 21494917



Republic of Botswana

BOTSWANA HIGH COMMISSION
141 RUA DE DAR ES SALAAM
SOMMERSCHIELD, MAPUTO
MOZAMBIQUE

ALTO COMISSARIADO DE BOTSWANA

REF: HCM 1/14 I (50)

VAGA: COZINHEIRO CHEF/EMPREGADO

CIRCULAR DE VAGA N.º 1 DE 2014

DATA: 02 de Julho de 2014

O objectivo principal do posto é confeccionar refeições para a família e visitantes do Sr. Alto Comissário e a limpeza da residência.

Deveres:

1. Confeccionar refeições para o Alto Comissário, sua família e visitantes conforme fôr solicitado.
2. Limpeza da casa e áreas circunvizinhas (limpar quartos, janelas e o parque etc).
3. Manutenção de material doméstico na residência e informar quaisquer defeitos ou quebras no escritório.
4. Certificar que o material de limpeza está sempre disponível e informar o oficial quando estiver para acabar.

Perfil dos Candidatos Qualificados

Para ser nomeado para este posto, os candidatos devem ter pelo menos um Certificado da Escola de Cambridge (COSC), Certificado em Catering / Cozinha e ser capaz de falar Inglês Básico.

Salário: 178 753,00Mt por ano

Férias: 2 dias úteis por ano no primeiro ano

Benefícios:

- i) Assistência Médica e medicamentosa na responsabilidade do Alto Comissariado de Botswana apenas para o empregado.
- ii) Contribuição para Segurança Social (o Governo paga 4% e o empregado 3%)

Requerimentos:

Os candidatos devem mencionar o número desta circular de vaga e dêem os seguintes pormenores:

- a. i) Currículo Vitae detalhado
- ii) Cópias de certificados originais reconhecidas (Academicos e Profissionais) e pelo menos duas (2) referências relacionadas com o trabalho.

Importante:

Os candidatos que não possuirem o mínimo dos requisitos acima estipulados não serão respondidos. Apenas uma lista curta de candidatos será contactada.

As candidaturas devem ser dirigidos para:

Alto Comissário
Alto Comissariado de Botswana
Rua de Dar Es Salaam nº. 141
Sommerschield
Maputo

Data do fecho do concurso: 22 de Julho de 2014

Para mais informações, por favor contactar a **Sra. N.B. Sebeso** através do telefone **21243800**.

Sucataria indesejável na cidade de Inhambane

Chegou-se ao ponto de saturação. Os moradores do bairro Chalambe II, na cidade de Inhambane, exigem a remoção de uma sucata instalada num dos pontos daquela zona residencial, pelo facto de este amontoado de ferro e outros metais estar a constituir, para além de problemas ambientais, um perigo à vida das pessoas por ser, também, um abrigo de marginais. Barros, proprietário dos desperdícios recicláveis, já foi por diversas vezes intimado pelas autoridades a retirar os objectos, mas nunca deu conta do recado. E, agora, depois de tanta paciência, os habitantes locais pedem uma mão mais forte por parte da edilidade.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

O presidente da edilidade, Benedito Guimino, foi notificado sobre a situação e disse à Imprensa que o proprietário terá de retirar as sucatas em alusão porque já são insuportáveis. "Nós, como município, identificámos um local em Siquiriva, onde podem ser depositados aqueles materiais e estamos a trabalhar no sentido de aliviar o local e devolver o bem-estar aos moradores".

Barros é um mecânico bastante conhecido na cidade de Inhambane e tem uma oficina em frente ao palácio do presidente do Município da Cidade de Inhambane. Em tempos, o local também parecia um sítio de armazena-



mento de artefactos metálicos fora de uso, com carros avariados espalhados na Avenida da Independência, a principal da urbe.

Foi necessária uma intervenção da edilidade para que tudo aquilo fosse retirado e depositado num lugar devidamente criado para o efeito. "Nessa altura, notificámos o senhor Barros a proceder à remoção das viaturas que obstruíam a estrada e tiravam estética à cidade. Ele foi renitente, o que nos obrigou a actuar. Removemos as

sucatas e quando lhe apresentámos a factura do trabalho realizado ele recusou-se a pagar. Porém, remetemos o caso às autoridades judiciais para se proceder ao pagamento de forma coerciva", explicou Benedito Guimino.

De referir que, relativamente às sucatas do bairro do Chalambe II, tudo leva a crer que o município terá que agir da mesma forma, porque o visado não se pronuncia. Já foi convocado a uma reunião pelos moradores, mas nunca se fez presente, o que irrita ainda mais os afectados. Segundo os municíipes da zona, há marginais que usam aquele lugar como esconderijo para à noite fazerem das suas.

"Nós não merecemos esta imundície. A cidade de Inhambane não merece este lixo e estas sucatas servem como um viveiro de cobras, que, amiúde, nos têm atormentado", concluíram os moradores, que esperam uma acção a curto prazo.



Seis menores da mesma família assassinados à catanada na Zambézia

Indivíduos em número não apurado e a monte assassinaram seis menores da mesma família, dos quais um de apenas oito meses de vida com recurso a catanas e facas, na madrugada de sábado passado, 28 de Junho, no bairro da Liberdade, distrito de Chinde, sito na província da Zambézia.

As razões deste crime bárbaro e que chocou os habitantes daquele ponto do país ainda são desconhecidas. A Polícia está no encalço dos protagonistas com vista a esclarecer o que originou esta crueldade. Já há gente suspeita, incluindo alguns vizinhos e demais pessoas consideradas de má conduta.

Segundo Elsídia Filipe, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique na Zambézia, os malfeitos invadiram a casa e a proprietária, ao aperceber-se de uma movimentação estranha no seu domicílio, saiu a correr gritando por socorro. Quando a senhora obteve ajuda o pior já tinha acontecido.

Os corpos das vítimas foram encaminhados para a morgue do Hospital Distrital de Chinde, apesar de não dispor de um sistema de frio. Natália Saulino, mãe dos menores, diz ter visto seis pessoas encapuzadas na altura do crime. O distrito é

considerado bastante calmo; por isso, o facto causou indignação e terror.

Em Chinde vive-se um clima tenso devido a este incidente. Aliás, os pais das crianças assassinadas foram transferidos para a zona centro daquele ponto do país e estão sob protecção das autoridades para evitar que populares façam justiça pelas suas próprias mãos por suspeitarem de que Natália Saulino seja cúmplice do crime, uma vez que, supostamente, não fez nada, para além do pedido de socorro, para evitar a tragédia.

A senhora disse que os meliantes não roubaram nada no seu domicílio. Na altura em que a desgraça aconteceu o chefe da família encontrava-se na cidade de Quelimane, onde ia adquirir produtos para o seu negócio. Auade Eusébio, técnico de saúde no Hospital Distrital de Chinde, disse que as vítimas apresentavam escoriações graves e um dos menores perdeu a vida na unidade sanitária.

Por seu turno, Luís Francisco, enfermeiro-chefe do Hospital Distrital de Chinde, classificou o acto de bárbaro e como um dos casos jamais vistos naquela região.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Já que ele é seropositivo e eu não, o que vai acontecer?

Caríssimos leitores,

Ainda na onda da aderência ao tratamento anti-retroviral, ouvi dizer que há mães seropositivas que depois do parto não levam as crianças ao controlo. Ora, mesmo que uma mãe tenha feito a Prevenção da Transmissão Vertical do VIH, e a criança tenha nascido aparentemente saudável, é importante e urgente que a criança continue a fazer o controlo de acordo com a explicação que dão na unidade sanitária depois do parto. Se fores mãe grávida seropositiva e quiseres saber mais sobre isto, ou sobre outros assuntos de saúde sexual e reprodutiva,

envia mensagem através de um

sms para 90441

E-mail: averdademz@gmail.com

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá. Tenho problemas de corrimento, como se fosse água de arroz. Já fui ao hospital, deram-me injeções e comprimidos, mas não passa. Já tenho esse problema há três anos. Peço ajuda. Lita do Albazine

Olá querida. Imagino a tua frustração. Quando eu era mais nova não sabia muito sobre o funcionamento do meu sistema reprodutor e também entrava em pânico e frustração com o corrimento. Ora, deves saber que há vários "líquidos", vamos assim chamar, que saem espontaneamente através do nosso canal vaginal, para além da menstruação. Vou dar-te alguns exemplos: durante a excitação sexual, produzimos um líquido viscoso, fino e transparente que ajuda a lubrificar o canal para o acto sexual; quando atingimos o orgasmo ou ejaculamos apenas, sai um líquido menos viscoso, que se parece com urina branca; durante o período fértil, mesmo perto da ovulação, produzimos e libertamos uma espécie de líquido pastoso branco e sem cheiro, que pode parecer água de arroz ou queijo branco, que é até um sinal de que estamos fertilíssimas para engravidar. Muitas vezes confundimos tudo isto com o corrimento. O corrimento é um fluxo ou descarga vaginal, que sai com um volume aumentado, e que muitas vezes é acompanhado de mau cheiro, comichão, irritação e ardência na área genital. Tu sentes isso também? Ele está geralmente associado ao desenvolvimento de fungos (ou bactérias) na flora vaginal, ou a alguma ITS. O corrimento associado a uma ITS requer um tratamento com antibióticos, de forma consistente, para evitar a resistência da infecção. Assim, eu sugeria que fizesses o seguinte: acompanha o teu ciclo menstrual, e anota nos próximos meses quando exactamente aparece esta "água de arroz". Depois disso, por favor, vai a uma unidade sanitária consultar um/a ginecologista, para fazer os exames necessários que possam diagnosticar o problema e recomendar o tratamento adequado. Se fores sexualmente activa, usa o preservativo nas tuas relações sexuais para evitares as ITS.

Olá Tina. Tudo bem? Tenho um problema e quero a tua ajuda. Descobri que o meu namorado é seropositivo. Tenho uma criança com ele, mas eu não sou, e sempre usamos o preservativo.

Olá. Bom, estou a assumir que a tua dúvida ou apelo está relacionada com a intenção de entender as implicações de ele ser seropositivo e tu não. Em primeiro lugar vou dizer-te que o vírus do VIH é transmissível e o único tratamento que existe em Moçambique são os anti-retrovirais, que ajudam o corpo a reduzir a reprodução deste mesmo vírus. A infecção pelo VIH não é uma sentença de morte, pois as pessoas podem, se assim desejarem, viver o número de anos que quiserem, aderindo correctamente ao tratamento TARV. Tendo dito isto, é importante que saibas que existem casais como vocês, em que um é seropositivo e o outro não, e chamam-se casais discordantes. Estes casos existem em todo o mundo, embora sejam ainda raros. Isto não significa que não te irás infectar, pode apenas significar que por enquanto o vírus não está a eliminar a tuas células protectoras. Não sabendo até quando vocês se vão manter discordantes, é importante que continuem a prevenir-se usando o preservativo. Se quiserem ter mais filhos, também não será difícil, pois também já temos em Moçambique, há muitos anos, a Prevenção da Transmissão Vertical, que é um tratamento gratuito para mulheres grávidas seropositivas. Eu sugiro que converses abertamente com o teu parceiro, façam o teste mais uma vez juntos, e falem sobre o futuro da vossa relação (como vão evitar a transmissão do vírus para ti, como se vão manter saudáveis e, principalmente, como garantir a fidelidade entre vocês).

GCCC investiga investimentos “milionários” de Nini Satar

Na sequência do artigo publicado pelo @Verdade, na edição antepassada, em que trouxemos a público uma série de investimentos detidos por Nini Satar no estrangeiro, o Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC) foi ouvi-lo em audição na passada sexta-feira na cadeia de máxima segurança, vulgo B.O.

O GCCC é uma unidade subordinada à Procuradoria-Geral da República (PGR) que se dedica à investigação de crimes de corrupção, como o nome sugere. Uma das formas de manifestação da corrupção é o branqueamento de capitais, daí a preocupação da PGR em querer saber onde aquele recluso arranjou tanto dinheiro no período que vai de 1996 (ano da fraude no fundo BCM) até 2009. Será que a PGR vai conseguir apresentar respostas?

Texto: Luís Nhachote

O processo número 186PRC/14

De acordo com fontes insuspeitas do @Verdade, dois investigadores do GCCC estiveram na passada BO, onde ouviram em audiência Nini Satar.

Os membros da equipa liderada por Ana Maria Gemo, segundo as nossas fontes, querem saber daquele onde terá arranjado investimentos na ordem de cerca de 100 milhões de dólares americanos. “Basicamente, o Ministério Público pretende saber os mecanismos que aquele teria usado para a transferência e a proveniência do dinheiro” disse uma fonte ligada ao processo.

O @Verdade apurou que o interrogatório levou três horas de tempo, e os agentes do MP não tiveram satisfeitos com as respostas obtidas. De referir que os advogados de Nini Satar não foram notificados para a audiência de sexta-feira, que consideram ilegal. “A PGR tenta a todo o custo ouvir Nini na calada sem que o advogado esteja presente” disse-nos um dos advogados.

Um dos seus defensores, que pediu para não ser citado, lembrou que o código penal vigente defende a presença daqueles nas audições com os seus clientes. “Parece que a PGR está preocupada com o facto de o meu cliente ter cumprido metade da pena e está preocupada com a sua provável liberdade condicional”.

Nini igual a si mesmo

Na referida audiência, Nini Satar terá dito aos procuradores que a “audiência é ilegal” e que poderia provar a origem dos investimentos detidos em França, África do Sul e Portugal.

De acordo com as nossas fontes, na mesma audiência, o mais novo da badalada família Satar não terá deixado satisfeitos os procuradores que o fizeram ouvir ao apelar-lhes para “investigarem outro tipo de crimes”, alegando que aqueles investimentos eram抗igos.

Nini terá mesmo dito aos procuradores que ganhou aquele montante no “Euromilhões” e que tem “dinheiro para comprar a Barragem de Cahora Bassa”.



Os factos que levaram a PGR à B.O

Momad Assif Abdul Satar, mais conhecido por Nini Satar, de 40 anos de idade, tem investimentos na ordem de 100 milhões de dólares americanos, apurou o @Verdade nas suas investigações. Do período que vai de 1996, ano em que ele fez parte dos delapidadores do defunto Banco Commercial de Moçambique (BCM), até 2009, Satar terá feito investimentos avultados no sector imobiliário, de cerca de quatro milhões de dólares norte-americanos em França, na compra de 40 apartamentos numa das zonas luxuosas de Paris, designada Louvre.

Na época, 1996, Nini Satar terá desembolsado cerca de 14 milhões e 480 mil francos franceses, ao câmbio da época, equivalentes a quatro milhões de dólares.

Por outro lado, entre os anos 2006 e 2008, Momade Assif investiu cerca de 580 milhões de rands na compra de um hotel de cinco estrelas numa zona privilegiada da Cidade do Cabo, em Green Point.

Para a compra do referido empreendimento, os pagamentos foram feitos a partir de um banco em Dubai, o Emirates Bank, para uma conta na África do Sul, ambas tituladas por Momade Assif Abdul Satar. Outra parte de dinheiro foi paga a partir dum conta em Londres, também registada em nome de Momade Assif.

O @Verdade apurou que a 3 de Outubro de 2008, Momade Assif Abdul Satar ordenou, através dos seus representantes, ao banco de Dubai que fizesse uma transferência no valor de 11 milhões de dólares, para uma conta sul-africana também em seu nome. Já no dia 8 do mesmo mês e ano, a transferência foi de seis milhões de dólares e no dia seguinte seria de nove milhões.

Já no dia 5 de Novembro do mesmo ano, Nini Satar voltaria a ordenar uma transferência de três milhões de dólares. No dia 2 de Fevereiro de 2009 foi de quatro milhões de dólares e, dois dias depois, seriam pagos mais cinco milhões, o que significa que, até Fevereiro de 2009, Nini Satar já havia feito uma transferência de 46 milhões de dólares de Dubai, o equivalente a 168 milhões e 360 mil dharams, moeda local. Este valor, na sua totalidade, foi transferido para um banco sul-africano, o Nedbank.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 04 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Possibilidade de chuvas fracas ou chuviscos na faixa costeira.
Neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado.
Possibilidade de neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo.
Neblinas matinais locais.
Vento do quadrante norte fraco a moderado.

Sábado 05 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Possibilidade de chuvas fracas ou chuviscos locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Possibilidade de neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado passando a muito nublado.
Possibilidade de chuvas fracas locais.
Neblinas matinais locais.
Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado.

Domingo 06 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Ocorrência de neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado.
Possibilidade de chuvas fracas locais.
Vento de sueste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdadem@gmail.com

ou escreva no Mural do Povo

Camponeses de Mutuali agastados com o sector da Agricultura

A produção de hortícolas no posto administrativo de Mutuali, no distrito de Malema, na província de Nampula, está comprometida devido ao facto de os Serviços Provinciais da Agricultura terem distribuído sementes de couve, de tomate, de pimento, de cebola, de cenoura e de repolho, supostamente deterioradas, que não germinaram depois de lançadas à terra.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Por um lado, os Serviços Provinciais da Agricultura presumem que as sementes não tenham sido bem conservadas; por outro, os agricultores são de opinião de que os referidos grãos, importados do Brasil, já estavam fora do prazo. Segundo narram, em Novembro de 2013, o sector de Agricultura do distrito de Malema vendeu-lhes as sementes a preços bonificados como forma de estimular os produtores a aumentarem as áreas de cultivo de culturas alimentares. Contudo, chegada a altura da sementeira, o grosso delas não germinou.

De acordo com Lucas Massaua, um dos responsáveis do Fórum de Produtores do Povoado de Lacapa, em Malema, no qual estão inscritos 524 camponeses, as sementes foram comercializadas pela empresa Agromoz. "Estávamos esperançados de que a nova variedade de sementes iria germinar melhor em relação às que vinhamos usando, mas não foi o que se viu".

As autoridades foram colocadas a par deste problema e, não se tendo pronunciado, cada agricultor optou por recorrer a fundos próprios para assegurar uma nova sementeira. Apesar de não avançar as quantidades, Massaua disse que a produção baixou em virtude de a sementeira ter acontecido fora do período previsto para o efeito.

Em contacto com o @Verdade, Joaquim Tomás, chefe dos Serviços



Provinciais da Agricultura em Nampula, confirmou que o seu sector distribuiu variedades de sementes de couve, de tomate, de pimento, de cebola, de cenoura e de repolho no distrito de Malema, mas as expectativas dos camponeses no que diz respeito à produção não se concretizaram. Eles consideram que as sementes têm alguma ligação com o PROSAVANA, o que não é verdade.

De acordo com o nosso interlocutor, "as sementes em causam podem não ter germinado por causa da má conservação, na medida em que elas precisam de ser mantidas num bom ambiente. É possível que tenham ficado muito tempo nas mãos

dos produtores e mal conservadas, daí que perderam a qualidade".

Num outro desenvolvimento, Joaquim Tomás afirmou que não houve nenhum exame de laboratório porque as sementes reclamadas já estavam fora do prazo de uso, ou seja, estavam deterioradas. Ele nega, porém, que os agricultores tenham comprado o produto a preços baixos.

O nosso entrevistado esclareceu ainda que os gestores do programa PROSAVANA ainda não têm mandato para distribuir sementes; por isso não há qualquer ligação entre este projecto e o facto de as mesmas terem apodrecido.

Mortalidade materna mantém-se elevada em Moçambique

O rácio da mortalidade maternal em Moçambique mantém-se em 408 mortes maternas por cada 1000 nados vivos, o que significa que desde 2003 não houve melhorias neste aspecto.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Fernando Mbofana, director Nacional de Saúde Pública, disse na abertura da reunião Nacional dos Comités de Auditores de Mortes Maternas, Neonatais e Perinatais, em Maputo, que visava avaliar os progressos feitos nesta área e traçar acções para estancar o mal, que cerca de 3.840 mulheres morrem todos os anos devido a complicações na gravidez, à hemorragia obstétrica, à ruptura do útero, à sepsia e à eclâmpsia.

Cintando o Inquérito Demográfico de Saúde (IDS) 2011, aquele quadro indicou que na zona rural o cenário continua preocupante e 45 porcento dos partos ainda acontecem fora das unidades sanitárias ou sem quaisquer formas de assistência por parte dos profissionais da Saúde.

A situação acima referida exige do Governo a expansão da rede sanitária e a construção de maternidades em locais onde há maior concentração de

pessoas para que as mulheres tenham a assistência necessária nos serviços de parto. Em termos de disponibilidade, os hospitais cobrem apenas 60 porcento de todo o território moçambicano.

De referir que o Conselho de Administração do Banco Mundial anunciou que aprovou uma subvenção de 50 milhões de dólares norte-americanos para ajudar o Governo moçambicano a melhorar a transparência e a eficiência das despesas na distribuição de medicamentos, armazenamento, disponibilidade, como também na gestão de conselhos escolares, distritos e do orçamento.

Com o montante espera-se melhorar a disponibilidade de medicamentos em mais de 1.300 unidades sanitárias no país. Relativamente à Educação, o fundo deverá aumentar a eficácia da gestão em 4.348 escolas primárias completas que lecionam da 1ª a 7ª classe.



Mamparra of the week
Machatine Munguambe
Luis Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

Os mamparra desta semana é Machatine Munguambe, juiz presidente do Tribunal Administrativo (TA), que, em defesa do indefensável, entrou na água, como diz o vulgo.

Um relatório de uma auditoria interna às contas do TA, solicitado pelos principais parceiros daquele órgão de soberania, trouxe à ribalta uma série de atropelos e violação da Lei de Procurement, a utilização exagerada dos fundos do Estado, entre outros males naquela instituição que tem a vocação de auditar os destinos dos dinheiros dos contribuintes.

O Decreto nº 15/2010, que aprova o Regulamento de Empreitada de Obras Públicas, Fornecimento de Bens e Prestação de Serviços ao Estado, de acordo com o que foi vertido pela Imprensa na praça pública é gravemente pontapeado no Tribunal Administrativo (TA) da era Machatine.

Munguambe, o Machatine, foi esta semana chamado para dar a sua versão aos factos bastantes e nada abonatórios, pela Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e da Legalidade (CACDHL), e nela negou ter havido gestão danosa na instituição que dirige dizendo que tudo foi uma invenção.

"Foram inventadas várias falsidades para me atingir. Em todos os quatro anos anteriores tivemos auditorias internas e reportaram alguns problemas, mas, no último ano de mandato, vieram invenções que se tornaram o pior momento da minha vida", disse Machatine, o Munguambe, aos deputados.

O único "erro" que Machatine aceita levar às costas é o facto de ter introduzido o pagamento de subsídios a alguns quadros, como forma de incentivar e estimular o seu desempenho.

E como ele deve pensar que isso baste e é passível de passar em branco sem mais "chatices", o homem UM do TA disse que "reunimos com todas as pessoas que beneficiaram dos subsídios e concordamos em repor. Eu, inclusivamente, estou a contribuir para a reposição desse valor, mesmo não tendo entrado no sistema de incentivos".

Muito naturalmente Machatine, o Munguambe, pensa que estão resolvidas as questões despoletadas pela gestão danosa no TA.

Aqui, noutro espaço, escalpelizámos na série "Moçambique a saque", as "brincadeiras" da malta Munguambe, o Machatine, tais como gastos em combustíveis de certa viatura, cujo consumo mensal atingiu os milhares de contos num único mês.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Moçambique aquém das metas dos ODM no sector da água e do saneamento

Moçambique não vai cumprir as metas previstas nos Objectivos de Desenvolvimento de Milénio (ODM) no que tange ao acesso à água e ao saneamento do meio, supostamente por falta de fundos, ausência de manutenção periódica das fontes de abastecimento do precioso líquido, dispersão da população, dentre outros factores.

Texto: Redacção • Foto: Sérgio Fernando

Messias Macie, chefe do Departamento de Planificação Da Direcção Nacional de Águas (DNA), disse ao @Verdade que dos 23 milhões de habitantes, 53 porcento têm acesso a água potável e apenas 33 porcento beneficiam de saneamento básico, contra 70 e 50 porcento, respectivamente, definidos pela Organização das Nações Unidas com vista a serem alcançados até 2015 no âmbito dos ODM.

Recentemente, organização internacional WaterAid Moçambique referiu que perto de 12 milhões de moçambicanos, de um total de 23 milhões, ainda não têm acesso a água potável no país e 19 milhões de pessoas não beneficiam de saneamento básico.

De referir que o ODM preconiza a redução do número de pessoas sem acesso a água e saneamento para metade. Enquanto isso, estima-se que mais de nove mil menores de cinco anos morrem anualmente em Moçambique, em consequência das doenças diarreicas, por não terem acesso a água segura, ao saneamento e à higiene.

Segundo o nosso entrevistado, se o país alcançasse os 70 porcento, 11.8 milhões de moçambicanos teriam acesso ao precioso líquido. Relativamente à outra meta, ou seja, 50 porcento de saneamento, 4.8 milhões de pessoas da zona rural e 6.2 milhões de indivíduos, o equivalente a 80 porcento na área urbana, seriam contempladas.

A cobertura urbana de abastecimento de água abrange 6.5 milhões de pessoas (85 porcento) o saneamento beneficia quatro milhões (48 porcento) de cidadãos, contra 2.5 milhões na zona rural. Para Messias Macie, este dados equivalem a dizer que uma fonte de água está para 300 pessoas. Em 2012, um fontanário abrange 500 indivíduos.

Na província do Niassa, 43.5 porcento da população têm acesso a água; Cabo Delgado 37.1 porcento; Nampula 38.5 porcento; Zambézia 25.5 porcento; Tete 43.5 porcento; Manica 84.2 porcento; Sofala 65.6 porcento; Inhambane 60.3 porcento; Gaza 70.1 porcento; província de Maputo 85.1 porcento e cidade de Maputo 98.9 porcento.



Em relação ao saneamento, Niassa possui apenas 1.5 porcento de latrinas melhoradas; Cabo Delgado 0.8 porcento; Nampula 0.6 porcento; Zambézia 0.1 porcento; Tete 1.5 porcento; Manica 0.9 porcento; Sofala 4.6 porcento; Inhambane 0.6 porcento; Gaza 2.2 porcento; província e cidade de Maputo 7.6 e 26.7 porcento, respectivamente.

O nosso entrevistado acredita que, nos próximos cinco anos, o número de indivíduos que enfrentavam dificuldades no abastecimento de água vai reduzir, devendo atingir 250 pessoas por cada fonte, contra as actuais 300, na medida em que anualmente são construídos 3.000 poços e furos para grande parte da população que ainda percorre longas distâncias e enfrenta crocodilos nos rios para obter um bidão de água.

Contudo, o alcance desse desiderato depende da erradicação da defecação a céu aberto e do desembolso de fundos na ordem de 50 milhões de dólares norte-americanos por ano, contra os actuais 30 milhões de dólares, para se assegurar a manutenção periódica de fontanários e treinamento de recursos humanos, entre outras acções.

Num outro desenvolvimento, Macie disse que neste momento está em curso a reabilitação dos sistemas de drenagem e tratamento de água nas cidades da Beira, concretamente nos bairros da Chota e de Macurungo e da drenagem do Chiveve. Há também obras em curso em Quelimane, Maputo e Nampula. Nesta última parcela do país e na Zambézia as taxas de cobertura são mais baixas devido ao elevado nível de assoreamento, o que exige a introdução de medidas arrojadas para se fazer face à situação.

"Podemos afirmar que não podemos alcançar as metas traçadas até 2015, mas na componente de acesso à água potável estaremos muito próximos das exigências definidas", concluiu Macie.

Há falta de água em Nacarôa

O distrito de Nacarôa, na província de Nampula, é um dos pontos do país onde a água é ainda um luxo. Diariamente, as crianças percorrem longas distâncias para obterem 20 litros do precioso líquido. Trata-se de um problema que assola várias zonas do país, onde, para além de se depender da torneira do vizinho, os poços artesanais não dispõem de água durante todo o ano. Há períodos em que a seca agudiza a situação.

Aliás, em algumas regiões onde as autoridades construíram fontes de abastecimento do precioso líquido, as torneiras ficam completamente secas e, não tendo outra alternativa, a população recorre a correntes de água doce.

Isabel Claudina, de 11 anos de idade, vive no bairro de Cataya, naquela circunscrição geográfica. Ela passa a maior parte do tempo à procura de água; por isso, não tem tempo para brincar com outros petizes. Para evitar ficar horas a fio na fila de um fontanário, recorre ao rio que separa os bairros de Nahage e Cotocuane.

O drama repete-se na vida de Nádia Katupa, de 14 anos de idade, para quem, à semelhança de outras crianças, ir à escola ainda é um grande desafio, talvez por ser menina. No seu bairro, o acesso a água potável está longe do seu horizonte. E, como se pode imaginar, a higiene nunca pode ser das melhores diante esta crise. Ela vive com os tios paternos e disse ao @Verdade que nunca foi à escola. A sua rotina resume-se à lavoura e à procura de água. Esta última tarefa chega a ocupar a maior parte do seu tempo.

O director dos Serviços Distritais de Planeamento e Infra-estrutura de Nacarôa, Diogo António, disse que localmente existem 218 fontes de águas, das quais 194 funcionam. Naquele distrito é difícil abrir um furo de água devido à natureza do solo. Nos postos administrativos de Inteta e Saua-Saua a situação é mais crítica e a insuficiência de fundos faz com que, em parte, que os petizes caminhem bastante para obter o precioso líquido. O governo daquele ponto do país precisa de cerca de 1.700 mil meticais para aliviar o sofrimento da população, mormente dos petizes.

Democracia

Parlamento aprova Lei de Sindicalização na Administração Pública mas nega direito à greve

A Assembleia da República (AR) aprovou, em definitivo, na semana passada, a Lei de Sindicalização na Administração Pública, um instrumento que confere aos funcionários e aos agentes do Estado o direito de constituir sindicatos com vista a garantir-se a salvaguarda dos seus direitos e interesses. Contudo, o dispositivo não abre espaço para a observância da greve por parte dos servidores públicos.

Texto: Redação

A Renamo votou contra a referida lei e o Movimento Democrático de Moçambique (MDM) absteve-se. O facto de se impedir que os funcionários e os agentes do Estado possam entrar em greve levantou alguns debates, tendo-se defendido que o estabelecimento daquele direito na Administração Pública seria fundamental para o funcionamento normal dos sindicatos, mesmo não sendo essa a via privilegiada para a solução de problemas que possam surgir.

A Renamo e o MDM defenderam que o Parlamento incluisse o direito à greve na actual lei por se tratar de uma prática que, mesmo não estando legislada, já ocorre na Função Pública. Referiu-se como exemplo à histórica greve dos médicos em 2013.

Argumentou-se ainda que a inclusão do direito à greve devia ser um processo gradual que, primeiro, tinha de ser antecedido da criação de um quadro jurídico para o exercício da liberdade sindical, bem como da permissão para que que sejam constituídas associações profissionais e sindicatos.

A Renamo, para fundamentar o seu voto contra, alegou que não faz sentido uma sindicalização sem direito à greve. O MDM, por sua vez, defendeu que uma Lei de Sindicalização na Função Pública nestas condições limitará o exercício dos direitos fundamentais do cidadão. Esta lei é um “pão envenenado ao necessitado”, pois vai limitar ao funcionário do Estado o exercício da liberdade de expressão.

Entretanto, a Frelimo diz que, ao votar a favor do referido instrumento legal, pretendia garantir o exercício da liberdade sindical na Administração Pública e o direito à associação, o que assegurará a participação dos funcionários e dos agentes do Estado na defesa dos seus direitos e interesses socioprofissionais.

Refira-se que a proposta de Lei submetida pelo Governo à AR versava sobre a Sindicalização na Função Pública, mas o Parlamento propôs a alteração para Sindicalização na Administração Pública por entender que a lei abrangia todos os funcionários públicos.

O Parlamento, por sua vez, defendeu a exclusão dessa matéria na actual lei com o argumento de que o processo legislativo deve ser gradual, ou seja, primeiro, tinha de ser aprovado o quadro jurídico para o exercício da liberdade sindical, bem como permitir que sejam constituídas associações profissionais e sindicatos e só depois estabelecer-se o exercício da greve na Administração Pública, um direito plasmado na Constituição da República.



Funcionários “condenam” Parlamento

Embora seja do agrado dos funcionários e agentes do Estado, a lei em causa não foi recebida de braços abertos por estes que a consideram “deficiente”. Organizações que congregam diversos servidores públicos são unânimes em afirmar que “a lei já nasce amputada”.

A Organização dos Trabalhadores Moçambicanos Central Sindical (OTM-CS) afirma que a Lei da Sindicalização na Administração Pública foi aprovada com lacunas e assegura que as greves, caso sejam necessárias, serão realizadas porque já estão estabelecidas na Lei Mãe.

“O que devo assegurar é que a realização de uma greve ocorre com ou sem lei, depois pode-se declarar legal ou ilegal, mas ela ocorre. Os funcionários públicos, organizados em sindicatos, podem realizar greves com ou sem lei. E eles agora podem socorrer-se da própria Constituição da República. Logo, a questão de legislar a greve é pertinente, que vai ocorrer, tarde ou cedo”, afirma o chefe do gabinete do secretário-geral da OTM, Florêncio Quetane, ao mesmo tempo que saúda, em nome da sua organização, a aprovação deste instrumento após dez anos de luta.

A fonte explica ao @Verdade que não percebe porque o Governo explica que o direito à greve é uma coisa e o direito a sindicalização é outra, pois, de acordo com a Constituição, “os trabalhadores têm o direito de realizar greves, o que em outras palavras significa que têm direito à greve”.

“Estamos esperançados de que a prometida lei da greve na Administração Pública vai ser aprovada, mas, para que isso aconteça, nós vamos fazer a mesma pressão como sempre fizemos até que a Lei da Sindicalização na Administração Pública fosse aprovada, para que a componente greve seja aprovada”, aponta.

Governo teme uma greve geral

Para a OTM-CS a renitência do Governo, na qualidade de proponente desta lei, em aprovar incluir o exercício da greve na Administração Pública, evidencia que este, na qualidade de maior empregador, “receia que uma vez a greve legislada, o país possa parar”. “É um medo que qualquer patrão (Governo) tem, mas a greve é uma forma de luta, que só ocorre quan-

do as leis são violadas. Se as leis não forem violadas nunca haverá greve.”

Quetane disse ainda que “em Moçambique não tem havido greves gerais porque os sindicatos privilegiam o diálogo e a negociação, ou seja, os sindicatos atacam logo o problema antes de ele surgir e da negociação resulta o acordo coletivo de trabalho.

Por sua vez, o Sindicato Nacional da Função Pública, órgão que existe desde 2001, quando convidado a pronunciar-se em torno dessa nova lei recorda que “o direito à greve é constitucional” e que por isso a Assembleia da República devia ter este princípio como base para legislar os direitos dos trabalhadores.

O secretário-geral desta organização afirma que impedir o exercício da greve não é amputar o direito. “É verdade que estamos satisfeitos com a aprovação da lei da Sindicalização na Administração Pública, mas ao impedir o exercício da greve não é impedir os direitos à greve. Há muitas violações do Estado praticados em empresas públicas; se não há violações então não há motivos para o Parlamento se esquivar de aprovar uma lei que dá direito à greve”, disse-nos Halliásio Maússe, do Sindicato da Função Pública.

A Organização Nacional dos Professores (ONP), por intermédio do seu secretário do Departamento de Organização e Informação, Felizardo Semete, disse que a sindicalização na Administração Pública sem direito à greve não faz nenhum sentido porque em todo o mundo esta lei abre espaço para que os funcionários se manifestem em caso de alguma anomalia que queira corrigir.

“É com muita deceção que recebemos a aprovação da lei, porque a mesma tem mais pujança quando tiver aceitação à greve. Ao não se aceitar a greve na lei, o Estado estará a permitir uma greve desorganizada”.

Semente disse ainda que o Parlamento, ao aprovar a Lei de Sindicalização na Administração Pública sem direito ao exercício da greve, teme uma greve geral, que pode parar o país, visto que é o maior empregador. A ONP espera que a lei seja aprovada no início do próximo mandato e que o termo greve seja bem definido e esclarecido no regulamento.

Burocracia dos municípios inviabiliza projectos sociais

A Associação para o Desenvolvimento da Criança e Mulheres Desfavorecidas (Pronwana) diz que o excesso de burocracia por parte dos municípios de Maputo e da Matola está a dificultar a viabilização das suas actividades nestas duas autarquias. A agremiação em causa, criada em 2010 e oficializada em 2012, actua nas áreas de educação, saúde e realiza iniciativas de geração de renda para as famílias pobres. Em conversa com o @Verdade, o dirigente desta associação afirmou que antes da sua existência oficial já desenvolvia programas de apoio a crianças através da doação de material escolar, géneros alimentícios e outros produtos não perecíveis.

Texto & Foto: Alfredo Manjate



@Verdade: (@V) O que é a Pronwana?

Pronwana: (Pro) É uma associação sem fins lucrativos, criada em 2012, que trabalha para o apoio ao desenvolvimento de crianças e mulheres desfavorecidas nas zonas rurais ou suburbanas da capital do país.

(@V): Quando surgiram, em 2012, qual era o vosso objectivo?

Pro: Na verdade, antes de 2012 nós já desenvolvíamos algumas actividades em prol da criança e da mulher, isto para evidenciar que não surgimos, necessariamente, naquele ano, embora tenha sido em 2012 que oficializámos a nossa instituição.

(@V): Em que áreas vocês actuam?

Pro: Desenvolvemos actividades ligadas à saúde, educação e, também, à agro-pecuária. Já tivemos um projecto com o Centro de Saúde de Xipamanine que visava ajudar doentes, principalmente as crianças e as mulheres que estavam em situação de necessidade. Nós dávamos alimentos e roupas usadas que colectávamos, isso, em 2012. Ainda neste ano fomos doar seis kits para a testagem de glicemia ao mesmo hospital. Recebemos o material de um doador que tomou conhecimento das nossas actividades naquela unidade sanitária e decidiu contribuir.

Na área da educação a nossa ajuda tem-se cingido à colecta de material escolar que depois é doado a algumas escolas, também para crianças em situação de necessidade.

(@V): Quem são os vossos parceiros nesses projectos?

Pro: Até agora todos os projectos que desenvolvemos resultam de fundos próprios dos membros da associação que se organizam e implementam. O único caso em que tivemos ajuda foi a disponibilização do aparelho hospitalar a que me referi anteriormente. Agora, em termos de fundos, ainda não temos nenhum parceiro financeiro para nos ajudar a suportar as nossas actividades.

associação, na qualidade de cidadãos e instituição, falha. Esse programa, por exemplo, está a levar muito tempo e nós precisamos do Conselho Municipal, mas ele é o nosso obstáculo principal. Sendo ele que tutela as escolas, não podemos avançar sem o seu aval.

Até já tivemos encontros com representantes do Conselho Municipal de Maputo no âmbito deste programa e eles ficaram de nos dar uma resposta. O que se está a verificar é que os procedimentos a serem seguidos para viabilizar a documentação ao nível do Conselho Municipal deixam muito a desejar. Ter que ficar um mês ou mais a dizerem que o director não está, se não é este é o vereador do pelouro, ou o presidente se ausentou sem ter rubricado os documentos. Acabamos por ficar meses nesse vaivém.

Tivemos o mesmo problema com o Ministério da Mulher e Ação Social. Aliás, a única instituição com que trabalhamos de forma flexível é o Ministério da Cultura. Lá demos o projecto e tivemos um encontro com o director nacional e, em menos de uma semana, já estava tudo legalizado. Então são questões como essas que nos levam a dizer que existe ainda uma fragilidade com as estruturas governamentais.

(@V): Que projectos estão em curso agora?

Pro: Estamos a implementar o programa "Arte-Saber" num centro infantil no bairro de Laulane. Nós levamos lá artistas, escritores, actores, músicos para interagirem com as crianças. Nós damos prioridade às zonas suburbanas, pois é lá onde há pessoas que têm mais necessidades. Nessas actividades temos dança, música, teatro e literatura. O objectivo é fazer com que as crianças despertem interesse por essas actividades. A criança a partir da sua idade deve descobrir e saber sobre a sua inclinação nas artes. E isso consegue-se colocando-a nesse meio.

(@V): Os senhores têm alguma representação fora da capital?

Pro: Estamos representados em todo o país. Temos um delegado em cada capital provincial e sempre que há necessidade eles actuam em nossa representação.

(@V): Neste momento, qual é o maior desafio?

Pro: O desafio agora é materializar o projecto que estamos a idealizar.

(@V): E como tem sido, para vocês, trabalhar com meios próprios, tendo em conta que a maioria das associações conta com parceiros financeiros?

Pro: Os doadores ou parceiros ainda são muito reticentes em apoiar organizações novas e isso tem dificultado o seu trabalho. Isso impõe um desafio, que é a agremiação trabalhar com os seus próprios meios até que exista uma certa confiança por parte destes financiadores e vejamos que se trata de uma entidade credível a necessitar de ajuda. Nós encaramos esta situação como um desafio que temos de superar. Enquanto isso não se efectiva, vamos trabalhando porque para nós essa é uma actividade filantrópica. O principal constrangimento resultante desta falta de parceiros financeiros é os nossos projectos acabarem por ficar reféns da limitação dos fundos.

(@V): Que projectos estão em curso neste momento?

Pro: Temos um projecto agro-pecuário para ser implementado, numa primeira fase, no bairro de Siduava, no Município da Cidade da Matola. Neste momento, o grande constrangimento para a viabilização do mesmo é a lentidão do município em atribuir-nos espaço para a construção de capoeiras. O que se pretende com este programa é iniciar um negócio para algumas mulheres que com o auxílio das autoridades locais iremos identificar. Vamos instruí-las e ajudá-las a darem os primeiros passos rumo ao auto-sustento, mas mais uma vez ficamos reféns das autoridades municipais. Nós queríamos um espaço para montar os aviários para mulheres desfavorecidas mas estamos a encontrar uma resistência por parte do município.

Estamos a falar de um projecto que devia beneficiar um bairro que surgiu recentemente no município da Matola. Os seus residentes, na sua maioria, são pessoas que foram desalojadas das suas antigas residências em consequência das cheias. A situação de carência é gritante nesse bairro.

(@V): Já tiveram "problemas" similares com o município?

Pro: Sim, no Município de Maputo submetemos um projecto que designámos "Arte-Saber" que são actividades extracurriculares para crianças no ensino primário. A ideia é tentar levar esses petizes e terem um contacto com o mundo das artes. A ideia de nos aproximarmos do município nesse caso é que as escolas a serem abrangidas estão sob sua tutela.

(@V): Como tem sido a vossa relação com as estruturas municipais?

Pro: Não diríamos que temos más relações, mas é verdade que existem alguns aspectos que nós consideramos que eles deviam ser mais flexíveis ao tratá-los. Nós sentimos que o contacto entre a edilidade e a

Governo e Renamo ensaiam acordos

Depois de duas semanas de interregno, as delegações do Governo moçambicano e da Renamo voltaram à mesa do diálogo político na última segunda-feira, 30 de Junho, e alcançaram o que classificam de "consensos parciais". Todavia, prevalece o impasse em relação à paridade no Exército, do mais baixo ao mais alto escalão, bem como os ataques no troço Muxúnguè/Save.

Texto: Redação

Em sede do diálogo, as partes concordaram sobre a necessidade da cessação imediata de confrontos no centro do país e sobre a concretização do encontro entre o Presidente da República, Armando Guebuza, e o líder da "Perdiz", Afonso Dhlakama, que supostamente se encontra em parte incerta desde Outubro passado.

Mas enquanto esse desiderato não se concretiza, os confrontos entre as Forças de Defesas e Segurança (FDS) e os guerrilheiros da Renamo persistem.

Na passada quinta-feira, 26 de Junho, dois cidadãos que se faziam transportar numa viatura que integrava a escolta militar das forças governamentais, e que viajam para a cidade da Beira, contraíram ferimentos ligeiros em consequência de um ataque atribuído a supostos homens armados da "Perdiz" na zona Zove, a cerca de 10 quilómetros da sede do posto administrativo de Muxúnguè. Uma fonte da Polícia em Sofala assegurou-nos que, apesar da intensidade da emboscada, a coluna de viaturas civis continuou a viagem até ao seu destino.

O nosso interlocutor disse que as vítimas foram atingidas pelos estilhaços de vidros e o incidente aconteceu por volta das 15h:00. Os feridos foram evacuados para o Hospital Rural de Muxúnguè e a

viatura na qual se faziam transportar foi totalmente crivada de balas.

No mesmo dia, apurámos que, com recurso a armamento pesado, as FDS dispararam contra os guerrilheiros da Renamo nas regiões de Tambarare e Mucodza, no distrito de Gorongosa, onde tentavam localizar Afonso Dhlakama.

Em relação ao diálogo, as partes concordaram ainda sobre a pertinência de haver observação e monitoria em todo o processo de cessação das hostilidades e que se deve proceder à reinserção social e económica dos desmobilizados da Renamo.

No entanto, esses pontos só poderão ser implementados quando os termos de referência estiverem concluídos. Espera-se que os confrontos armados que têm ceifado dezenas de civis e militares das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) cessem.

A contrariar o suposto espírito de concórdia que reinou no Centro Internacional de Conferência Joaquim Chissano (CICJC), a Renamo insiste no facto de que pretende ver os seus guerrilheiros integrados no Exército moçambicano sob a observância do princípio de paridade, ou seja, metade dos homens das Forças de Defesa e Segurança (FDS) deverão ser da Renamo e a outra metade do Governo.

Aliás, a Renamo pretende que haja "unificação" de todas as FDS e que sejam os seus guerrilheiros a ocuparem os postos de liderança, desde o escalão mais baixo ao mais elevado, proposta que o Governo rejeita veementemente.

O partido liderado por Dhlakama defende, também, que as questões relacionadas com a composição, organização e funcionamento das FDS sejam discutidas no ponto dois da agenda do diálogo político (Defesa e Segurança).

O chefe da delegação da Renamo, Saimone Macuiane, esclareceu, no fim do encontro desta segunda-feira, que os consensos alcançados evidenciam a existência de um trabalho significativo na mesa de negociações. Contudo, ele adverte que não se pode com isso "pensar que houve avanços significativos porque o essencial ainda não foi concluído".

Macuiane disse que espera que nos próximos dias se conclua esta matéria de modo a garantir-se que haja paz no país. "Nós ficámos sem compreender as decisões do Governo porque no dia 09 de Junho havia indicação de que iríamos adoptar os termos de referência, mas, hoje, ele (o Executivo) recuou nalguns pontos que já tínhamos alcançado alguns consensos. O Governo recuou sobre aspectos que já eram consensuais."

Por sua vez, o chefe da delegação do Executivo e também ministro da Agricultura, José Pacheco, lamentou o facto de não haver consensos sobre a desmilitarização da Renamo, por este não aceitar incluir este ponto nos termos de referência.

Civis mortos

Na sexta-feira, 27 de Junho, mais uma coluna de viaturas civis que circulava na Estrada Nacional número 1 (EN1) foi atacada, acto que resultou na morte de pelo menos dois civis e outros seis ficaram feridos. No

mesmo dia, registou-se um ataque no qual quatro indivíduos morreram, dos quais dois civis e igual número de militares. O confronto deu-se em Mutinda, a 22 quilómetros de Muxúnguè.

"Os militares morreram em combate quando repeliam o ataque da Renamo, enquanto os civis atingidos se encontravam na viatura de transporte semicollectivo de passageiros Nagi Investimentos", declarou à Lusa um militar que integrava a coluna.

Na segunda-feira, 30 de Junho, presumíveis guerrilheiros da Renamo voltaram a protagonizar dois ataques contra colunas de viaturas no troço Muxúnguè/Save, facto que resultou no ferimento de duas pessoas, das quais uma em estado grave. A primeira emboscada aconteceu por volta das 09h:00, na zona de Zove, e a segunda, por volta das 15h:00, na zona de Mutigunti.

Comboio retido em Muanza

Um comboio de passageiros que partiu da Beira, por volta das 11h:00 da passada terça-feira, 01 de Julho, com destino à província de Tete, foi retido no posto administrativo de Condue, no distrito de Muanza, na província de Sofala, pelas FDS, em virtude de um confronto com supostos homens armados da Renamo.

Na locomotiva, que depois seguiu viagem até ao seu destino, as FDS obrigaram os passageiros a desligar os telemóveis durante o momento em que estiveram retidos com o objectivo de evitar que elas se comunicassem com os seus familiares e com quaisquer outras pessoas.

Cartoon

Feminista Durona

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



PGR ignora investigação da legitimidade da existência do G40

Passados pouco mais de três meses, a Procuradoria-Geral da República (PGR) ainda não se pronunciou em torno da petição que o jornalista e activista dos direitos humanos, Armando Nenane, e, também, director executivo da Associação Moçambicana de Jornalismo Judiciário (AMJJ), que na sua qualidade de cidadão submeteu àquela instituição do Estado para se averiguar a pretensa lista de analistas, comentadores supostamente imposta pelo gabinete de propaganda do partido Frelimo, aos órgãos de informação públicos, nomeadamente Rádio Moçambique (RM) e Televisão de Moçambique (TVM), a fim de que sejam somente eles a beneficiarem do privilégio de se pronunciarem sobre os assuntos que dizem respeito à vida do país, em detrimento de outros compatriotas com diferentes pontos de vista, ora considerados subversivos ao poder político.

Texto: Redacção • Ilustração: Eliseu Patife

A Administração Pública tem um máximo de 15 dias para responder a petições submetidas pelos cidadãos sobre os diversos assuntos que possam suscitar alguma indignação ou para efeitos de esclarecimentos. Contudo, relativamente ao caso em alusão, este prazo não foi observado, o que constitui uma violação do “princípio da celeridade do procedimento administrativo”, que abrange todas as instituições públicas.

Além de ter extravasado o prazo, a PGR diz que só pode responder à pessoa que submeteu o expediente, ou seja, a Armando Nenane e não à Imprensa. Na segunda-feira, 30 de Junho, o @Verdade contactou aquela instituição para perceber os motivos que estarão na origem do silêncio em relação ao caso considerado de interesse público, tendo o secretário do director do Gabinete do Procurador-Geral, Joaquim Aleluia, prometido contactar-nos para os devidos efeitos, o que não aconteceu até ao fecho da presente edição.

No entanto, o autor da petição confirmou-nos, na passada quarta-feira, 02 de Julho, que que ainda não teve nenhuma resposta sobre o assunto em apreço. Armando Nenane estranha que a PGR se tenha recusado a fornecer informações sobre a matéria à imprensa. “A actuação dos órgãos de serviço público, neste caso de Comunicação Social, é de interesse de todos e a informação deve ser disponibilizada”. Ele disse ainda que não está surpreso com a demora por esta já ser uma prática enraizada nas instituições públicas.

A petição

Na petição, datada de 27 de Março de 2014, Armando Nenane solicita a PGR, com o conhecimento de várias instituições, designadamente: Conselho Superior da Comunicação Social, Gabinete de Informação, Tribunal Administrativo, Comissão Nacional dos Direitos Humanos, Liga dos Direitos Humanos, Ordem dos Advogados de Moçambique, Provedor de Justiça e Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da Assembleia da



República, a proceder à averiguação da informação divulgada pelo semanário SAVANA, sobre a referida lista de analistas políticos privilegiados pelo regime e alguns órgãos de comunicação que, segundo aquele jornal, eram considerados contrários ao partido no poder.

Segundo Nenane, o facto de os dirigentes editoriais dos órgãos de informação públicos de radiodifusão e de teledifusão valorizarem determinadas pessoas impostas pelo partido no poder para se pronunciarem a respeito de assunto da nação sem abrir espaço para outras opiniões atenta gravemente contra os princípios do Estado de Direito democrático, o pluralismo de expressão, o direito à liberdade de expressão, a liberdade de Imprensa, bem como o direito à informação que a Constituição da República de Moçambique confere ao cidadão. Ferem também os preceitos preconizados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e demais convenções internacionais de que Moçambique é signatário.

Na sua edição 1020, de 23 de Julho de 2013, o semanário SAVANA apresenta uma lista de articulistas, analistas e comentaristas supostamente escolhidos a dedo para veicularem posições próximas ao Governo na rádio, televisão e jornais.

Segundo o jornal, citado por Nenane na petição, a referida lista foi produzida nos gabinetes de imprensa do partido Frelimo e distribuída pelas chefias dos órgãos públicos.

O meio de informação em alusão relatava um encontro promovido e dirigido por Edson Macuácia, no qual participaram editores de órgãos públicos e alguns comentaristas com posições próximas ao Governo, alegadamente para lhes passar orientações.

“O semanário revela que Tomás Viera Mário, um dos convidados ao encontro, pediu para abandonar a reunião”, lê-se na petição.

O mesmo jornal referia que não era a primeira vez que Macuácia convocava editores e analistas políticos para ditar o rumo das suas intervenções públicas.

Em Agosto de 2012, segundo o SAVANA, Macuácia terá convidado vários jornalistas e comentadores de televisão para criticar a forma como aqueles se comportavam e abordavam assuntos relevantes do país.

O jornal destaca que o mais visado foi o jornalista Alexandre Chiúre, delegado do Diário de Moçambique e comentarista residente do programa “A Semana”, acrescentando que poucos dias após a reunião, o progra-

ma “A Semana”, que vinha passando na Televisão de Moçambique aos domingos, foi suspenso. Curiosamente, o director de informação da TVM, Simão Ponguane, foi afastado do cargo pouco tempo depois, segundo o jornal citado na petição.

De acordo com a Constituição da República e demais legislação ordinária citada por Armando Nenane na petição, todos os cidadãos têm o direito de apresentar petições, queixas e reclamações perante autoridade competente para exigir o restabelecimento dos seus direitos violados ou em defesa do interesse geral.

“Todos os cidadãos têm, pessoalmente ou através de associações de defesa dos interesses em causa, o direito de acção popular nos termos da lei”, descreve o jornalista na sua petição.

Considerando que a República de Moçambique é um Estado de Direito, baseado no pluralismo de expressão, na organização política democrática, no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais do Homem, que todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação, que o exercício da liberdade de expressão, que compreende a faculdade de divulgar o próprio pensamento por todos os meios legais e o exercício do direito à informação, não podem ser limitados por censura, que nos meios de comunicação social do sector público são assegurados a expressão e o confronto de ideias das diversas correntes de opinião, que o Estado garante a isenção dos meios de comunicação social do sector público, bem como a independência dos jornalistas perante o Governo, a Administração e demais poderes políticos, Nenane descreve que a nossa democracia não pode ser ameaçada por este tipo de expedientes ante o olhar impávido das autoridades competentes, responsáveis por zelar pelo bom funcionamento das instituições, do serviço público e do respeito pelo diferente, sem discriminação de uns e outros em razão da raça, religião, etnia, tribo, género, faixa etária e filiação política.

“O direito à informação plural, verdadeira e justa é um direito humano que tal como todos os direitos humanos não pode ser escamoteado, pervertido, hipotecado e nem sequer adiado, pelo que urge uma intervenção das autoridades competentes no sentido de apurarem os factos e explicarem as circunstâncias em que se elabora a lista de analistas autorizados”, considera o petionário.

Destaque

Sonhos e infância recalcados

Casar-se, ser obediente, uma boa esposa e doméstica, garantir a continuidade da espécie humana, saber cuidar do marido e nunca se insurgir contra as suas ordens são alguns preceitos que as comunidades incutem nas mulheres desde a infância, sem avaliar os prejuízo que estas práticas acarretam na vida de quem é forçada a interromper a instrução para ser serviçal. Ao contrário dos discursos sobre o empoderamento das raparigas, em Moçambique, mormente nas zonas rurais, as raparigas são consideradas pelos seus pais uma fonte de obtenção de bens e é-lhes negado, desde a sua tenra idade, o gozo dos seus direitos. O termo escolha é para elas um tabu e soa como um insulto para alguns progenitores.

Texto: Redacção • Ilustração: Hermenegildo Sadoque

"Casei-me com um homem escolhido pelos meus pais e não lhes podia desobedecer. Tive o primeiro filho mas perdi-o durante o parto quando estava a caminho do hospital. A segunda sorte é uma filha mas também foi difícil... o meu marido tem outra mulher mais velha que eu, com quem tem dois filhos. Quando me casei com ele não sabia que já tinha outra mulher. Ele não me respeita...", narrou Kanyissa, de 19 anos de idade, residente em Maluana, no distrito da Manhiça.

O drama acima exposto não se regista apenas no meio rural. Num sábado de manhã, o @Verdade encontrou Kudzine, de 23 anos de idade, com uma lata de água na cabeça algures no bairro de Khongolote, no município da Matola. Ela disse que constituiu um lar com apenas 17 anos de idade por obrigação dos seus progenitores, tendo o casamento acontecido em Inhambane.

Segundo a nossa entrevista, ela e o marido, de 42 anos de idade, vieram para Maputo à procura de melhores condições de vida e, neste momento, moram em casa de um parente do seu cônjuge por enquanto, mas assim que tiverem meios esperam arrendar uma casa na qual possam ter a sua privacidade. Há seis anos que luta para ter um filho mas sem sucesso. A semelhança entre ela e Kanyissa está no facto de ambas se terem casado com homens polígamos. Na altura em que tal aconteceu, ela frequentava a 10ª classe.

"O mau marido arranjou outra mulher porque diz que sou estéril... por várias vezes fui submetida a tratamentos tradicionais mas não consigo engravidar. Os meus sogros maltratam-me por isso e o meu marido diz sempre que, se não lhe der filhos, me vai mandar de volta para a casa dos meus pais...", narrou Kudzine, acrescentando que raramente coloca o problema aos seus pais porque estes deixaram claro que o seu lugar é o lado do seu marido; por isso, "eu devia evitar fazer-lhes visitas porque o lugar de uma mulher é no lar..."

Num outro desenvolvimento, a jovem disse que não vê diferença entre estar com o esposo e com os seus progenitores porque mesmo quando vivia em casa destes a vida era má. "Eu frequentava a escola à tarde e de manhã eu devia ir à machamba... eu fazia tantas outras coisas pesadas e a minha mãe dizia que estava a preparar-me para ser uma boa esposa no futuro... ela dizia que também passou por essas coisas... no princípio pensei que isso era certo, mas desde o dia em que fui obrigada a casar percebi que estava a ser preparada para ser vendida..."

Esta situação, que deveria mudar radicalmente, continua



alarmante porque não há vozes que se insurjam veementemente contra ela. Discursos não bastam. O sistema patriarcal tende a desvalorizar as mulheres; fecha-lhe o cerco para que continuem embrutecidas e não gozem de direitos; priva-lhes da liberdade, da educação e dos serviços de saúde. Os maus-tratos e as humilhações prevalecem. A cada dia que passa, a propalada igualdade entre os homens e as mulheres não passa de utopia.

Em Moçambique, em particular, os casamentos prematuros são um problema já trivial e constituem uma prática atribuída aos ritos de iniciação, uma fase da infância durante a qual as miúdas são declaradas prontas para casar e gerar filhos

Em África, em geral, as uniões matrimoniais forçadas e defendidas com os mais repulsivos cânones de convivência social têm sido debatidos de forma recorrente, mas persiste a falta de políticas com vista a estancá-las, pese embora interfiram no desenvolvimento físico e psicológico das miúdas e afecte negativamente as suas vidas em todos os aspectos. O sonho e o futuro das crianças são hipotecados devido a esta prática, pois para muitas famílias pobres o casamento infantil é uma fonte de obtenção de renda e uma forma de sobrevivência.

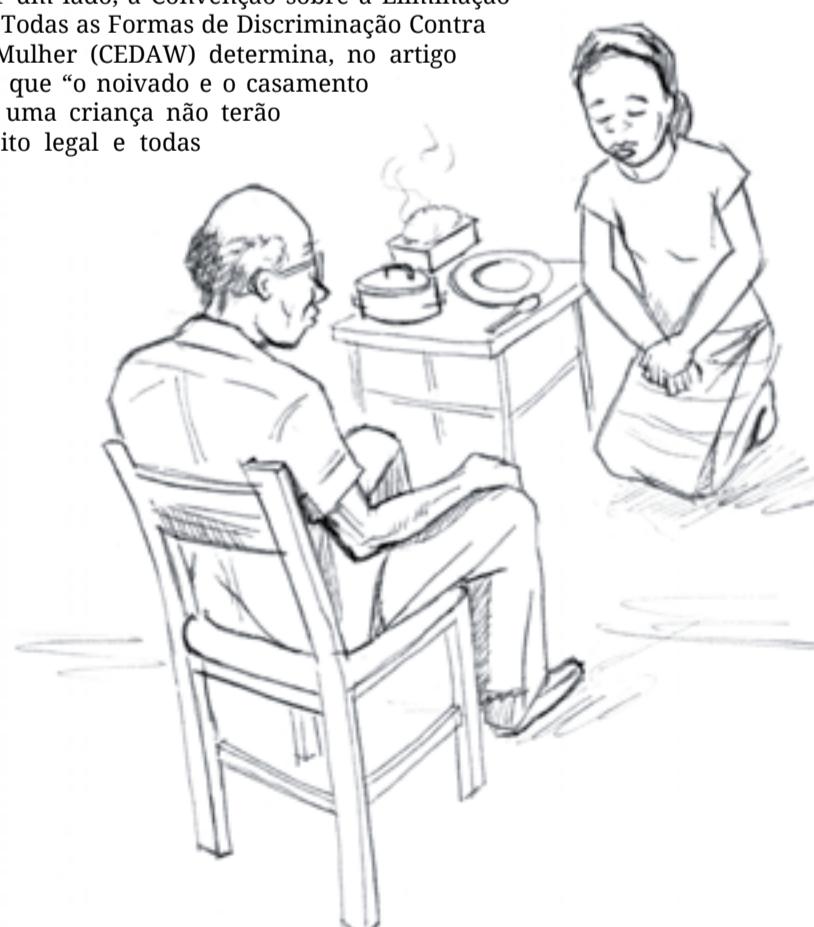
Por um lado, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW) determina, no artigo 16, que "o noivado e o casamento de uma criança não terão efeito legal e todas

as medidas necessárias, inclusive as de carácter legislativo, serão adoptadas para estabelecer uma idade mínima para o casamento...", o que na prática não se faz sentir. Por outro, a Lei da Família (Lei nº. 10/2004), parece permissiva em relação a este aspecto, pois impõe como idade mínima para o casamento 14 anos no caso da mulher e 16 anos em relação ao homem.

Os casamentos prematuros violam sobremaneira os princípios legais e os direitos das crianças, uma vez que o número três do artigo 119 da Constituição da República Moçambique considera que a união entre duas pessoas se deve basear no livre consentimento.

Para além de ser uma grave violação dos direitos humanos, o casamento infantil é um problema de saúde pública, na medida em que é extremamente prejudicial ao desenvolvimento das crianças. Estas tornam-se vulneráveis ao abuso sexual e ao VIH/SIDA, engravidam muito precocemente, o que prejudica o seu acesso à escola, sofrem de complicações relacionadas com a gravidez, que são parte das principais causas de morte de raparigas na faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); por isso, urge quebrar o silêncio em relação a esta prática enraizada, mormente, nas comunidades rurais.

Os casamentos forçados em Moçambique resultam da combinação de costumes e da conjuntura actual do país. "São resultado de ritos de iniciação, nos quais as raparigas entre os 8 e os 12 anos são declaradas prontas para casar", refere a instituição a que



Destaque



nos referimos. Além disso, "os problemas sociais e económicos do país acabam por estimular os pais a casar as suas filhas o mais cedo possível, para terem apoio financeiro da família do marido".

Sem permissão para estudar

Aos 16 anos de idade, Lindive engravidou e os pais forçaram-na a casar-se com um jovem de 21 anos de idade. Na altura, ela frequentava a 9ª

classe e o homem com que passou a viver é estudante e desempregado. Ambos são totalmente dependentes do apoio dos familiares. Pouco tempo depois, a miúda teve de interromper os estudos porque se devia dedicar ao lar. Contudo, o seu parceiro continua a estudar, o que prova que às meninas é negado o direito à instrução e se dá primazia aos homens.

Volvendo três anos, a rapariga julga que envelheceu depressa e confessa ter vergonha de se aproximar de algumas amigas, das quais algumas estão na faculdade e outras ainda têm a proteção dos progenitores. A dado momento da entrevista, Lindive, vítima dos seus próprios progenitores, olha para o nosso repórter e desabafa lavada em lágrima: "eu queria estudar mas não tenho permissão... o meu marido não deixa e os nossos pais apoiam".

"Eu não queria ir para o lar mas os meus pais ameaçaram-me de expulsão de casa se eu não aceitasse. Os meus avós até disseram que uma mulher não pode, nunca, desobedecer aos seus pais porque estes sabem o que é bom para os filhos. Mas eu nunca estive bem onde vivo. O meu marido não me valoriza e por vezes me espanca. Quando conto aos meus pais e aos pais dele o que se passa comigo ninguém me dá atenção", narrou Lindive, mãe de dois meninos e residente na localidade de Bobole, no distrito de Marracuene. "Eu já não tenho sonhos desde o dia que em a minha família me trocou pelo dinheiro e pelo garrafão de vinho...".

Engravidou e foi expulsa de casa

As 22 anos de idade, Nhakwavi, residente no distrito de Marracuene, é mãe de três filhos. Ela conta que teve o seu primogénito com 16 anos de idade e assumiu o lar quando já estava grávida de cinco meses.

"O meu pai sempre disse que eu devia casar com um homem com dinheiro e fortuna porque as filhas dele não nasceram para lhe dar prejuízos. Por vezes, a minha mãe pergunta-lhe se eu e as minhas irmãs somos mercadorias ou não. Por isso, quando engravidai, o meu pai ficou muito chateado porque pretendia escolher um marido para mim. Mesmo assim, contribuiu para que eu fosse para o lar muito precocemente", narrou a miúda.

Num outro desenvolvimento, a nossa interlocutora disse que descobriu que estava grávida no quarto mês de gestação. No dia em que o pai soube, não a espancou porque estava o seu irmão que acabava de chegar da África do Sul.

"Eles (os progenitores) ordenaram que eu chamassem o meu namorado. Este, no princípio, negou ser o pai do meu filho porque tinha medo de ser violentado pela minha família. Mesmo assim, o meu tio decidiu que eu devia esperar pelo parto em casa do meu marido. Fui expulsa de casa e desde esse dia nunca tive sossego... eu comparo o meu lar com um trabalho doméstico porque ninguém me ajuda em nada e não me dão ouvidos quando reclamo. Eu não queria ir para o lar mas não tive escolha porque toda a minha família parecia estar contra mim e a favor do casamento", narrou Nhakwavi.



Ser forçado a casar-se com um homem mais velho

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) dá conta de que "uma em cada três jovens entre os 20 e 24 anos de idade casou-se pela primeira vez antes dos 18 anos de idade e um terço destas casou-se antes dos 15 de idade". Este é o caso de Sindiya, de 18 anos de idade, residente no posto administrativo de Anchilo, a cerca de 20 quilómetros da capital provincial de Nampula, um exemplo apenas de milhares de miúdas forçadas a unir-se a um homem mais velho como sua consorte. Sem poder para decidir sobre o seu futuro, a menina vive momentos de frustração e não tem com quem falar sobre as coisas que perturbam o seu espírito.

Aos 15 anos, a adolescente foi, também, forçada a abandonar a escola, as amizades, a liberdade e o seu sonho de num dia prosperar na vida para se juntar a um homem que na altura tinha 35 anos de idade. Muito precocemente a rapariga tornou-se mãe. Ela nasceu numa família onde as crenças na tradição – sobretudo em relação ao casamento e à sujeição – imperam de tal modo que as pessoas do sexo feminino estão proibidas de questionar a sua relevância, pois trata-se, em parte, de uma prática de sobrevivência por parte dos mais velhos. Por conseguinte, o direito a decidir sobre o rumo da sua vida foi negado para sempre.

"...Os meus próprios pais obrigaram-me a casar com alguém muito mais velho em relação a mim. Senti-me violada e sem vontade de viver e ser feliz ao lado de uma pessoa que pudesse cuidar de mim... que eu podia considerar meu esposo", desabafou Sindiya, que, para além de outras indignações, se queixa de ser vítima de constantes violações psicológicas perpetradas pelo seu marido e pela família.

Segundo a nossa entrevista, os seus progenitores forçaram o seu casamento com um homem muito mais velho supostamente porque este tem muita experiência e é economicamente estável. Ela considera-se "vendida". Sindiya tem três filhos, um dos quais recém-nascido, e mal consegue cuidar deles porque a diferença de idades entre eles é muito pequena. Diante desta situação, considera-se uma máquina de multiplicação da espécie humana e uma

pessoa condenada a ser doméstica pelo resto da vida.

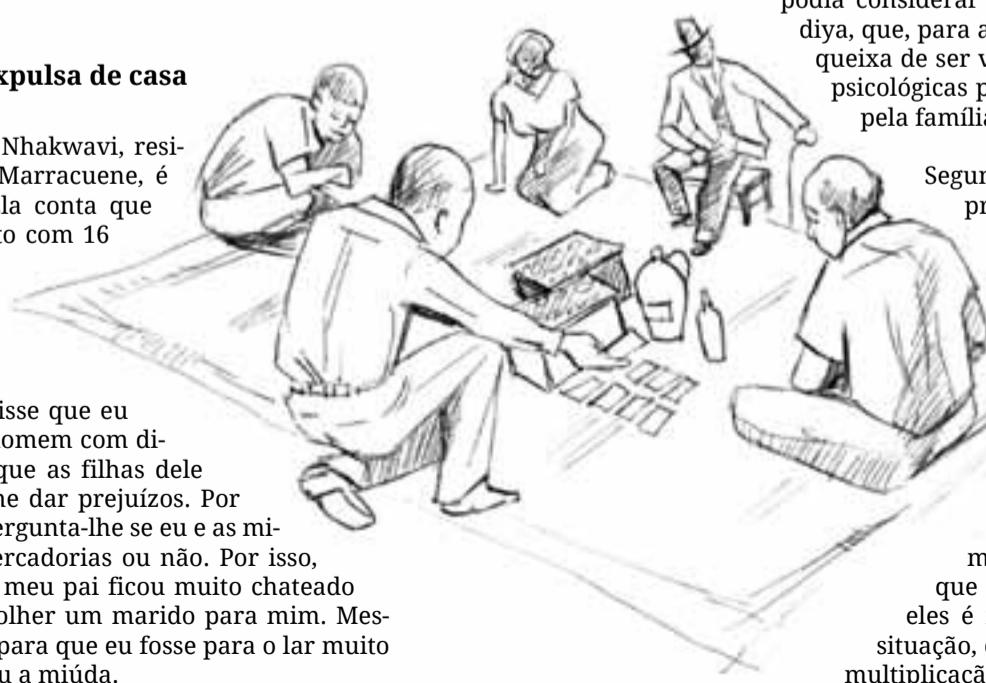
Para além de ter sido separada dos seus irmãos e de ter abandonado a escola contra a sua vontade, bem como de não ter direito ao descanso e ao lazer no seu lar, Sindiya está sujeita à violência física e psicológica e é um exemplo de exploração e abuso sexual. É possível perceber-se a frustração que a acompanha no seu quotidiano devido ao tipo de vida que leva. Durante a entrevista, ela enfurece-se facilmente, exalta-se e acalma-se, culpando os seus pais pelo destino a que está votada. "Sinto que estou sujeita a isto para o resto da

vida e não espero que alguém me venha dizer que me pretende ajudar...".

A dado momento, a nossa interlocutora pediu para que a sua identidade fosse omitida para que ninguém soubesse dos seus desabafos à Imprensa. Sindiya confessou, também, que tem o desejo de se divorciar mas não tem coragem para o efeito porque teme represálias por parte dos pais e dos sogros. A comunidade na qual vive condena tal atitude até porque as mulheres são, desde a sua infância, orientadas a não desobedecer os esposos, a tolerarem as humilhações a que forem sujeitas ao longo da convivência com os cônjuges e a estarem à prova das dificuldades que a vida apresenta. Aliás, a rapariga julga que estar nesta situação é seu dever e, acima tudo, é um sacrifício que visa garantir o crescimento dos filhos.

Concordar em contrair matrimónio por falta de opção

Catarina, de 20 anos de idade, natural do posto administrativo de Anchilo, abdicou do seu sonho de abraçar a enfermagem desde o dia em que se juntou a um rapaz da sua idade. Os pais forçaram-na a assumir tal acto supostamente para evitarem que ela engravidasse de um homem que depois não aceitaria assumir as responsabilidades.



Destaque

Ela e o namorado são desempregados e contaram ao @ Verdade que os pais não lhes deram outra opção que não fosse viver maritalmente. Catarina disse que a sua mãe fez pressão para que ela e o seu namorado vivessem juntos. Os dois adolescentes não tinham poder para contrariar essa determinação porque os parentes do seu noivo estavam de acordo. "Tivemos de concordar com a decisão, pese embora não estivéssemos preparados para levar uma vida de casados".

Com dois filhos ao colo, a nossa entrevistada contou que os seus familiares e do seu cônjuge defendem que uma mulher submetida a ritos de iniciação já está preparada para ser mãe e para cuidar de um lar. "O meu esposo não trabalha nem temos meios para sustentar os nossos filhos. Se ele me tivesse deixado estudar talvez eu já tivesse emprego. Agora somos dependentes".

As zonas críticas

Manuel Conta, coordenador da Solidariedade Zambézia em Nampula, disse que a designada capital da região

O responsável daquele organismo, que fala numa conferência provincial sobre casamentos prematuros, disse que se estima que em Nampula 45 por cento de raparigas casam antes de atingir os 18 anos de idade, o que constitui uma das pio-



res formas de violação dos Direitos Humanos e das Crianças. Trata-se de um problema que tende a ganhar terreno devido à crença em questões culturais, tais como os ritos de iniciação.

Segundo Manuel Conta, no distrito de Lalaua, por exemplo, existem casos de líderes comunitários que contraem matrimónio com meninas de 13 a 15 anos de idade e oferecem aos seus pais dinheiro, cabeças de gado, dentre outros bens. Esta conduta social transforma as crianças em fonte de rendimento. Aliás, a parcela do país em alusão é uma das que apresentam um baixo nível de escolaridade nas crianças.

A par daquela província, na Zambézia, os distritos Alto-Molócuè, Maganja da Costa e Gurué são considerados os principais pontos onde a situação tende a propagar-se. Segundo Jacinta Jemusse, chefe provincial da instituição designada Atendimento da Mulher e Criança Vítimas da Violência (GAMCVV), nas três regiões há casos de crianças de nove anos de idade que são submetidas a casamentos precoces. Mas algumas raparigas fogem dos seus lares e abandonam os maridos escolhido pelos pais. Na pior das hipóteses, as miúdas que tomam essa decisão não regressam ao convívio familiar e são dadas como perdidas. Elas temem ser novamente forçadas a ser esposas de homens escolhidos pelos progenitores sem que estejam preparadas para tal.

As estatísticas que geram desconforto

Na região da África Austral, Moçambique ocupa o primeiro lugar e o sétimo a nível mundial no que diz respeito aos países com maior índice de casamentos prematuros. O UNICEF estima que uma em cada três meninas dos países em vias de desenvolvimento cuja renda média é baixa casam-se antes dos 18 anos de idade. E uma em cada nove fá-lo com menos de 15 anos de idade.

Em Moçambique, de acordo com o Inquérito de Indicadores Múltiplos 2008, nas zonas urbanas e rurais 11,2 e 21,4 por cento de mulheres, respectivamente, casam-se precoceamente antes dos 15 anos de idade.

As regiões centro e norte do país apresentam uma prevalência mais elevada de casamentos prematuros. Por exemplo, em relação às mulheres casadas antes dos 18 anos, destacam-se as províncias de Cabo Delgado (70 por cento), Niassa (59),

Nampula e Manica (58) e Zambézia (57). A cidade de Maputo é a que apresenta a percentagem mais baixa (25 por cento), embora seja preocupante que na capital do país uma em quatro mulheres se case antes de atingir a maioridade.

Entre as mulheres de 15-19 anos de idade, a província de Nampula é a que mais se evidencia, com 33 por cento, enquanto as de Tete e Gaza registaram a percentagem mais baixa (11). Quanto às mulheres de 20-24 anos de idade, é também a província de Nampula que apresenta a percentagem mais elevada (37), sendo a cidade de Maputo a que ostenta a mais baixa (10 por cento).

O nível de escolaridade do chefe do agregado familiar está inversamente relacionado com a diferença de idade entre os cônjuges, pois quanto maior é o nível de escolaridade do chefe do agregado familiar, menor é a percentagem de mulheres cujos maridos ou parceiros têm 10 ou mais anos de diferença. Esta constatação é válida tanto entre mulheres na faixa etária dos 15 a 19 anos, como entre as dos 20 a 24 anos.

Ainda em Moçambique, 36,9 por cento das raparigas casadas dos 15 aos 19 anos de idade não têm nenhum nível académico. A gravidez e o parto entre as adolescentes estão associados ao mau estado de saúde quer da mãe, quer da criança, de acordo com o UNICEF.

"Em Manica, 45 por cento das raparigas engravidam entre os 15 e os 19 anos, o que contribui para agravar a má nutrição e impede o acesso à escolaridade. As crianças, de acordo com a agência da ONU, não estão preparadas física e psicologicamente para se tornarem mães".



norte de Moçambique registrou, no ano passado, 2.783 casos relacionados com casamentos prematuros, contra mais de três mil que ocorreram em 2012. Os distritos de Murrupula, Rapale, Ribáuè, Malema, Mecubúri, Nampula-Rapale, Meconta e Muecate são os que apresentam índices mais elevados, apesar de haver campanhas de sensibilização com vista a desencorajar estas práticas. Na origem deste problemas está a falta de informação e de escolarização por partes de alguns pais e encarregados de educação.



O caminho das ruandesas do genocídio à passarela

Antes do genocídio no Ruanda em 1994, o marido de Salaam Uwamariya mantinha os seus oito filhos com o seu trabalho como professor, enquanto ela vendia verduras no mercado para melhorar a renda da família.

Texto: Amy Fallon - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

Mas, como aconteceu com muita gente neste país da África central, a sua vida mudou em apenas cem dias, quando cerca de 800 mil membros da minoria tutsi e moderados hutus morreram no genocídio que começou após a morte do então Presidente do Ruanda, Juvenal Habyarimana, e do seu colega do Burundi, Cyprien Ntaryamira. No dia 6 de Abril de 1994, o avião em que viajavam foi abatido por um míssil perto de Kigali, para impedir que os dois dirigentes assinassem um acordo de paz.

Entre os mortos durante o genocídio estava o marido de Uwamariya e os seus dois filhos mais velhos. Pouco a pouco ela pôde refazer a sua vida confeccionando roupa que vende no país e no exterior e que, inclusive, chegou às passarelas de outros países africanos. Actualmente, graças ao Centro César, ela aprendeu novas técnicas e pode manter a sua família.

Em 2005, este centro comunitário “adoptou” a sua aldeia, Avega, em Kimironko, perto de Kigali. “Perdi a minha família, muitos bens materiais, a minha casa, tudo”, contou à IPS, em kinyarwanda, uma língua local. Também perdeu os seus pais, tias e tios no genocídio. “Foi um enorme impacto, não consigo expressá-lo”, afirmou.

Avega tem 150 casas e 750 habitantes. Com o apoio económico da organização humanitária canadense Ubuntu Edmonton, o centro oferece cursos de capacitação para os residentes que ficaram marcados pelo resto de suas vidas pela violência fratricida. Há cursos de mecânica e serigrafia, além de um programa escolar, creches e uma oficina de costura onde Uwamariya trabalha. Semanalmente, cerca de 85 pessoas circulam pelo centro e beneficiam dos seus serviços.

A costura “melhorou muito a minha vida porque consigo dinheiro. Melhorou a minha vida e a dos meus filhos”, disse Uwamariya, que afirmou ganhar cerca de três mil francos ruandeses (cerca de 150 meticais) por peça, que leva apenas dois dias a confeccionar. Todas as costureiras recebem pagamento justo e o dinheiro vai directo para as mãos das mulheres. Com máquinas industriais, um dos professores, o alfaiate Edson Ha-



tegekimana, o único homem, ensinou-as a costurar. Deu aulas a Uwamariya durante um ano, e, segundo ela, “não foi difícil”.

Em determinado dia, é comum haver cerca de 20 mulheres, entre elas Uwamariya, de 58 anos, a trabalhar na confecção de vestidos, jaquetas, calças, bolsas, aventais e bijutarias com motivos africanos. Muitos dos artigos que elaboram incansavelmente são as criações a serem apresentadas pela estilista ruandesa Colombe Ndutyiye Ituze.

Curiosamente, foi a canadiana Johanne St. Louis que reparou no talento local, tendo passado a ajudar Ituze. As estilistas conheceram-se no Festival de Moda de Ruanda em 2010. St. Louis é directora-geral da St. Louis Fashion & Dreamy Loungewer. Por sua vez, Ituze lançou a Inco Icyusa, uma das primeiras marcas de roupa ruandesa, em 2011.

“Gostava muito das suas roupas e perguntei onde as mandava fazer, e ela disse-me que eram feitas por estas mulheres” do Centro César, disse Ituze à IPS. “Vim ao centro em 2011, e desde 2012 toda a minha produção é feita aqui. Trabalhei com os alfaiates da cidade, mas as modistas daqui são muito talentosas. Para grandes pedidos são as melhores”, afirmou. Quando Ituze descobriu o centro, muitas das suas integrantes tinham habilidades básicas. St. Louis treinou algumas e estas ensinaram outras. “A primeira vez que vim eram boas, mas não tanto como agora. São cada vez melhores”, disse Ituze.

As peças que Uwamariya e as suas companheiras costuram são vendidas na loja de Ituze em Niza, Kigali. St. Louis comercializa as suas na sua loja de Cannington, a cerca de 110 quilómetros de Toronto. “É emocionante fazer roupas para pessoas do Canadá porque nos pagam”, disse Uwamariya. “Agora, o desafio é conseguir um nicho de mercado, conseguir mais pedidos, mais roupas para fazer”, acrescentou.

Talvez isso ocorra mais cedo do que seria de esperar, caso Ituze e St. Louis contactem com outras lojas internacionais do sector de vestuário. Juntas abriram a casa Doda Fashion House, em Setembro. Doda quer dizer “costurar” em kinyarwanda. Têm uma oficina em Kimironko, que contratará quatro novas empregadas e prevê雇用 outras 14 mulheres para começar a treiná-las e a criar novos produtos.

Com sorte, nos próximos anos a sua oficina oferecerá vários cursos de capacitação em costura comercial, desenho, máquinas de costura e mercado. É um grande passo para a indústria no diminuto Ruanda, onde não há uma só escola de desenho de moda.

Entretanto, no Centro César, o supervisor Alain Rushayidi disse à IPS que só estará satisfeito quando a organização benéfica for capaz de transferir a propriedade de suas instalações ao pessoal de Avega. “Este centro deve vosso. Em 10 ou 15 anos pertencerá às suas integrantes, a todas elas”, afirmou.

Rushayidi destacou que actualmente está a ser implantada uma estrutura capaz de tornar o centro sustentável e economicamente independente. “Não posso explicar os desafios que havia quando começámos a trabalhar”, enfatizou. “Costumávamos ter um banco de alimentos na aldeia. Havia pessoas infectadas com o VIH” (vírus causador da SIDA), afirmou. Dez anos depois, “naturalmente que as coisas não estão 100%, mas as suas vidas melhoraram”, concluiu.

Número de mortes causadas por surto de ébola atinge 467 pessoas, alerta OMS

O número de mortes atribuídas a uma epidemia do vírus ébola na Guiné, Libéria e Serra Leoa subiu para 467 até segunda-feira (01), de um total de 759 casos conhecidos, afirmou a Organização Mundial da Saúde nesta terça-feira.

Texto: Redacção/Agências

O surto da doença já é o maior e mais mortal da história, de acordo com a OMS, que anteriormente havia fixado o número de mortos em 399 até 23 de Junho, de um total de 635 casos.

O aumento de 17 porcento no número de mortos e de 20 porcento no de casos no intervalo de uma semana dá um tom de urgência a uma reunião

de 11 ministros da Saúde da África Ocidental em Acrá, capital do Gana, na quarta e quinta-feira, que pretende coordenar uma resposta regional.

Em reacção ao surto, autoridades da Libéria afirmaram que qualquer pessoa que esconder um paciente suspeito de ter ébola será processado. Algumas famílias, curandeiros e médicos tradicionais estariam a retirar pacientes de hospitais para submetê-los a orações especiais e à medicina tradicional.

O surto da África Ocidental deixou alguns dos países mais pobres do mundo, com fronteiras permeáveis, fracos sistemas de saúde e prejudicados pela guerra e pelo desgoverno, diante de uma das doenças mais letais e contagiosas do planeta.

A OMS afirmou que três factores-chave estavam a contribuir para a disseminação da doença. Um deles era o enterro de vítimas, em conformidade com as práticas culturais e as crenças tradicionais nas comunidades rurais.

Outro era a densa população em torno das capitais da Guiné e da Libéria. A terceira era a actividade comercial e social ao longo das fronteiras dos três países.

“A contenção deste surto requer uma resposta forte nos países e, especialmente, ao longo das suas zonas fronteiriças comuns”, disse o comunicado.

Os números da OMS incluem casos confirmados, prováveis e suspeitos.

Bolívia traça a sua própria rota da coca

Na Bolívia o cultivo de coca, matéria-prima da cocaína, caiu 9% em 2013 e 26% nos últimos três anos, informou o Escritório das Nações Unidas Contra a Drogas e o Crime (UNODC). Esta redução foi possível graças à participação activa dos produtores e agricultores locais.

Texto: Samuel Oakford - Envolverde/IPS • Foto: Fottus.com



(medida de terra equivalente a 1.600 metros quadrados) de coca, o que é visto como uma espécie de salário mínimo.

Ao contrário do Peru e, especialmente, da Colômbia, onde a erradicação forçada, as fumigações e os confiscos são a estratégia para lidar com a produção ilegal de coca, os agricultores bolivianos permitem que os funcionários visitem e meçam os seus campos, actos que depois são verificados com dados obtidos por satélite. Por esta razão, os dados declarados pelo Governo são muito semelhantes aos publicados pelos Estados Unidos, sendo que em 2012 foram idênticos. Isso não ocorre no caso de outros produtores na região.

"Nada é feito inteiramente sem atritos, mas o processo acabou com os ciclos de protesto, violência e morte dos produtores", explicou à IPS a directora da Rede Andina de Informação, Kathryn Ledebur. "Continua a haver violações dos direitos humanos, mas no passado arrancaram toda a coca" dos produtores sem lhes oferecer um plano de subsistência alternativo, afirmou.

Na Colômbia, o Governo destrói aproximadamente cem mil hectares de plantações por ano. Como os pequenos agricultores não costumam ter uma alternativa económica, voltam a plantar coca e o ciclo recomeça. A política da Bolívia não fixa limites rígidos nem localizações geográficas exactas para os cultivos, mas qualquer plantação que supera o cato em áreas não autorizadas é destruída.

"As boas práticas indicam que para reduzir os cultivos ilícitos de uma maneira sustentável e evitar o retorno do ciclo existe a necessidade de combinar os esforços de erradicação com programas de desenvolvimento participativo a longo prazo que gerem oportunidades reais para os agricultores", destacou De Leo. Em 2008, o Presidente Morales expulsou o embaixador dos Estados Unidos, Philip Goldberg, e em 2009 fez o mesmo com a representação da Agência Antidrogas (DEA). A partir de então cessaram os fundos de Washington destinados à luta contra as drogas.

As medidas antecederam uma reelaboração cuidadosamente planeada das obrigações da Bolívia no contexto do sistema de convenções da Organização das Nações Unidas (ONU) que rege a política global contra as drogas. Em 2011, o país tomou a medida sem precedentes de se retirar da convenção de 1961 sobre estupefacientes, mas em 2012 reconfirmou a sua adesão, com a condição de que a Bolívia tivesse um mercado interno legal para a folha de coca.

A decisão foi aceite pela imensa maioria dos Estados membros que concordou com o facto de que a coca é uma planta tradicional utilizada por milhões de bolivianos sem fins

abusivos. Como outras medidas referentes a drogas tomadas por outros países, a decisão serviu para minar a interpretação jurídica uniforme e proibitiva das convenções. Mas, ao contrário do Uruguai e dos Estados norte-americanos de Washington e Colorado – que legalizaram a produção e a comercialização da maconha – a Bolívia conta com a aprovação oficial da comunidade internacional.

"Se há 15 anos alguém perguntasse o que aconteceria a um país andino que perde o financiamento dos Estados Unidos estariam a falar de uma invasão dos marines (fuzileiros navais) e tudo a ir por água abaixo, mas nada disso aconteceu", apontou Ledebur. "Um país muito pequeno desafiou as premissas básicas da dominação dos Estados Unidos e as suas repercussões políticas, e teve êxito", acrescentou.

No ano passado, Washington não outorgou o certificado antidrogas à Bolívia porque, segundo disse, esse país não realizou "esforços suficientes para cumprir as suas obrigações sob os acordos antinarcóticos internacionais". Mas, ao notificá-lo, o Governo norte-americano reconheceu que a "produção potencial de cocaína pura" boliviana diminuiu 18% em 2012.

A Bolívia pode ter feito as pazes com os seus produtores de coca, mas continua a ser o terceiro produtor de cocaína do mundo. O Governo destruiu mais de cinco mil instalações de produção da droga e apreendeu 20.400 quilos de pasta de cocaína no ano passado.

A produção andina é alimentada pela crescente demanda no Brasil, o segundo mercado de cocaína no mundo, atrás dos Estados Unidos. "Sempre que houver uma forte procura de cocaína será muito difícil competir com a coca – sempre será um cultivo muito atraente", ressaltou De Leo.

Desde que chegou a Presidência, em 2006, Evo Morales, outrora líder do sindicato de produtores de coca, começou a negociar com os agricultores e as suas organizações para convencê-los de que com a definição de metas de cultivo em comum acordo se conseguiram preços maiores bem como uma renda sustentável para dezenas de milhares de produtores de subsistência. E, de facto, em 2013 o preço da coca na Bolívia, que já era superior ao da Colômbia e do Peru, aumentou em 7%, passando de 7,40 dólares para 7,80 o quilo.

Embora o valor da colheita de coca tenha diminuído de 318 milhões dólares para 283 milhões, os agricultores, na sua maioria, já não vivem com o temor de que o seu meio de subsistência seja destruído pelos esforços de erradicação financiados pelos Estados Unidos, que caracterizaram a política do país contra as drogas durante décadas.

A resposta militarizada favorece o crime organizado e os grupos armados e conduz à concentração de riqueza ilícita. A Bolívia permite aos produtores individuais o cultivo anual de um cato

Falta de oxigénio pode ter causado morte de tripulação e passageiros do MH370

As autoridades australianas ponderam a possibilidade de que a falta de oxigénio tenha causado a morte da tripulação e passageiros do voo MH370 de Malaysia Airlines, que supostamente terá feito o derradeiro percurso com recurso ao piloto automático até se despenhar no sul do Oceano Índico.

Texto: Redacção/Agências

"Ao comparar as características dos acidente com a limitada informação disponível sobre o voo MH370, as autoridades apoiaram-se nos dados históricos de que a tripulação pudesse estar inconsciente por falta de oxigénio para recriar os últimos momentos do acidente", indicou à EFE a Autoridade Australiana de Segurança no Transporte (ATSB).

O organismo publicou na quinta-feira (26) um relatório para tentar delimitar a área de busca do avião desaparecido no qual analisou diversos possíveis factos do acidente em que se incluiu "um transtorno durante o voo, um evento de hipoxia/tripulação inconsciente e um voo sem motor".

Estas variáveis são somente utilizadas "para ajudar na definição prioritária da área de busca" da aeronave, assinalou a ATSB.

"A determinação dos factores reais implicados no desaparecimento do MH370 é da responsabilidade



da autoridade que investiga o acidente", ressaltou o departamento encarregado dos trabalhos de resgate.

As autoridades australianas anunciaram esta semana a realocação da zona de busca do MH370 a uma área de 60.000 quilómetros quadrados e que está situada para sul, que a princípio se apontou como o destino final do aparelho.

Antes de começar novamente a busca submarina no próximo mês de Agosto numa missão que durará um ano, as autoridades australianas, que coordenam o resgate do aparelho, encarregaram-se da elaboração

de um mapa do fundo marinho.

O avião de Malaysia Airlines descolou de Kuala Lumpur na madrugada de 8 de Março com 239 pessoas a bordo e estava previsto que chegassem a Pequim seis horas mais tarde, mas desapareceu dos ecrãs de controlo de radar aos 40 minutos de voo.

O MH370 mudou de rumo numa "acção deliberada", segundo as autoridades malaias, para atravessar a Península de Malaca em direcção contrária ao seu trajecto inicial e acredita-se que possa ter caído no sul do Índico.

Refugiados centro-africanos em conflito com a população local em Camarões

Os refugiados da República Centro-Africana que vivem na região leste dos Camarões sentem-se cada vez mais frustrados com a deterioração das suas condições de vida e a sua incapacidade para se sustentar, devido ao conflito que mantém com a população local pelos limitados recursos. Eles denunciam que são impedidos de ter acesso a ferramentas agrícolas porque as agências humanitárias temem que as usem como armas contra a população local.

Texto: Monde Kingsley Nfor - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

Clay-Man Youkoute, director do acampamento de Guiwa, contou à IPS que essas agências mostraram-lhes áreas onde podem cultivar. "Antes de começarmos a trabalhar, as agências negaram-se a dar-nos as ferramentas adequadas. Disseram que se nos dessem facões iríamos usá-los contra a população local. É muito insultoso", acrescentou. "Fomos trabalhar numa terra agreste sem ferramentas adequadas, só para não nos impedirem de usar a terra. O chefe local e o seu povo mandaram-nos embora dizendo que não tínhamos o direito de estar no seu território", acrescentou.

Rosaline Kusangi, mãe de três filhos, teve que colher frutas silvestres para ganhar a vida. Ela caminha todos os dias cinco quilómetros até um monte próximo para colher mangas. Depois vende-as no mercado de Guiwa. "Não posso ter terras, então dependo das frutas silvestres para sobreviver, mas a população local continua a pensar que não tenho direito a elas porque sou refugiada", afirmou à IPS.

Cerca de 1,5 mil refugiados assentaram-se em Guiwa, no leste de Camarões, como parte do primeiro fluxo de pessoas que fugiram da República Centro-Africana após o golpe de Estado de Abril de 2013, quando o Presidente François Bozizé foi derrubado. Mas, em Maio, vários refugiados começaram a abandonar os acampamentos por causa das péssimas condições de vida. Estima-se que cerca de 200 mil pessoas das República Centro-Africana estão refugiadas nos Camarões. Mas, inclusive em Guiwa, vivem em más condições com barracas de campanha que se desgastam rapidamente. Falta água e instalações adequadas para o seu tratamento.

"Há mais de um ano estamos aqui e ainda vivemos em abrigos



tão precários como desgastados. Na estação seca faz muito calor no seu interior e quando chove entra água. Além disso, os insectos e as cobras entram com facilidade nas barracas", disse à IPS o refugiado Jodel Tanga. Como se não bastasse, as infecções e a malária aumentaram nos dois primeiros meses da estação chuvosa.

"Todos os dias, cerca de dez pessoas ficam contraem malária ou sofrem de problemas de estômago desde que começaram as chuvas. Todos os poços cavados pela Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) secaram ou estão contaminados, por isso temos de andar dois quilómetros em busca de água", explicou à IPS a refugiada Juliana Manga, que trabalha como assistente de saúde no acampamento de Guiwa.

Segundo Manga, é difícil receber atendimento médico. "Quando vamos à clínica somos sempre os últimos a serem atendidos. Dizem que temos de esperar que a população local seja atendida antes. As enfermeiras dos hospitais fazem comentários e gestos insultuosos", acrescentou. Ela também se queixou junto às autoridades escolares porque não deixavam que os seus filhos fossem à escola alegando que havia pouco espaço nas salas.

A quantidade de refugiados que cruza a fronteira da República Centro-Africana a caminho dos Camarões diminuiu de mais de dez mil, uma semana antes do início de Março, para cerca de mil por semana, actualmente. Mas a onda já mudou a configuração da maioria dos povoados da região Leste.

Segundo o conselheiro local de Guiwa, Joseph Kwette, a comunidade local preocupa-se com a sua própria segurança e o seu sustento desde o começo do fluxo de refugiados. "Estes eram um grupo de pessoas contrariadas, que abriram caminho até Guiwa, apesar das tentativas da população local para que ficassem na fronteira. Isso gerou tensão que ainda persiste", detalhou à IPS.

As fontes de água locais foram seriamente comprometidas. As crianças são obrigadas a andar longas distâncias para encontrar água e madeira. A mandioca, o alimento mais consumido na região, também se tornou escasso e é vendido pelo dobro do preço no mercado.

"A falta de água no acampamento e o desmatamento causado pelos refugiados ameaçou a segurança alimentar da população de Guiwa, que também depende dos produtos da selva e da água para sobreviver. Os preços dos produtos aumentaram e os roubos menores são comuns", ressaltou Kwette.

Segundo o comandante da Polícia de Guiwa, os crimes aumentaram no ano passado. Atribuíram-se aos refugiados os últimos episódios de roubos com armas e o aumento do comércio sexual. Em Janeiro, refugiados da República Centro-Africana fizeram reféns dois trabalhadores humanitários das Nações Unidas em protesto pela falta de assistência básica. No início de Maio, um grupo de homens armados do país sequestrou 18 civis que viajavam pelo leste de Camarões.

Mas os refugiados afirmam que apenas são vítimas das circunstâncias e não gozam de direitos humanos básicos, como a liberdade de movimento. "Consideram-nos criminosos por não termos documentos de identidade. A Polícia incrimina-nos e muitos refugiados vão para a prisão de Bertoua só porque tentaram movimentar-se e procurar trabalho na cidade", queixou-se Youkoute. "Não há documentos que nos identifiquem como refugiados da República Centro-Africana registados pelo ACNUR", acrescentou.

As agências humanitárias em Camarões declararam a actual situação como sendo de emergência e pediram mais ajuda. A Organização Mundial da Saúde denunciou que as instalações sanitárias têm uma terrible carência de pessoal e falta água e electricidade. Os trabalhadores humanitários estão sobrecarregados e os suprimentos médicos também se esgotam.

Os armazéns do Programa Mundial de Alimentos vão ficando vazios e são necessários fundos urgentes para comprar mais comida e suplementos nutricionais para as crianças malnutridas. "As necessidades dos refugiados são descomunais. As necessidades mais urgentes são de habitação, alimentos e tratamento médico. Foram identificados muitos outros locais para alojá-los", declarou Faustian Tchmi, director da região Leste da Cruz Vermelha de Camarões.

Nova proposta de lei para a reforma da terra na África do Sul é uma receita para o desastre, segundo a Aliança Democrática

A maior força da oposição da África do Sul, a Aliança Democrática (DA, sigla em inglês), caracterizou recentemente a nova proposta de lei para a reforma da terra, por parte do Ministro do Desenvolvimento Rural, Gugile Nkwinti, como receita para o desastre da agricultura.

Texto: Milton Maluleque • Foto: LUSA

"Eles irão aumentar a insegurança, diminuir os postos de trabalho, incentivar o já preocupante abandono dos agricultores especializados do país e contribuir para a insegurança alimentar a médio prazo," defendeu Helen Zille, a líder desta formação partidária.

Falando a jornalistas no Parlamento (Assembleia da República na Cidade do Cabo), Zille defendeu que o seu partido apoia a transformação de agricultores em donos da terra, mas que questionava o facto de o Governo ter abandonado o modelo original da reforma da terra, que se encontra estipulado no Plano Nacional de Desenvolvimento (NDP, sigla em inglês), que conta com contribuições DA e outros partidos.

A nova proposta

A nova proposta de lei para a reforma da terra e restituição aos nativos (a maioria negra), da autoria do Ministro do Desenvolvi-

mento Rural e da Reforma da Terra, Gugile Nkwinti, teria sido finalizada em Fevereiro último.

A iniciativa intitulada "Restituindo o Direito do Povo que Trabalha com a Terra", está a criar uma onda de incerteza entre os agricultores sul-africanos (a minoria branca conhecida por boers).

O documento propõe que os camponeses assumam o direito de donos de metade da terra onde se encontram empregados. Os agricultores, os "históricos donos da terra" desde que estes se apoderaram dela antes e depois do regime de segregação racial, o Apartheid, irão automaticamente reter a outra metade da terra.

De acordo com esta proposta, que tem como Abril do próximo ano a data limite para a submissão do feedback por parte dos parlamentares, o Governo irá pagar cerca de 50% para que as ações de propriedade fiquem com os camponeses.

Este dinheiro não servirá de recompensa para os agricultores, mas sim para um fundo de investimento e de desenvolvimento, que passará a ser gerido pelas duas partes (agricultores boers e os agricultores negros).

Abandono do NDP

A nova proposta de lei do Ministro Gugile Nkwinti beneficia os trabalhadores agrícolas, que teriam trabalhado e vivido nas far-

mas (machambas), por um período igual ou superior a 10 anos.

A líder da DA, Helen Zille, governadora da província do Cabo Ocidental, disse aos jornalistas não compreender as razões do abandono do Plano Nacional de Desenvolvimento (NDP), visto que este já estava a ser implementada na sua província.

"Porque não damos uma oportunidade ao modelo de reforma NDP?" questionou Zille, tendo acrescentado que os deputados da sua formação irão forçar um encontro da Comissão para a Reforma da Terra para debater a nova proposta de lei do Ministro Nkwinti.

"Iremos também opor-nos a qualquer legislação que for a emergir da proposta actual do ministro," destacou.

Fora das resoluções de Mangaung

Um membro do Comité Central do Congresso Nacional Africano (ANC, sigla em inglês), defendeu que a nova proposta do ministro Gugile Nkwinti não fazia parte das resoluções do último Congresso do partido em Mangaung, datado de 2012.

Citando em anonimato o membro do Comité Central do ANC, o City Press publicou neste domingo uma informação segundo a qual o ANC não teria recomendado ao ministro do Desenvolvimento Rural e da Reforma da Terra, para que forçasse a implementação da controversa proposta de lei de reforma da terra.

Há 100 anos em Sarajevo: o dia em que começaram a apagar-se as luzes na Europa

A história da I Guerra não começa em 1914, em Sarajevo, mas muito antes. Deriva da crise dos impérios multinacionais sob pressão dos nacionalismos e da disputa pela hegemonia do continente.

Texto: Jorge Almeida Fernandes - jornal Público de Lisboa • Foto: LUSA

Vinte e oito de Junho de 1914: era domingo e fazia sol em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina. De manhã chegam à cidade, de comboio, o arquiduque Francisco-Fernando (Franz-Ferdinand), herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e a sua mulher, a duquesa Sofia. Sobem para um automóvel descapotável. Os cinco carros da comitiva dirigem-se à câmara municipal para a cerimónia de receção. Seguem pelo cais Appel, junto do rio Miljacka, no meio da multidão de curiosos. A visita tinha sido anunciada em Março.

Na mesma manhã, seis jovens nacionalistas sérvios da Bósnia espalham-se ao longo do cais. Apenas um tem mais de 20 anos. Estão armados com bombas e pistolas. O primeiro a entrar em acção é Muhamed Mehmedbasic, o único muçulmano do grupo, que entra em pânico supondo-se vigiado por um polícia e desaparece na multidão.

Um pouco mais longe, o segundo terrorista, Nedeljko Cabrinovic, tira a bomba do invólucro e lança-a sobre o carro de Francisco-Fernando. Não o atinge e explode sobre o terceiro carro, ferindo alguns oficiais da comitiva. O mais jovem, Vaso Cubrilovic, fica perturbado ao ver a duquesa, cuja vinda não estava prevista. "Não puxei do revólver porque a duquesa estava lá e tive piedade dela", dirá no julgamento. Outro, Cvjetko Popovic, era míope e não conseguiu distinguir o alvo. O principal conjurado, Gavrilo Princip, ouvindo a explosão, acreditou no sucesso. Depois viu Cabrinovic detido pela Polícia e percebeu que era tarde para agir.

Neste preciso instante o atentado falhara e com ele evaporava-se a causa mítica da I Guerra Mundial. A fortuna não quis assim. O arquiduque chega à câmara, colérico pelo risco que a mulher correu, abrevia a cerimónia e decide ir ao hospital visitar os feridos. Sofia cancela uma reunião com mulheres bósnias e decide acompanhá-lo.

Desta vez vão a alta velocidade, mas o motorista engana-se no caminho, mete-se num beco, pára o carro (sem marcha atrás) e este tem de ser empurrado para a estrada. Está lá, no passeio, Gavrilo Princip, que vê subitamente Francisco-Fernando à sua mercê. Aperfa o gatilho – não saberá dizer quantas vezes – e atinge ao mesmo tempo o arquiduque e a mulher. Morrerão em minutos.

Princip tentou disparar contra si mesmo, mas é agarrado pela multidão e pela Polícia. Antes, Cabrinovic saltara para o rio e terá vomitado a pastilha de cianeto com que deveria suicidar-se. O rio estava quase seco e foi detido por um barbeiro e dois polícias.

Às 11 da manhã está tudo consumado. Raros perceberam que em breve se iriam "apagar as luzes na Europa".

"Sou um herói sérvio"

"Gavrilo Princip e os seus camaradas não queriam matar em especial Francisco-Fernando, qualquer Habsburgo teria servido para o efeito, ou mesmo o governador da província, o general Potiorek, odiado pela brutalidade com que reprimia os movimentos de contestação", escreveu o historiador Jean-Jacques Becker. Os conjurados não imaginavam que iriam provocar uma crise internacional. Queriam atentar contra os Habsburgo. Eram nacionalistas românticos que cultivavam a filosofia do atentado individual. Um deles, ao ser preso dias depois, gritou: "Eu sou um herói sérvio."

Princip nasceu numa família camponesa da Bósnia e estudou num liceu. Era bom aluno, mas não conseguiu entrar no exército sérvio. Devorador apaixonado da literatura nacionalista, adere aos 17 anos à sociedade secreta Jovens Bósnios, dominada por sérvios mas também com croatas e muçulmanos. Continuará os estudos em Belgrado e viajará permanentemente entre as duas cidades. Torna-se um conspirador profissional.

Antes do atentado, foi recolher-se junto do túmulo de outro "herói sérvio", Bogdan Zerajic, que em 1910 preparara um atentado contra o imperador em Mostar, desistindo no último momento. Zerajic falhou a seguir um atentado contra o governador da Bósnia e suicidou-se. Princip tê-lo-á tornado como modelo. Tinha 19 anos quando assassinou Francisco-Fernando. Por ser menor, não podia ser condenado à morte. Morrerá tuberculoso, em 1918, na prisão de Theresienstadt.

A Mão Negra

Por trás do atentado está uma organização nacionalista sérvia, a



Mão Negra. É manipulada pelo coronel Dimitrijevic, mais conhecido por "Ápis", chefe dos serviços secretos militares e uma das figuras mais poderosas do Estado. É inimigo do Primeiro-Ministro Nikola Pasic. Todos estão intoxicados pelo designio de unir todos os sérvios, expandir as fronteiras e ganhar um acesso ao Adriático – uns sob a forma de Grande Sérvia, outros de Jugoslávia. O que os separa não é o objectivo mas "como" o alcançar.

As guerras balcânicas de 1912-13, efeito da desagregação do Império Otomano, fizeram da Sérvia o mais forte Estado balcânico. Mas os austriacos tinham anexado a Bósnia-Herzegovina em 1908 e facilitado a independência da Albânia (1912), fechando à Sérvia o acesso ao mar.

O historiador Christopher Clark, no livro *The Sleepwalkers* (Os Sonâmbulos), faz a melhor reconstituição do vespeiro sérvio com base em documentação inédita. O ultranacionalismo da Mão Negra, que não hesita em dar apoio a acções terroristas, encobre a intensa disputa pelo poder na Sérvia.

Será o número dois de Ápis, o major Tankosic, quem autoriza o fornecimento das armas a Princip e amigos e quem lhes facilita a passagem das armas pela fronteira. A conspiração terá chegado ao conhecimento de Pasic, que não tem controlo sobre a Mão Negra. Segundo Clark, Pasic terá advertido Viena do projecto de atentado mas de forma sibilina, para se cobrir e talvez para não ser levado a sério. Não há documentos.

Em Sarajevo depressa começa a haver provas. Um dos conjurados, Danilo Ilic, que tinha relações directas com a Mão Negra e tentara cancelar o atentado, é preso numa operação de rotina no dia 1 de Julho. Conta ao juiz todos os meandros da operação. Se a Áustria não precisava de muitas provas para retaliar, tinha agora uma pista que ligava directamente Sarajevo a Belgrado.

Há aqui uma ironia trágica. Em Viena, Francisco-Fernando opunha-se aos belicistas que queriam "a pele dos sérvios" e a reacções que pudessem ser consideradas como provocação à Rússia. Na realidade, era mais hostil aos húngaros e teria o designio de reequilibrar a Monarquia Dual, subindo o estatuto dos eslavos do sul (jugoslavos). Não era apreciado em Budapeste.

O detonador

O atentado de Sarajevo começou por ser lido como um mero episódio. O diário francês *Le Temps*, jornal de referência, não lhe deu sequer a primeira página, ocupada com o "caso" de Mme Caillaux, que em Março assassinara a tiro o director do *Figaro* em nome da sua honra e da do marido, o ex-Primeiro-Ministro Joseph Caillaux, e cujo julgamento começaria em breve.

Os dirigentes políticos e militares foram apanhados de surpresa. Muitos estavam de férias. O Presidente francês, Raymond Poincaré, recebeu a notícia no hipódromo de Longchamp. Passou o telegrama da agência Havas ao embaixador da Áustria-Hungria que estava no seu camarote e dirigiu-se imediatamente à embaixada. Dos seus convidados, apenas o embaixador romeno se mostrou preocupado: os austriacos teriam agora um pretexto para ajustar as contas com os sérvios. Poincaré continuou a ver as corridas. Guilherme II, o imperador alemão, estava a participar numa regata no Báltico. Decidiu regressar a Berlim. O seu chefe do estado-maior, general Von Moltke, estava nas termas. Berchtold, o chanceler austriaco, estava a caçar patos na Morávia. Edward Grey, ministro dos Negócios Estrangeiros britânico e ornitólogo amador, estava no campo a observar pássaros. O que, aliás, preocupava os britânicos era a questão irlandesa.

"À medida que a notícia dos homicídios se espalhou rapidamente pela Europa, foi recebida com a mesma mistura de indiferença e de apreensão como no camarote de Poincaré", sublinha a historiadora Margaret MacMillan (*A Guerra Que Acabou com a Paz, Termas e Debates*, 2014). Mesmo em Viena, os carrosséis e divertimentos do Parque Prater continuaram abertos. Os europeus não sabiam que viviam as últimas semanas antes do horror de Agosto. Acrescenta MacMillan: "Em 1914, os governos europeus acreditavam que uma guerra mundial era impossível. A sensação dominante era que se assistia a mais uma crise balcânica (...) e dava-se por adquirido que seria resolvida."

Houve raras exceções. O historiador alemão Friedrich Meinecke anotou no seu diário o que sentiu ao olhar para os jornais expostos na rua: "De repente, tudo escureceu diante dos meus olhos. Isto significa guerra, disse a mim próprio."

Sarajevo não é a "causa da guerra" mas o seu detonador. Avisara Bismarck no Congresso de Berlim (1878) que uma "qualquer asneira nos Balcãs" poderia incendiar a Europa. Como? Para os sérvios, tal como para os checos, a realização dos seus designios nacionais exigia a destruição da "prisão dos povos", como os nacionalistas chamam ao Império Austro-Húngaro. Para este, a sobrevivência passa pela neutralização daquelas pulsões irredentistas, sobretudo na região da futura Jugoslávia. É "uma questão vital" para Viena.

A engrenagem

A História da Grande Guerra não começa em Sarajevo mas muito antes: a transformação da ordem política europeia, a disputa da hegemonia sobre o continente, a crise dos impérios multinacionais, multilingüísticos e multirreligiosos colocados sob crescente pressão pelos nacionalismos emergentes desde 1848 ou ainda pela ascensão de novas potências, como o Japão e os Estados Unidos. Há uma disputa pela hegemonia política na Europa Central e Ocidental entre a França e a Alemanha. Há uma outra disputa entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, quando esta começa a tornar-se numa potência naval e Londres teme que

tal ameace a sua supremacia marítima. E há uma velha ordem social a desfazer-se.

Os historiadores dão uma importância singular ao sistema de alianças vigente em 1914: a Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha, Rússia) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria, Itália). Em 1911, a "questão de Agadir", uma disputa entre a França e a Alemanha sobre a hegemonia em Marrocos, transformou-se numa crise grave, mas foi contida pelo inequívoco apoio britânico a Paris, que fez recuar Berlim. As guerras balcânicas de 1912-13 criaram uma alta tensão entre o Império Austro-Húngaro e o Império Russo, mas foram diluídas pelos respectivos aliados.

Já a crise de Sarajevo vai tomar um rumo completamente distinto, em que se combinam os efeitos perveros do sistema de alianças e os múltiplos equívocos e erros de avaliação entre os dirigentes europeus.

Sarajevo abre um "gigantesco jogo de póquer diplomático", resume o historiador o Gerd Krumeich. A Áustria quer ajustar contas com a Sérvia, o que é inaceitável para a Rússia, que perderia a influência nos Balcãs. A França desconfia de que os alemães a querem enfraquecer, separando-a dos indispensáveis aliados russos, e empurra Moscovo para a guerra. Por sua vez, Berlim está obcecada pela "síndrome do cerco", o temor de se ver encravada entre a Rússia e a França e de ver travada a sua ascensão internacional.

Berlim decide fazer um teste à solidade das alianças. No dia 5 de Julho passa o célebre "cheque em branco" a Viena, prometendo-lhe solidariedade no confronto com a Sérvia mesmo que a Rússia reaja. Os alemães querem obrigar a Europa a deixar a Áustria ajustar contas com a Sérvia. Apostam num conflito localizado que, indirectamente, provocaria fissuras na aliança franco-russa e na entente anglo-francesa. Crêem que a Rússia não está preparada e faz bluff no apoio à Sérvia e que Londres não tem interesse em envolver-se neste conflito – cálculos lógicos mas errados. O erro de cálculo mais grave e por todos partilhado foi a ilusão de uma guerra curta.

A historiografia recente põe menos ênfase na procura dos "culpados" e privilegia o estudo da engrenagem. "Nenhuma das grandes potências queria uma guerra geral em 1914", escreveu William Mulligan (*The Origins of the First War*, 2005). "A guerra resulta de uma acumulação de decisões, que individualmente não eram susceptíveis de provocar a guerra, mas cuja interacção com outras decisões teve como efeito destruir as fundações da paz."

No dia 23 de Julho, Viena dá um passo fatídico ao apresentar um ultimato à Sérvia. Foi redigido de modo a que Belgrado não o pudesse aceitar – como a participação de funcionários austro-húngaros nos inquéritos em território sérvio sobre o atentado de Sarajevo. Belgrado recusou esta cláusula e, no dia 28, Viena declara a guerra e bombardeia Belgrado. As chancelarias são incapazes de circunscrever o conflito. No dia 30, a Rússia inicia a mobilização geral nas duas frentes, a da Áustria e a da Alemanha. Daqui em diante, já não se trata de Sarajevo mas de outro assunto: a guerra.

Liga Muçulmana “campeã de Inverno” sem derrota!

Terminou, no fim-de-semana último, a primeira volta do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambique, edição 2014. Sem nenhuma derrota em treze jogos, a Liga Desportiva Muçulmana sagrou-se “campeã de Inverno” com 33 pontos, a nove do segundo classificado, o Ferroviário de Nampula. Debaixo da linha de água ficaram as equipas do Estrela Vermelha da Beira, Têxtil de Punguè e Ferroviário de Pemba.

Texto: David Nhassengo • Foto: Arquivo

Depois da conquista do troféu na época 2010 e revalidado em 2011, no seio da Liga Muçulmana nasceu um sonho ao redor de um objectivo que, na altura, levou o rótulo de “missão impossível”. Era, para todos os efeitos, um propósito que não engrandece uma competição que em todos os anos é disputada pelos chamados “candidatos crónicos ao título”.

No Inverno de 2012, Artur Semedo foi demitido do comando técnico daquela colectividade sem que conseguisse alcançar o referido objectivo. Entrou o português Litos Carvalha que, apesar de ter liderado uma equipa de sonho, que em apenas um ano e meio venceu quatro troféus, nomeadamente do Moçambique, da Taça de Moçambique e duas Supertaças, também não conseguiu manter a invencibilidade durante a primeira volta do Campeonato Nacional de Futebol.

Foi necessária, diga-se de passagem, a promoção de Sérgio Faife Matsolo a treinador principal daquele emblema para que os muçulmanos fizessem, finalmente, história no futebol moçambicano. Treze jogos... nenhuma derrota, um registo absolutamente inédito de que o país não tem memória viva.

Terminada a primeira volta, a Liga Muçulmana lidera de forma isolada a tabela classificativa com 33 pontos, fruto de 10 vitórias e apenas três empates, curiosamente arrancados pelas formações do Ferroviário de Maputo (1 - 1) na segunda jornada, Desportivo de Maputo (0 - 0) na quarta e Estrela Vermelha da Beira (0 - 0) na 11ª ronda. Uma obra que, como dissemos acima, é inédito, o que obrigou a direcção daquela colectividade a abrir os cordões à bolsa para premiar, como se de campeões se tratasse, os jogadores e a respectiva equipa técnica.

Para além desse feito, os campeões nacionais em título terminaram a primeira metade deste Moçambique com o melhor ataque, 24 golos apontados em treze jornadas, o que dá uma média de dois tentos por jogo. Sofreram apenas seis, igualmente o melhor registo desta fase do Campeonato Nacional de Futebol.

Ferroviário de Nampula sem norte desde a sétima jornada

A equipa locomotiva da chamada capital do “Norte” foi, durante a primeira volta, a grande sensação do Moçambique. Terminou a fase “suspenso” na segunda posição, com 24 pontos, o mesmo registo do HCB de Songo embora em desvantagem por ter perdido, fora de casa, concretamente no Estádio 25 de Junho, por 1 - 0 diante do Ferroviário.

As primeiras seis jornadas desta prova foram surpreendentemente lideradas pelo conjunto treinado por Rogério Gonçalves, que só perdeu a primeira posição para a Liga Muçulmana no seu sétimo jogo, depois de um empate sem abertura de contagem diante do Desportivo de Nacala. Antes do derby “nampulense”, o Ferroviário havia sido derrotado, por 0 - 1, pelo Costa do Sol, na sua primeira deslocação à cidade de Maputo.

Em treze desafios, a equipa locomotiva somou sete vitórias, três empates e igual número de derrotas, o melhor registo de sempre, tendo superado as seis vitórias, seis



empates e uma derrota que assinalou em 2004, ano em que conquistou o troféu da prova máxima do futebol moçambicano.

No que aos golos diz respeito, os pupilos do português Rogério Gonçalves destacaram-se por se terem tornado a terceira melhor defesa na medida em que sofreram, em treze jogos, oito golos, sendo superados pelo Maxaquene (sete) e líder Liga Muçulmana (seis).

Estrela, Têxtil e “Pembinhas” na luta pela vida

Contrariamente à obra dos muçulmanos da capital do país e da locomotiva do norte, o Ferroviário de Pemba registou a pior prestação durante a primeira volta do Moçambique. No fundo da tabela classificativa, ou seja, a iluminar a zona da despromoção, aquela colectividade, que regressou nesta época à elite do futebol moçambicano, conquistou apenas 10 pontos de 39 possíveis.

O seu futebol irregular rendeu-lhe sete derrotas, quatro empates e apenas duas vitórias, um saldo positivo comparativamente ao ano em que desceu de divisão, em 2012, quando em igual período havia perdido 10 jogos e empatado três. Marcou oito golos contra seis daquela temporada, tendo sofrido 14, contrariamente aos 24 de há dois anos.

Ainda abaixo da linha de água encontram-se as formações do Estrela Vermelha da Beira, com 12 pontos, e o Têxtil de Punguè com menos um, ambas da cidade da Beira.

Os colossos de nome e candidatos ao título só por tradição!

Os chamados “crónicos candidatos ao título”, nomeadamente Maxaquene, Costa do Sol, Ferroviário de Maputo e o Desportivo de Maputo, foram os que mais desiludiram os amantes do futebol durante a primeira volta do Moçambique que terminou no fim-de-semana último.

O encontro secreto que os quatro emblemas mantiveram antes do arranque da época, que durou cerca de quatro horas algures na baixa da cidade de Maputo, cujo tratado, segundo soubemos, resultou no “pacto de não-agressão” no que às transferências de mercado e folhas salariais diz respeito, bem como quanto à criação duma espécie de “vida negra” à Liga Muçulmana, parece não ter favorecido a ninguém. Dos mesmos, apenas o Maxaquene se encontra melhor posicionado na tabela classificativa, no quinto lugar, com 19 pontos.

O conjunto treinado por Chiquinho Conde até entrou bem na prova, mas não conseguiu conquistar mais do que dois pontos nos últimos seis jogos da primeira metade do Moçambique.

O Costa do Sol, por sua vez, venceu cinco encontros, teve igual número de derrotas e um total de três empates, tendo terminado a primeira volta na sexta posição, um degrau abaixo do Maxaquene, com 18 pontos.

N numa situação incómoda e arrepiante encontra-se o histórico Ferroviário de Maputo que, para o momento que atravessa, incriminou os treinadores adjuntos, nomeadamente Danito Nhampossa e Victor Magaia, ora demitidos dos cargos, bem como o capitão da equipa, Whisky, despedido por supostamente minar o pretenso excelente trabalho desenvolvido por Victor Pontes.

Aquela colectividade tem apenas um ponto acima da zona da despromoção, tendo acumulado, em treze jogos, seis derrotas, quatro empates e apenas três vitórias. O primo divisionário clube alvinegro é o oitavo classificado com 16 pontos, um registo positivo comparativamente à prestação de 2012 quando carimbou a ida aos “quarteirões”.

“Chicotadas psicológicas” em número recorde

A primeira volta do Moçambique foi igualmente fustigada por uma onda de rescisões de contratos dos treinadores principais, num total de sete. Os maus resultados e desentendimentos com as respectivas direcções são apontados como sendo as razões deste fenômeno.

O primeiro técnico a ser despedido foi o português João Eusébio, ao serviço do Clube de Chibuto, volvidos 15 dias do Moçambique. Sob o comando daquele treinador, os guerreiros de Gaza averba-

ram duas derrotas consecutivas. Na mesma ronda e nas mesmas circunstâncias foi dispensado António Sábio do Têxtil de Punguè, tendo sido substituído por Abdul Taíb.

O Estrela Vermelha da Beira apresenta o caso mais curioso das chamadas “chicotadas psicológicas”. Em sete jornadas, aquela colectividade trocou duas vezes de treinador, todavia por iniciativa dos próprios técnicos que alegaram falta de ambiente de trabalho, bem como a ingerência do director desportivo, Abdul Omar, no dia-a-dia da equipa. Zainadine Mulungo foi o primeiro a demitir-se e Ivo Gonçalves, seu substituto, também seguiu o mesmo caminho.

O quinto caso de demissão deu-se recentemente no Grupo Desportivo de Maputo em que, surpreendentemente, a direcção daquela colectividade despediu Artur Semedo, alegadamente porque teria dito, numa estação televisiva, que não havia um bom ambiente de trabalho no clube alvinegro.

Contudo, depois do sucedido, Semedo revelou que tinha problemas insanáveis com o presidente, Michel Grispes, devido ao elevado salário (250.000 meticais) que o técnico auferia. Em Pemba foi também demitido Hilário Manjate do comando técnico do Ferroviário local, na sequência dos maus resultados que a equipa vem averbando.

O caso que mais se destacou foi de Arnaldo Salvado, o mais conceituado treinador do futebol moçambicano, demitido do Costa do Sol por manifesto desacordo com os jogadores que nunca concordaram com os seus métodos de trabalho.

Mário Sinamunda é o melhor marcador

O avançado do Ferroviário da Beira, Mário, tornou-se o melhor marcador da primeira volta do Moçambique. Aquele atleta anotou um total de sete golos em treze jogos, seguido por Cosme, do Ferroviário de Quelimane, com seis. O médio da Liga Muçulmana, Liberty e o avançado do Ferroviário de Nampula, Dondo, figuraram na terceira posição, com cinco golos cada um.

Pos	EQUIPA	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
01	L. Muçulmana	13	10	3	0	24	5	19	33
02	HCB Songo	13	7	3	3	16	3	4	24
03	Fer. Nampula	13	7	3	3	13	8	4	24
04	Fer. Beira	12	5	4	3	15	9	6	19
05	Maxaquene	13	5	4	4	10	7	3	19
06	Costa do Sol	13	5	3	5	12	10	2	18
07	Desp. Maputo	13	4	3	5	14	15	-1	16
08	C. Chibuto	12	4	4	5	15	14	-1	16
09	Desp. Nacala	12	4	4	5	11	16	-5	16
10	Fer. Quelimane	13	4	4	5	10	17	-7	15
11	Fer. Maputo	13	3	4	6	12	15	-3	13
12	E. Vermelha	12	2	6	5	5	10	-5	12
13	Têxtil	12	2	5	6	4	12	-8	11
14	Fer. Pemba	13	2	4	7	8	14	-6	10

Sérgio Faife: O (verdadeiro) mestre da táctica que “enche” o Moçambique

O treinador da Liga Muçulmana, Sérgio Faife Matsolo, entrou para a história do futebol moçambicano ao terminar a primeira volta do Campeonato Nacional do Futebol, o Moçambique, sem nenhuma derrota em treze jogos. Ele colocou aquele clube no topo da tabela classificativa com 33 pontos, com nove de avanço sobre o segundo classificado, o Ferroviário de Nampula. Apesar disso, sente que há, ainda, muito campeonato pela frente ao assumir que tudo pode acontecer. Nesta semana, o @Verdade conversou com aquele técnico a fim de que este fizesse o rescaldo da trajectória dos campeões nacionais em título na primeira metade da prova máxima.

Texto: David Nhassengo e Duarte Sitoe • Foto: Eliseu Patife

@Verdade (@V) – Como é que se sente depois de se sagrar “campeão de Inverno” e com nove pontos de avanço sobre o segundo classificado, na tabela classificativa?

Sérgio Faife (SF) – Sinto-me feliz por ter terminado a primeira volta no topo da tabela classificativa sem nenhuma derrota e com uma vantagem folgada sobre o segundo classificado. Cumprimos a nossa obrigação de defender o título que conquistámos na temporada passada. Mas é importante afirmar que ainda não ganhámos nada, por isso temos de nos concentrar nos 13 jogos que temos pela frente.

@V – É verdade que não sair derrotado, em nenhum dos treze jogos, foi o objectivo que a direcção da Liga Muçulmana pediu quando promoveu Sérgio Faife Matsolo a treinador principal da equipa sénior de futebol?

SF – O presidente do clube, Rafik Sidat, quando me nomeou treinador principal, pediu simplesmente para que a equipa terminasse a primeira volta bem classificada, ou seja, estar nas duas primeiras posições. Na altura respondi que, se ele estiver a entregar o comando de peito aberto, e não sob alguma pressão ou receoso do futuro, nós iríamos fazer de tudo para defendermos o título conquistado no ano passado, na medida em que, dentre várias qualidades, temos um plantel capaz de fazer grandes coisas.

@V – Mas onde é que se encontra tamanha inspiração para motivar o grupo de jogadores?

SF – O mais importante foi incutir aos jogadores que eles tinham capacidade para ultrapassar qualquer obstáculo. À equipa técnica, ou seja, aos meus colegas, eu segredei que tínhamos um plantel bastante equilibrado, que bem empenhados poderíamos alcançar o objectivo que a direcção colocou como desafio a alcançar no fim da primeira volta.

Lembro-me de que na primeira jornada defrontámos o Clube de Chibuto, um adversário que nunca conseguimos derrotar desde que ascendeu ao Moçambique. Quando ganhámos, os meus jogadores começaram a acreditar que poderiam ir mais longe ainda. Ou seja, vencer o Chibuto foi um factor motivador para a Liga e o princípio do nosso sucesso.

Na terceira jornada, os meus atletas começaram a construir a auto-confiança, embora tenham ficado tristes e desolados com o empate diante do Desportivo de Nacala. Depois desse acontecimento, eu disse-lhes que não se tratava, necessariamente, de perder dois pontos, mas sim de ganhar um, que será preponderante para as contas no futuro.

@V – Com isso quer dizer que o insucesso dos adversários contribuiu, igualmente, para o sucesso da Liga Muçulmana?

SF – Digamos que sim. Conforme referi anteriormente, eu incuti nos meus jogadores a convicção de que eles eram capazes de vencer e alcançar o objectivo traçado pela direcção. Fizemos 13 jogos consecutivos, seis dos quais em casa, e não perdemos nenhum. Uma obra de grandes combatentes.

@V – Acha que, tal como fez na primeira volta, poderá jogar mais 13 vezes e não perder?

SF – O mais importante é ter os pés bem assentes no chão, manter a nossa humildade e a nossa forma de trabalhar pois, como devem saber, no futebol tudo pode acontecer. É possível dormir líder e acordar na zona da despromoção. Nós ainda não ganhámos nada e penso que há, ainda, muito a fazer. Importa agora limpar os erros que cometemos durante a primeira volta, sobretudo nos jogos que empatámos.



“Na Liga Muçulmana não há vedetas. A maior estrela é o próprio grupo”

@V – Como é que se pode descrever a relação existente entre Sérgio Faife e os jogadores?

SF – Antes de me formar, como treinador, fui jogador de futebol. Conheço muito bem o ambiente de um balneário. Por isso, tenho dito aos jogadores que eles devem jogar a bola por amor à modalidade e nunca por aquilo que devem receber em troca. Se notarem, podem ver que os meus atletas são muito alegres e solidários dentro das quatro linhas.

Dou-te um exemplo. Mamed Hagi é um médio defensivo. Mas, durante a primeira volta, marcou muitos golos. Sabem porquê? Ele agora sente-se mais à vontade e livre para jogar como tal, na medida em que deixou de estar preso ao esquema táctico que temos montado. Ele já não se sente pressionado, até porque tem desempenhado bem as funções de deter o ataque do adversário.

Isto tudo para dizer que na Liga Muçulmana não há estrelas. A maior vedeta é o próprio grupo, visto que todos são importantes.

@V – Mas essa alegria de que fala faltou em alguns jogos. Por exemplo, durante os primeiros 45 minutos em certos desafios, a Liga teve prestações enfadonhas, sem muita intensidade e com um ataque denunciado. Quando assim acontece, é porque há falta de sintonia entre os jogadores e o treinador?

SF – A primeira coisa que digo aos jogadores, antes de um jogo, é que eles devem manter a humildade, independentemente do adversário. Sucede que em algumas partidas eles entram convencidos de que já garantiram os três pontos.

Um exemplo prático é o que sucedeu contra o Têxtil de Pungué, na 12ª jornada, em que os meus atletas adormeceram durante a primeira parte, pensando que tinham tudo controlado. Quando viram que o tempo estava a passar, sem que nada acontecesse, envergaram o fato-macaco e correram atrás do resultado. Vencemos o jogo no limite, visto que o primeiro golo que marcámos foi a cinco minutos do apito final.

“O plantel do ano passado tinha mais qualidade”

@V – Quais são as diferenças que podemos encontrar entre a Liga Muçulmana do ano passado e a da presente temporada?

SF – A grande diferença entre o plantel de 2013 e o da actualidade está na qualidade. No ano passado tínhamos mais opções para determinadas posições, diferentemente do que sucede no presente momento, em que somos obrigados, por

vezes, a adaptar alguns jogadores. Mas não podemos lamentar visto que os que saíram foram vendidos para o bem do clube.

Outra discrepância reside no facto de, neste ano, estarmos mais unidos, coesos e relativamente mais fortes.

@V – Mas o sistema táctico continua o mesmo, em relação ao ano passado. Será que estamos enganados?

SF – Não absolutamente. Mas é importante afirmar que nós, neste ano, trabalhamos muito com o ego dos jogadores. A forma como eles jogam, hoje, é o reflexo do trabalho psicológico que temos feito. Actualmente não jogamos com base no erro do adversário. Nós é que obrigamos o nosso oponente a cometer erros.

Eu não gosto de defender. Quando a equipa marca um golo, procuro lançar jogadores capazes de ampliar a vantagem, razão pela qual temos o melhor ataque da prova. Há casos em que o nosso rival é forte no jogo ofensivo. Aí eu monto uma estratégia defensiva, mas sempre procurando ter a posse de bola para correr poucos riscos.

@V – Terminou a primeira volta sem nenhuma derrota. Qual foi, para si, o jogo mais difícil nestas treze jornadas?

SF – É um pouco complicado responder a essa pergunta, por

continua pag. 24 →



→ **continuação da pag. 23**

que cada jogo é diferente do outro. Mas a segunda parte do confronto contra o Ferroviário de Pemba foi muito difícil. Saímos ao intervalo a vencer por 2 - 0 mas, na etapa conclusiva, os "Pembinhos" agigantaram-se e conseguiram reduzir para 2 - 1, o que nos deixou pressionados até ao apito final.

Não me esqueço, igualmente, da primeira parte contra o Têxtil de Punguè, em que jogámos praticamente mal. Falaria do confronto diante do Estrela Vermelha que se soube trancar na defesa, não dando opções aos meus avançados, o mesmo comportamento que o Desportivo de Nacala teve no campo da Bela Vista.

"Temos a capacidade de aprender com os nossos próprios erros"

@V - A Liga consegue tirar alguma ilação com os erros que tem cometido?

SF - Sem sombra de dúvida. Temos essa capacidade de

estudar os nossos erros e isso é algo que aconteceu ao longo da primeira volta. Cometemos muitos erros, mas também soubemos emendarlos nos jogos seguintes.

@V - Embora esteja a fazer o balanço do Moçambique, é capaz de nos explicar o que terá acontecido no confronto da Taça de Moçambique, em que foi eliminado pelo Estrela Vermelha de Maputo, uma equipa da segunda divisão?

A mão de Sérgio Faife nos campeões nacionais

Durante a entrevista, desafiámos o treinador da Liga Muçulmana a falar de algumas mudanças que temos notado na equipa, sobretudo na adaptação dos jogadores a certas posições dentro do "xadrez". Elegemos cinco jogadores, nomeadamente Kito, Mustafá Hadji, Zico e Jerry.

@V - Kito é sobejamente conhecido como um médio-ala. Porém, na Liga Muçulmana, parece não ter uma posição fixa, na medida em que intercala entre a postura de defesa lateral e a de extremo, mas sempre encostado ao lado direito. Porquê?

SF - Gosto de ver Kito a jogar como extremo. Só que, nesta época, temos o nosso lateral de raiz, Bheu, lesionado. É por esse motivo que coloco Kito a jogar como defesa, sobretudo nos jogos que temos fora de casa, sendo que Nando entra para completar o tridente ofensivo da equipa. Em casa, ele (Kito) joga como avançado, pois temos uma maior percentagem de segurança na zona recuada com a adaptação de Mustafá.

Tenho comentado com os meus companheiros da equipa técnica o facto de termos perdido um jogador mas, em contrapartida, ganhamos dois, na medida em que Kito consegue desempenhar bem as duas funções.

@V - Mustafá é um médio defensivo de raiz. Mas temo-lo visto a desempenhar as funções de lateral.

SF - Cometí um erro estratégico, em função da má leitura que fiz do jogo. Eu decidi fazer algumas alterações para dar espaço aos jogadores menos utilizados. Porém dei-me mal, muito mal, na medida em que as mesmas não responderam aos meus anseios.

Aprendi muito com aquele jogo, que infelizmente nos custou a única derrota que temos até agora e a eliminação da Taça de Moçambique.

@V - Como diz o adágio popular, "quem não tem cão, caça com o gato". Bheu anda lesionado e, para não sacrificarmos Kito como lateral direito, preferimos escalar Mustafá, também porque, sendo ele médio defensivo, pode muito bem desempenhar a função de defesa direito.

Conforme disse anteriormente, eu não gosto de jogar com dois médios defensivos. Mamed Hagi, sozinho, está a fazer uma grande época e Mustafá só pode ajudar a equipa como lateral, posição em que vinha actuando com os outros treinadores que passaram pela Liga Muçulmana.

@V - No início da presente época, havia um debate interno na Liga, sobre o substituto de Sonito. Na altura falava-se de Jerry e Zico. Actualmente os dois jogadores têm disputado a mesma posição e ainda não existe um ponta-de-lança fixo. O que se está a passar?

SF - Jerry é um ponta-de-lança de raiz, apesar de ter jogado como extremo durante a liderança de Litos Carvalha. Mas eu sempre defendi que, naquela posição, ele não ia progredir. Ele é um avançado que sabe tabelar com os colegas e que procura explorar a sua velocidade para visar a baliza contrária, diferentemente de Zico que é polivalente nas duas posições de ataque. Se Jerry joga como ponta-de-lança, Zico tem de ficar no banco.

"Tenho problemas sérios com a minha mulher"

O futebol faz parte da minha vida. Está no meu sangue. É por isso que, todos os domingos de manhã quando não tenho jogo fora de Maputo, eu faltou à igreja para ir jogar com os meus amigos. E isto tem-me criado muitos problemas em casa, na medida em que chega a não ser do agrado da minha mulher.

Jogo futebol com os veteranos do meu bairro, mas não me intrometo nos assuntos táticos e técnicos, visto que devo dar o exemplo de respeito pelo trabalho de um treinador.

"Precisámos de cinco vitórias e três empates para revalidarmos o título"

Ainda durante a entrevista concedida aos nossos repórteres, Sérgio Faife Matsolo admitiu que a vantagem que tem, de nove pontos, sobre o segundo classificado, não enquadra a Liga Muçulmana. "Temos mais treze jornadas por disputar, mas que podem ficar reduzidas se, com um esforço redobrado, vencermos cinco jogos e empataremos três", um propósito que, segundo o técnico, marcaria a revalidação do título do Moçambique.

Numa outra abordagem, Sérgio Faife valorizou a união que existe dentro da equipa técnica que, na sua óptica, é fundamental para o sucesso dos muçulmanos. O técnico explicou que, quando sente a mente bloqueada, a primeira coisa que faz é consultar os seus adjuntos.

os esforços no sentido de recuperar as jogadoras", disse.

Ainda assim, a antiga capitã da Liga Muçulmana reconhece que é possível afirmar, hoje, que as jogadoras recuperaram totalmente o ritmo competitivo, depois do Torneio Internacional, apesar de este não ter produzido, globalmente, o efeito desejado.

"Temos a missão de integrar as jogadoras mais novas"

Convidada pelo @Verdade para falar da chegada de novas jogadoras à seleção nacional, Valerdina reafirmou que elas são bem-vindas, cabendo às mais velhas a missão de ajudar na sua rápida integração nas "Samurais", tornando-as combativas, mas cientes de que "elas podem não fazer parte das escolhas finais do mister para o Campeonato do Mundo".

Importa referir que a seleção nacional sénior feminina de basquetebol continua a preparar-se no pavilhão do Maxaquene, na cidade de Maputo. O estágio pré-competitivo fora do país está agendado para os finais do presente mês de Julho.



A Caminho da Turquia: Valerdina Manyonga acredita na boa prestação das "Samurais"

A base armadora da seleção nacional de basquetebol sénior feminino, Valerdina Manyonga, acredita que as "Samurais" vão deixar uma excelente imagem de Moçambique e do continente africano no Campeonato Mundial de Basquetebol, prova que será disputada na Turquia entre os dias 27 de Setembro e 05 de Outubro.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Falando ao @Verdade, a ex-jogadora da extinta equipa feminina de basquetebol da Liga Muçulmana, Valerdina Manyonga, afirmou que "a nossa seleção estará em condições de deixar uma excelente impressão competitiva durante o 'Mundial' da Turquia". Isto, apesar de considerar que Moçambique tem o conjunto mais fraco, comparativamente às restantes equipas que fazem parte do grupo B, nomeadamente Turquia, Canadá e França.

"Nós queremos mostrar ao mundo que em Moçambique também se pratica basquetebol. É por isso que objectivamos surpreender os nossos adversários, cientes das dificuldades que teremos", disse Valerdina, avançando que a ideia básica é disputar cada jogo como se de uma final do "Mundial" tratasse.

Falando da fase de preparação que ainda decorre em território moçambicano, a nossa entrevistada revelou que, neste momento, o objectivo é dar rodagem às atletas, isto depois do fiasco que foi o Torneio Internacional de Basquetebol que decorreu em Maputo. "Como todos sabem, nós arrancámos com os treinos há sensivelmente um mês e meio, factor que obrigou o treinador a redobrar



**COPA DO MUNDO DA
FIFA BRASIL 2014™**

Acompanhe os jogos na
Supersport Máximo 360°



GOTV
Qualidade e Diversão para todos

Já não há favoritos à conquista do Campeonato Mundial de Futebol no Brasil

Já são conhecidos os nomes das oito selecções que vão disputar os quartos-de-final do Campeonato do Mundo em futebol, prova que decorre no Brasil até ao próximo dia 13 de Julho. As quatro partidas serão disputadas nesta sexta-feira (04) e no sábado (05).

Texto: Redacção/Agências • Foto: CNBS

Foi sofrido, mas a equipa canarinha continua nesta competição, depois de vencer o Chile na marcação de grandes penalidades. O conjunto de Scolari sobreviveu a uma bola na barra, à passagem do minuto 119, o último do prolongamento. O desafio terminou com uma nação a rezar por Júlio César, o guarda-redes brasileiro que defendeu duas grandes penalidades, tornando-se o homem do jogo.

A equipa brasileira até inaugurou cedo o marcador, quando Gonzalo Jara, apertado por David Luís, desviou a bola para a própria baliza, no minuto 18. Aos 32, Alexis Sanchez empata.

Hulk ainda viu o árbitro anular um golo e o jogo foi para prolongamento, tendo o empate permanecido até ao 120º minuto. Nas grandes penalidades, o Brasil transformou-se num heróico sobrevivente ao marcar três remates, o mesmo número de falhanços dos chilenos.

James Rodrigues, inspirado, coloca Colômbia nos quartos-de-final



Um sensacional James Rodrigues, um irreverente Cuadrado e um seguro Ospina ajudam a explicar o sucesso da Colômbia no jogo do último sábado (28 de Junho) frente ao Uruguai.

Num jogo que começou combativo e sem oportunidades, foi o inevitável James, aos 28 minutos - com um golo que entra directamente para a galeria de melhores momentos deste Campeonato do Mundo - a desatar o nó em que se havia tornado o jogo do Maracanã.

Frente a um Uruguai que nunca se mostrou capaz de responder à ausência de Luis Suárez, a entrada para o segundo tempo trouxe mais um golo aos cafeteros, de novo por James Rodrigues, que assim se isolou na lista

dos melhores marcadores do torneio.

Com uma vantagem de dois golos, foi a vez de o Uruguai assumir as despesas do encontro, mas sem resultados práticos: o guarda-redes Ospina, sempre atento, chegou e sobrou para todas as tentativas dos comandados de Óscar Tabárez.

Grande penalidade no apagar das luzes salvou a laranja mecânica



A cair do pano, a "laranja mecânica" evitou a eliminação precoce do "Mundial" do Brasil, diante do México. Ao minuto 87, a Holanda perdia por 1 - 0. Mas Sneijder, aos 88, e Huntelaar, de grande penalidade, já em período de compensação, conseguiram a viravolta.

Foi mesmo um triunfo arrancado a ferros, quando toda a gente, no estádio "Castelão", em Fortaleza, já esperava pelo prolongamento. A Holanda precisou de investir tudo no ataque para ultrapassar os aguerridos mexicanos, que dominaram o jogo durante a primeira hora.

Giovani dos Santos pôs o México a vencer ao minuto 48, num potente remate de fora da área. E Guillermo Ochoa, com um punhado de boas defesas, foi segurando a vantagem da seleção "tricolor".

Porém, no minuto 88, um forte e colocado disparo de Sneijder pôs fim à resistência dos latinos. E já no tempo de compensação, o árbitro português Pedro Proença assinalou uma clara grande penalidade a favor da Holanda por rasteira de Márquez a Robben. Huntelaar não perdoou e selou o 2-1 final.

Assim, a Holanda juntou-se, naquele dia, ao Brasil e à Colômbia nos quartos-de-final deste "Mundial", eliminando o México que volta a falhar o apuramento para esta fase avançada da prova, que só atingiu nos dois campeonatos do mundo que organizou em 1970 e 1986.

Africanos sem sorte e rendidos aos europeus

No Estádio Nacional, em Brasília, a Nigéria entrou melhor no jogo, controlou as operações durante o primeiro tempo e ainda nos minutos iniciais da etapa complementar, mas, aos poucos, os comandados de Didier Deschamps assumiram o jogo e criaram sucessivas oportunidades de golo. Benzema, Giroud e Cabaye avisaram, mas foi Pogba (80') quem aproveitou uma saída ineficaz de Enyeama.

O guarda-redes das 'Super Águias' até estava a ser o homem do jogo, mas uma nova saída em falso, já no período de compensação (90+1'), "facilitou" o auto-golo de Yobo, que não conseguiu antecipar-se ao recém-entrado Griezmann.

O 2-0 final penaliza os pupilos de Stephen Keshi, que não conseguiram "reescrever" a história, isto é, garantir um apuramento inédito para os quartos-de-final.

No outro confronto que envolveu uma equipa africana, embora o guarda-redes Rais M'Bolhi, da Argélia, tenha sido decisivo, ao transportar o nulo até ao prolongamento, Neuer também foi influente na baliza alemã e impediu que a Argélia, sobretudo na primeira parte, desatasse o nulo.

A entrada de Schürrle, ao intervalo, revolucionou o futebol alemão, que não se evidenciou na primeira parte, mas foi só no prolongamento que a Argélia cedeu: Müller cruzou para Schürrle e o pupilo de José Mourinho finalizou com arte, de calcanhar, no segundo minuto do prolongamento.

A Argélia ainda procurou a igualdade, mas Mesut Özil, na sequência de um contra-ataque, acabou com as dúvidas (119'). Djabou ainda marcou para a Argélia, aos 120+1 minutos, mas não houve tempo para muito mais.

Argentina e Bélgica cruzam-se nos quartos-de-final

Na noite da última terça-feira (01), a Argentina garantiu o apuramento para os quartos-de-final ao vencer a Suíça por 1-0, após prolongamento, num embate disputado na Arena Corinthians, em São Paulo.

Aos 118 minutos, Angel Di Maria apontou o tento da vitória dos sul-americanos, depois de uma jogada de Lionel Messi.

Nos quartos-de-final, a Argentina vai defrontar a Bélgica que, por sua vez, recorreu ao prolongamento para ultrapassar os Estados Unidos da América. Depois do empate sem abertura de contagem durante os 90 minutos, Kevin De Bruyne e Romelu Lukaku marcaram para os belgas e Julian Green diminuiu para os americanos.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade



O Jornal mais lido em Moçambique.

NEGIGÊNCIA

A verdade em cada palavra.

Plateia

Fedo: até sempre dançarino-rei da Marrabenta!

Se a atribuição do epíteto de Rei da Marrabenta a Dilon Djinge ou a outros artistas pode levantar contestação e polémica, como músicos, em relação a Alfredo Caliano da Silva, recém-falecido, poucos discutirão a coroa de maior dançarino daquele ritmo... e não só!

Texto: Renato Caldeira

Ao laurentinos mais velhos, o apelido Caliano, traz imediatamente ao pensamento duas coisas: a Mafalala e os músculos. Isto porque “os Calianos” na década 90 criaram, no coração do já citado e populoso bairro, um ginásio que superava nos concursos de ginástica e halterofilismo o Ginásio de Lourenço Marques, dotado de melhores condições.

Entraram, treinaram e dali saíram fortes, imponentes e musculados, para além do mentor – Armando Caliano, Barral, Zeca Craveirinha, Gilberto da Conceição, Isaias da Silva e muitos outros.

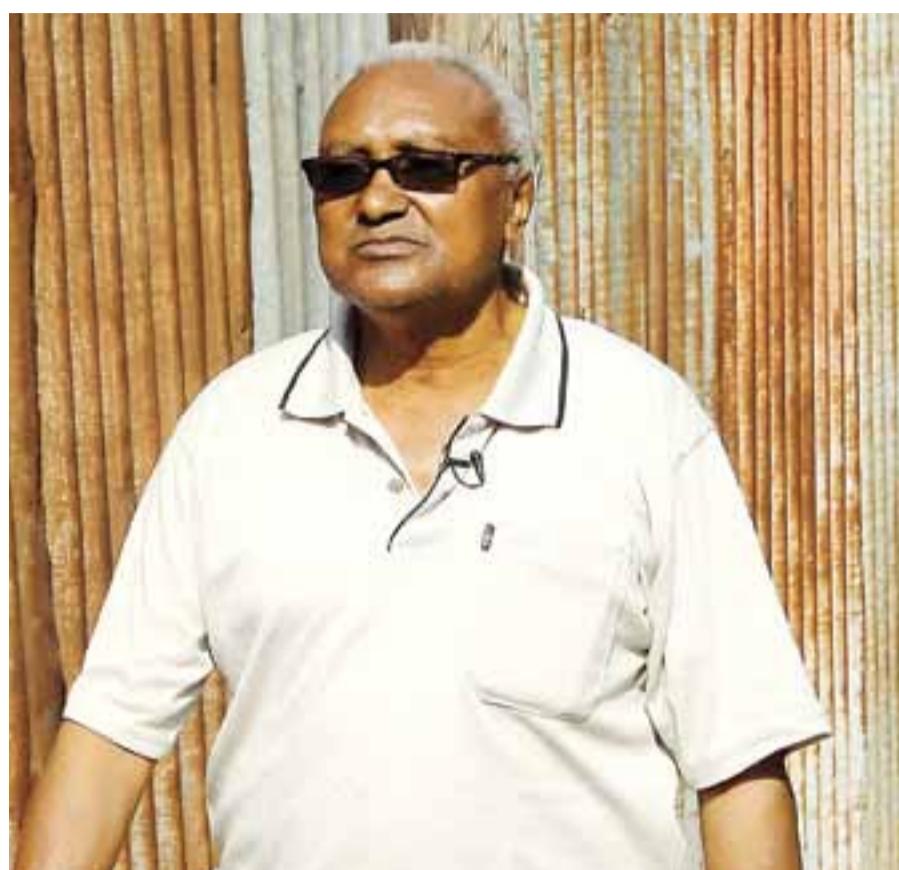
Mais do que criar homens musculados, o ginásio da Mafalala representava um local de afirmação e luta anti-colonial, uma mostra concreta de que os suburbanos, com menos meios, conseguiam melhores resultados que os “meninos bonitos” da cidade de cimento.

Mas o Fedo Caliano – falecido recentemente – nado e criado no popular bairro onde Eusébio viu a luz do dia, apesar de não ter deixado – como ele dizia – de levantar algumas latinhas na sua juventude, tinha outras paixões: a dança, a ginástica, o futebol e o atletismo. Por esta ordem!

DANÇA: APTIDÃO-MÃE

ENTRE AS OUTRAS

Ginástica na Associação Africana, atletismo no Sporting, futebol no Munhuane Azar, dança um pouco por todo o lado, preencheram a vida do Alfredo Calia-



no da Silva. Na Marrabenta era o rei, mas estava sempre pronto a demonstrar a sua mestria noutros ritmos.

O sorriso, a simpatia e a facilidade em fazer amizades tornaram-no uma figura muito popular na capital do país. E se é verdade que as suas habilidades lhe permitiam impor-se nas suas várias paixões, foi na dança que o Fedo se afirmou como um talento nacional.

Começou muito cedo – fala-se na faixa etária dos 12/13 anos – e dançou a vida toda. E mais do que isso, deu o melhor de si na transmissão dos seus conhecimentos às novas gerações, criando escolas de dança para crianças nos bairros periféricos, sempre com a indispensável companhia e apoio da sua querida Elarne.

Foram muitas as histórias de vida e de dança que conhecemos do Fedo, tantas que não caberiam nestas linhas. E quantas mais ouvimos na residência do casal, a partir do grande número de pessoas que empreenderam uma autêntica romaria no último adeus a uma das figuras mais populares e emblemática do desporto e da dança nas últimas décadas no nosso país.

É caso para se dizer, com propriedade, que quem não conheceu o Fedo não é laurentino!

«««

Ele e a Elarne Tajú

A Marrabenta uniu-os!

A sua companheira de mais de 40 anos de vida foi, quase em permanência, o seu par na Marrabenta. Chama-se Elarne Tajú. Começou a dançar aos 8 anos e, aos 20, moça de dotes físicos “prendados”, ficou presa aos encantos do Fedo. Nem a morte dele os separou. Para isso, muito contribuiu a dança, algo que ambos executavam como ninguém.

E como tudo acontecia?

Nos concursos de dança, os menos dotados iam avançando, iam tentando demonstrar os seus dotes, até chegar a hora dos consagrados. Dizia-se que o Fedo e a Elarne faziam batota, porque ensaiavam em casa. Será? A verdade é que tudo neles era harmonia, cadência de movimentos, sensualidade!

Lindo, lindo, lindo! Soavam os primeiros acordes, a Elarne meneava as ancas, o Fedo fazia um compasso de espera, rodava sobre si próprio e o resto... acontecia. Eles deixavam-se conduzir pela música, com “souless”, alheando-se de tudo e de todos. Sem esforço, sem movimentos bruscos, com doçura!

O desporto e a dança ocuparam grande parte das suas vidas, com a Mafalala – bairro que nunca abandonaram – sempre no coração.

Em tempo de despedida, as palavras emocionadas da Elarne. “Não devo ficar triste, porque ele era alegre e sempre disse que não gostava que nós sofresssemos. Vou fazer o que ele sempre fez: tentar irradiar alegria, sobretudo aos mais novos”.

«««

Já um tanto debilitado

O último “show”

foi para Guebuza

O Presidente da República, que tinha sido seu colega de escola, fazia 70 anos. Fedo já estava um tanto debilitado pelo cancro que acabou por ser a causa

principal da sua morte. Porém, a um amigo de infância, não podia recusar, em data tão importante, uns passos de mestre como prenda com aquilo que ele melhor sabia fazer: a dança.

O Fedo avisou ao seu amigo Armando Guebuza que as coisas não sairiam como nos velhos tempos, mas, mesmo assim, os passos de Marrabenta como prenda de aniversário ao Chefe de Estado arrancaram aplausos dos presentes, muito especialmente do aniversariante.

«««

Munhuane Azar

Mensagem do clube

do seu coração

Deu uma grande parte da sua vida ao clube do seu bairro – o Munhuane Azar. Na hora da despedida, eis um extracto da mensagem daquela colectividade:

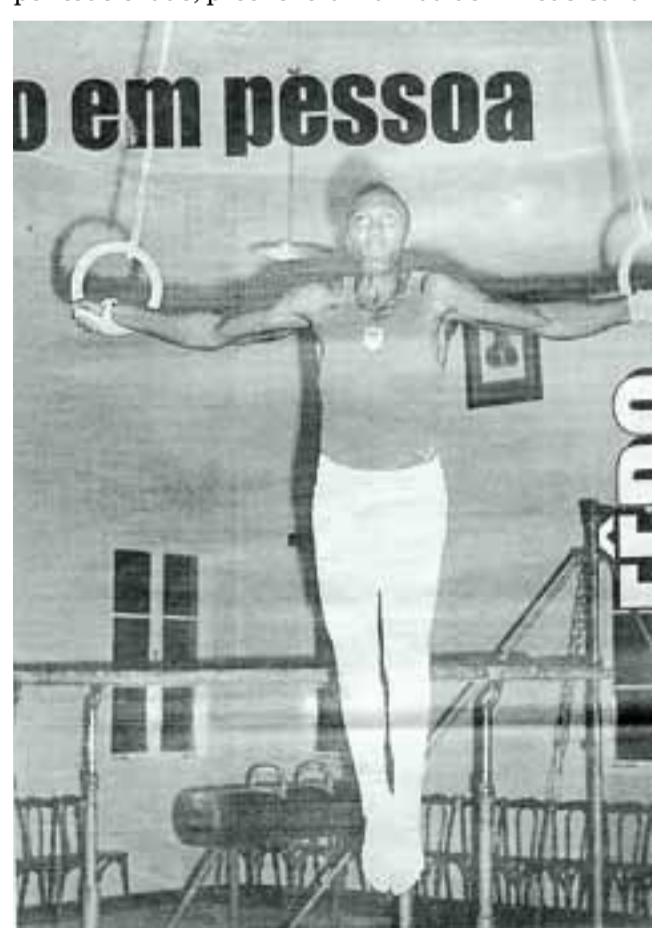
“Fedo

Sempre te vimos no nosso clube como um dos legítimos herdeiros daquele que, com o seu trabalho, dedicação e abnegação, deram honra, glória e dignidade ao Sporting Clube Munhuane Azar, não só por seres filho de um dos fundadores do clube e irmão de um dos 19 presidentes que até ao momento dirigiram a nossa colectividade, mas também pelos teus feitos que em muito contribuíram para que o nome do Azar fosse levado para longe e bem alto, ultrapassando as fronteiras do bairro que te viu nascer, a nossa Mafalala.

Com efeito, nós que contigo vivemos temos bem presentes nas nossas memórias a elegância, o brio e a galhardia com que, envergando o jersey azul e preto do Azar, em representação da nossa colectividade nos torneios e campeonatos organizados pela então AFA (Associação de Futebol Africano) e pela Associação Provincial de Futebol de Lourenço Marques, desfilavas e deslumbravas a assistência com a tua forma elegante de jogar e de enfrentar os adversários, em alguns casos bem mais velhos e fortes.

Os teus movimentos, as simulações e o traquejo enchiam-nos de alegria e dignidade, por vermos o temor que em campo conseguias impor aos nossos adversários, mercê da tua habilidade e jeito que, para nós, indiscutivelmente se situavam acima da média.

Neste momento que caminhas ao encontro dos teus antepassados, curvamo-nos perante a tua imagem e memória e rogamos ao Senhor todo-poderoso que te acolha no Seu seio e te leve junto a outros azaristas que antes de ti partiram, em particular o teu pai, irmãos e todos os que contigo partilharam os bons e maus momentos do nosso clube”.



A deplorável e inaceitável condição do artista moçambicano

O artista moçambicano contemporâneo – sobretudo o que representa o país na diáspora – é um actor social informado sobre a dinâmica do mundo, conhecendo plenamente, por conseguinte, os seus deveres e direitos. Com esta premissa, muito recentemente, o saxofonista Ivan Mazuze, radicado na Noruega, além de classificar como deplorável a condição do criador nacional – dado o facto de no seu país haver uma espécie de desrespeito pelos direitos do autor – afirma que se está perante uma situação inaceitável, neste Moçambique moderno.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: womex.com

Falámos com Ivan Mazuze a propósito da sua participação, na condição de único representante de Moçambique, em mais uma edição do Standard Bank Grahams-town Jazz Festival que decorre, na África do Sul, entre 3 e 13 de Julho. Como se sabe, o saxofonista está radicado num país europeu – a Noruega. Como tal, de certa forma, sempre que visita o país, vem com um olhar do exterior.

Para já constata que a indústria musical nacional está a experimentar um desenvolvimento amplo que se assinala em quase todos os géneros musicais – o Jazz, o Hip Hop, a Marrabenta, o Pandza incluindo os ritmos da música tradicional moçambicana. No entanto, “apesar de essa transformação ser positiva, há um ponto fundamental sobre o qual se deve pensar com muito cuidado – os direitos do autor”, refere o artista para quem “é triste notar que as obras dos artistas moçambicanos são absorvidas em quase todas as redes mediáticas – rádios e televisões, por exemplo – e, em contrapartida, tais criadores não recebem nenhum dinheiro como forma de reconhecimento dos seus direitos”.

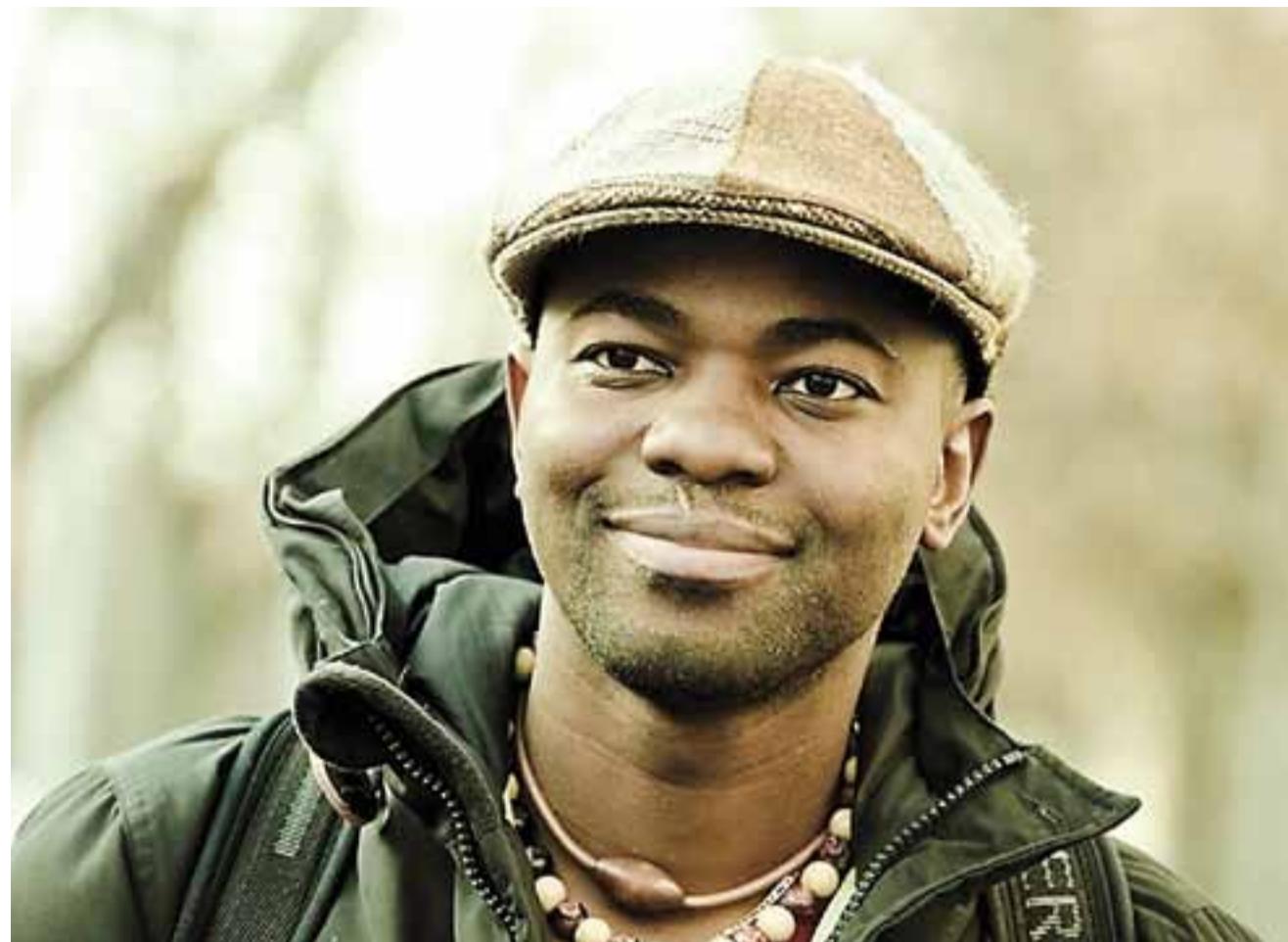
Enquanto esta realidade – a inobservância dos direitos do autor – prevalecer no país, os moçambicanos continuaram atrasados. Neste sentido, e havendo experiências já consolidadas, como é o exemplo do país vizinho África do Sul, “nós devemos copiar e implementar o que, por lá, se faz no campo dos direitos autorais. Não há nada a ser inventado. O que nos resta fazer é implementar esta lei, esta regra, esta obrigação social para com todos os artistas”.

É que, na percepção de Mazuze, não faz sentido que até o ano 2014, neste mundo moderno de tecnologias e Internet, em Moçambique os direitos do autor não estejam a funcionar: “É preciso que se reconheça a propriedade intelectual dos criadores”.

Hora do debate

Uma das questões pontuais quando se relaciona o facto de, presentemente, falar-se, em Moçambique, da necessidade de se garantir uma maior abertura do mercado da nossa indústria cultural ao mundo, são as razões que estão por detrás da não aplicação da lei sobre os direitos autorais. Ivan Mazuze, autor das obras discográficas Maganda e Ndžuti, afirma que mais do que nunca agora estamos na hora do debate que se deve travar entre os artistas, os vários segmentos sociais interessados nos serviços e produtos artísticos, incluindo o Ministério da Cultura.

“Há necessidade de se estabelecerem regras e leis bem claras sobre a venda de produtos artísticos, como forma de se evitar a ocorrência da pirataria no mercado. É urgente que se crie uma base forte para esta indústria



musical, porque o que temos agora é apenas um segmento caracterizado pela realização apenas de eventos e concertos. Os direitos autorais são fundamentais. É por essa razão que precisamos de fundamentos claros e específicos emanados do Ministério da Cultura e de outras instituições para que essa indústria possa funcionar”. Ou seja, “é inaceitável falar-se de uma indústria musical em Moçambique dissociada dos direitos do autor”.

O reconhecimento é passivo

A par de Ivan Mazuze existem muitos artistas, fora do país, como, por exemplo, Neco Novellas, Jimmy Dladlu, Orlando Venhereque, Otis, Gimo Remane, Costa Neto, Deodato Siquir, entre outros da mesma geração, cujo trabalho engrandece Moçambique no concerto das nações. Em relação a isso, questionou-se ao autor de Maganda se a nação moçambicana tem reconhecido o contributo que esta geração está a dar para o desenvolvimento e a projecção do país no mundo.

Segundo Mazuze existe algum reconhecimento, o problema é que o mesmo é passivo, no sentido de que acontece entre duas pessoas que se encontram na rua e conversam os artistas moçambicanos que se encontram no estrangeiro: “A verdade, porém, é que esses artistas são grandes. Eles são os embaixadores da nossa cultura porque a sua música é exposta a milhares e milhares de pessoas no mundo”.

Por isso, era importante que o seu contributo para a disseminação da cultura moçambicana no mundo fosse reconhecido por instituições governamentais ou que têm a ver com o sector da cultura no nosso país, como forma de se elevar o nome da nação para outro nível”.

Ivan Mazuze fundamenta a sua opinião com o seguinte exemplo: “No festival em que vou participar, na África do Sul, irão actuar artistas de diversas partes do mundo. Eu sou o único representante de Moçambique. A minha participação depende de uma conversa que está a ser travada entre duas ou três pessoas, incluindo eu. Não temos um apoio, por exemplo, do Ministério da Cultura para

que o nosso país se faça presente oficialmente”.

É preciso ter claro, de facto, que se o nosso Governo entrasse neste tipo de eventos como um interlocutor diplomático, nessas relações entre Moçambique e África do Sul, “muito mais artistas moçambicanos poderiam actuar neste festival. Mais uma vez, isso não é algo que precisamos de inventar. Os fazedores de arte, de outros países, expõem a sua obra, no estrangeiro, a partir das relações de cooperação entre os governos dos seus países”.

O Grahamstown Jazz Festival

A decorrer entre 3 e 13 de Junho, o Grahamstown Jazz Festival é um dos três festivais mais importantes que existem na África do Sul. Foi o primeiro evento de grande dimensão, com um palco profissional, em que o conceituado saxofonista moçambicano Ivan Mazuze actuou, em 2002, na altura em que era estudante, na cidade de Cabo.

Foi no âmbito do seu programa de desenvolvimento artístico para estudantes – a partir do qual se criou a Banda Nacional de Jazz da África do Sul – no qual Ivan Mazuze foi, em 2002, classificado com o melhor saxofonista. A par da banda, o artista realizou uma digressão em todo o país.

Há muitos anos que Ivan Mazuze não actua no Grahamstown. Por isso, o seu retorno, desta vez, tem um sentido simbólico: “Estou muito orgulhoso de poder realizar um show este ano como um dos artistas principais do evento. Há esperança de que eu possa apresentar um reportório musical que resultará da combinação dos meus dois trabalhos discográficos – o Maganda e o Ndžuti”, afirma a terminar.



Nyau: a pura e misteriosa cultura africana

Em África como nos outros continentes, a dança alia-se à vida dos homens, acompanhando-os em todos os momentos, com enfoque para os da alegria, da colheita e do nascimento. Em certas culturas, as pessoas dançam na tristeza celebrando a morte, por exemplo. Porém, alguns desses bailados são marcados por mistérios, pura e simplesmente, que garantem a sua preservação. O Nyau, um bailado típico da província de Tete e de algumas regiões da Zâmbia e do Malawi, não é exceção. Para além de na sua execução esconder o rosto dos praticantes, esse "baile de máscaras", ainda é um 'feitiço' para o povo moçambicano.

Texto: Reinaldo Luís • Foto: wordpress.com

No passado, estámos a falar sobre o contexto africano, a idolatria aos deuses, os nossos antepassados, fez com que os homens que acreditava(m) na existência desses seres procurassem formas para garantirem que as gerações os adorassem por tempo indeterminado. Na verdade, a demonstração do respeito por essas criaturas invisíveis, diga-se, inclui o sacrifício de animais, uma festa em seu nome, sem excluir algumas danças locais.

Neste artigo, o @Verdade pretende falar de uma dança praticada em Moçambique, assim como em alguns países vizinhos: o Nyau. São vários os comentários feitos acerca desse baile. Alguns associam o seu surgimento à formação do Estado Undi, por volta do século XVII, altura em que se supõe ter sido adoptado como uma forma de manifestação do seu poderio sobre os povos conquistados.

No entanto, Damião Gerente Coelho, nascido na província de Tete, além de conviver com fortes recordações do Nyau, afirma que essa dança é originária das regiões de Angónia, Chiúta, Máriva e Zumbo, de onde, mais tarde, se foi alastrando para outras regiões com o mesmo ideal: honrar os seus deuses.

Ainda que seja partilhado por alguns países vizinhos, designadamente Zâmbia e Malawi, o Nyau possui fortes referências históricas em Moçambique. No entanto, nas referidas nações, a também conhecida como "dança dos mistérios" é marcada por hábitos e práticas diferentes.

Uma das suas características é ser, essencialmente, masculina. É a esse respeito que Coelho argumenta: "As mulheres e as crianças não podem ver a manifestação dessa dança, pois precisa de ser segredado à classe feminina como também aos petizes considerados seres ingênuos. Receia-se, por isso, que eles denunciem as práticas dos bailarinos. Além dos mais, as crianças que participam nos ensaios do Nyau são, convencionalmente, vetados ao direito de frequentar o ensino secular. Ficam baralhados, pois no 'santuário' dos ensaios realizam-se práticas que desnorteiam a mente da criançada".

Nesse bailado os passos são marcados pelo ritmo acelerado e agressivo ao som 'perturbante' dos tambores. O seu dançarino,



depois de se equipar com uma indumentária própria – máscaras, luvas que enrouparam as palmas das mãos – torna-se Gule Wankulo, uma espécie de autoridade do Nyau. Tal substantivo significa "a grande dança". É imperioso que os bailarinos cubram o rosto com penas de galinhas ou peles de outros animais.

Alguns dançarinos vestem tecidos feitos com pedaços de trapos e sacos, fibras de árvores, penas de águias ou avestruzes, formando uma mistura de cores. Outros exibem-se máscarados, com o corpo nu, pintados de cinza e argila vermelha ou branca. Nas pernas usam chocais, também ostentando várias cores, que contribuem para a bela sonoridade que caracteriza a dança.

Porém, para além das suas vestes, os dançarinos de Nyau quando se deslocam ao palco fazem de tudo para que ninguém os veja, isto é, para que não sejam reconhecidos e levantam sempre poeira num ritmo bastante acelerado.

"No mato ou no cemitério fuma-se tudo..."

O consumo excessivo de estupefaciente, segundo Coelho, é uma prática comum e normal na preparação da dança Nyau: "Eles fumam qualquer coisa, até mesmo drogas. Ninguém vai revelar o segredo, porque é boca dentro e não boca fora".

No entanto, para além da soruma, considerada por Coelho um pão de cada dia dos Gule Wankulo, antes de entrarem em ação são vistos por curandeiros a fim de lhes prestar a devida atenção.

Coelho assegura-nos que os praticantes dessa dança estão totalmente ligados a actos de curandeirismos pois, muitos deles, senão todos, depois da experiência da dança, são assimilados pela equipa de curandeiros ou instrutores com vista a passarem o testemunho.

A difícil missão de um Gule Wankulo

"Embora tudo tenha rituais de iniciação quase idênticos, mais vale ser polícia do que um Gule Wankulo", começa por dizer Damião Coelho, comentando acerca da missão que abraçam os praticantes de Nyau. Depois de a pessoa se disponibilizar a tornar-se um Gule Wankulo, os curandeiros instruem-no a fim de enfrentar todas as dificuldades existentes como, por exemplo, saber guardar segredo. Para além disso, também se faz o exame de coragem.

"Quando a pessoa quer ser um Gule Wankulo, primeiro, é levada ao mato onde responde à seguinte questão: 'Se por acaso aparecer um leão ou uma cobra podes ter a coragem de o enfrentar?'"

Dependendo da resposta dada, usando-se a magia negra, faz-se aparecer um monstro

qual se valoriza e se exaltam os ritmos moçambicanos. É uma revisitação às diferentes fases da nossa música.

No show, a célebre cantora Elvira Viegas, mulher que nunca abandona o instinto materno, realizou um concerto que se confundiu com um verdadeiro workshop sobre a vida, a partir das suas músicas. Por exemplo, a composição Tiva Taku, por si interpretada, exorta as pessoas a respeitarem a privacidade alheia, respeitando a vida dos vizinhos.

Além da boa música feita por esta diva moçambicana, rica em termos de preceitos que educam os seus conterrâneos, Elvira Viegas não se limitou a consciencializar as pessoas, mas realizou uma actuação energética e cheia de vibração, promovendo um verdadeiro entretenimento sadio. Elvira é igualmente inquietada pela desvalorização e exclusão dos artistas nacionais, uma prática reiterada sobretudo quando se trata de eventos de grande magnitude no país.

"Os músicos moçambicanos são incapazes de fazer

cuja boca possui um embrulho com o formato de um coração. Instrui-se o candidato a bailarino a tirar o órgão da boca da 'besta' sem temer.

Nesse contexto pode ocorrer uma grande luta porque, obviamente, o bicho não aceita, pacificamente, que o homem o segure. Por isso, nem todos conseguem cumprir esta missão – o que concorre para que enlouqueçam. Trata-se de uma experiência muito perigosa.

O mistério

O Nyau é mais conhecido pelo secretismo que marca a sua divulgação. Ao longo dos anos, esta dança não conquistou praticantes de outras regiões diferentes de Tete, Zâmbia e Malawi. Segundo Coelho, esse facto deve-se ao mistério que a envolve.

"Há muitos anos, por regra, o Nyau era praticado no cemitério ou nos desertos, menos, e quase nunca, na cidade. No entanto, mesmo no seio familiar dos seus dançarinos, nenhum membro devia saber que determinado parente era membro de um agrupamento daquele movimento cultural.

A dança dos mistérios é temida. Bastava suspeitar-se de que alguém – da mesma comunidade – é seu praticante para se ser desrespeitado e considerado feiticeiro".

Questionado sobre a razão da escolha do cemitério para se exibir o Nyau, Coelho explica que se trata de uma ilusão: "Eles dançavam no cemitério por fantasia. Bailavam para agradar aos seus antepassados".

Actualmente essa dança é apresentada em qualquer sítio e em qualquer ocasião, mas ainda se ensaiava no cemitério em três períodos de tempo: ao pôr-do-sol, de madrugada e ao nascer-do-sol: "Eles podem actuar em qualquer lugar.

Há vezes que nos ensaios se sacrificam animais como carneiro macho. Nunca o contrário. Deve ser um macho novinho que ainda não experimentou o cio, muito menos a reprodução".

Um outro aspecto, ainda segundo Coelho, é que "as canções de Nyau são as mesmas cantadas pelos feiticeiros. Não são agradáveis. Cantam-se assuntos da bruxaria. Invocam-se os deuses com dizeres, por vezes, inaudíveis e imperfetiveis".

espectáculos de grande 'calibre' ou há falta de oportunidades para demonstrarem o que sabem fazer?" Foi assim que Elvira Viegas se dirigiu ao público empático ao qual explicava a necessidade de se valorizar, primeiro, os artistas nacionais e, segundo e por fim, os estrangeiros.

De acordo com a intérprete ainda há falta de oportunidade para os nossos artistas se exporem cada vez mais no seu país. É essa a razão que faz com que os músicos moçambicanos sejam pouco conhecidos, enfrentando muitas dificuldades na sua carreira.

O público presente revelou algum conhecimento em relação aos problemas abordados por Elvira Viegas no mercado música da moçambicana. É por isso que apoia a luta pela mudança do cenário.

Refira-se que no Festival de Ouro, decorrido no sábado, 28 de Junho, no Complexo Matchiki-Tchiki, actuaram mais de dez artistas moçambicanos.

Um show memorável

Depois de se registar na capital moçambicana uma visível desvalorização dos músicos nacionais, a acentuação da contrafação discográfica e alguma exclusão em termos de envolvimento dos mesmos nos concertos nacionais, no fim-de-semana passado, artistas de gerações diferentes juntaram-se no Complexo Matchiki-Tchiki, em Maputo, para celebrarem a música moçambicana, no âmbito do Festival de Ouro.

Texto: Reinaldo Luís

Tratou-se de um evento cujo propósito era apresentar, ao vivo, o duplo trabalho discográfico sobre a música ligeira moçambicana realizada por artistas como a banda Eyuphuro, Elvira Viegas, Djaka, Wazimbo, Xidiminguane, Gabriel Chiau, dentre outros. A obra Essencial - Golden Collection é um produto a partir do

Morreu Bobby Womack, um dos últimos mestres da soul



O lendário cantor de soul norte-americano Bobby Womack morreu esta sexta-feira, 27 de Junho, aos 70 anos, escreve a revista Rolling Stone que cita um representante da editora XL Recordings e não avança as causas da morte.

Texto & Foto: Revista Ípsilon

Bobby Womack parecia sobreviver a tudo. Sobreviveu ao ostracismo a que foi votado pela comunidade musical quando, três meses depois da morte do seu mentor, Sam Cooke, casou com a viúva daquele. Sobreviveu à irritação de ver uma canção dos seus The Valentinos, It's all over now, "roubada" pelos Rolling Stones (a irritação passou quando chegou o primeiro cheque de royalties). Sobreviveu a 20 anos de dependência de cocaína. Sobreviveu à morte trágica de um irmão, assassinado, e de dois filhos (um num acidente em casa, outro por suicídio). Sobreviveu aos seus pares, os seus heróis, lendas como Sam Cooke, Otis Redding, Marvin Gaye, Wilson Pickett. Ultrapassou dois cancros, um na próstata, outro no cólon. "Sobrevivi a muita coisa: à melhor música que a minha, a artistas que eram melhores que eu", dizia ao Ípsilon em 2012. "Não percebo porque é que ainda estou aqui. A única coisa que me traz de volta é a música".

Bobby Womack sobreviveu para um último regresso, ao gravar com Damon Albarn, dos Blur, o álbum The Bravest Man In The Universe. Estivemos em 2012 e Womack, músico no activo desde os oito anos, guitarrista exemplar, compositor talentoso, senhor de uma impõente voz soul, tinha 68. Dois anos depois, com uma digressão europeia marcada para breve, a sua editora, a XL Recordings, deu a notícia. Bobby Womack não sobreviveu mais. Morreu esta sexta-feira, aos 70 anos. As causas não foram divulgadas, mas a sua saúde era frágil: fora-lhe diagnosticado Alzheimer e sofria de diabetes.

"Verei o meu irmão na Igreja", tweetou Damon Albarn em reacção à morte. Albarn fora responsável pelo re-nascimento do cantor no final da vida. Admirador da obra de Womack, convidou-o a participar em Plastic Beach, álbum de 2010 dos Gorillaz.

A primeira abordagem não foi bem-sucedida. Womack desconfiava do apreço de Albarn e temia desiludi-lo – "achava que ele dava demasiado crédito a coisas que tinha feito há 35 anos". Além disso, não fazia a mínima ideia do que eram e que música tocavam os Gorillaz. "Gorillaz? Só conheço os Monkees", disparou. Albarn insistiu, Womack aceitou. Gravou duas canções para Plastic Beach e uma delas, Stylo, onde colabora também o rapper Mos Def, tornou-se mesmo o primeiro single do álbum.

Dois anos depois, chegava The Bravest Man In the Universe. Era o seu primeiro álbum de originais em 18 anos e era um álbum único: o velho e o novo, a tradição soul e a electrónica recente e a sua voz impondo-se sobre as produções de Richard Russell e Damon Albarn.

Em 1997 tínhamos voltado a recordá-lo quando Quentin Tarantino utilizou Across 110th street no genérico inicial de Jackie Brown (a canção, curiosamente, fora originalmente composta como banda-sonora do policial blaxploitation homónimo, estreado em 1972 e com Anthony Quinn como protagonista). Nessa altura, voltámos às suas canções e redescobrimos a sua obra, num momento em que Womack regressava discretamente à actividade, depois de um longo período de desistência em que pôs a guitarra de lado para passar os dias em frente à televisão, aborrecendo-se.

Em 2012, quando conhecemos The Bravest Man In The Universe, vimo-lo verdadeiramente perante nós. Vivo, activo. O "pregador" estava de volta (era conhecido como "The Preacher" devido às longas dissertações com que apresentava as canções nos concertos).

Para este ano está marcada a edição de um novo álbum em colaboração com Damon Albarn e Richard Russell, onde ouviremos convidados como Stevie Wonder, Rod Stewart, Snoop Dogg ou Ronald Isley, dos Isley Brothers. Womack chamou-lhe The Best Is Yet To Come, título que ganha uma trágica ressonância agora que Albarn corre para o twitter para prestar homenagem ao ídolo. "Verei o meu irmão na igreja". Palavras apropriadas. Foi precisamente na igreja que, para Womack, dono de um percurso de vida muito pouco católico, tudo começou.

Bobby Womack nasceu a 4 de Março de 1944 em Cleveland. Filho de um operário da indústria do aço, músico em part time (a mãe tocava órgão na Igreja Baptista da Comunidade), não tinha ainda dez anos quando integrou os Womack Brothers, o grupo que o pai criou reunindo os cinco filhos.

O fervor religioso dos pais impôs que o grupo se dedicasse ao gospel, pondo de parte a profanidade da soul e do rhythm'n'blues, cuja interpretação seria garantia de condenação eterna. Tal não demoraria a mudar. Porque, entretanto, dá-se o momento decisivo no percurso de Bobby Womack. Sam Cooke, o grande cantor soul, o autor de A change is gonna come, vive o grupo actuar em 1956 e propõe-se ajudá-los na carreira.

Em 1960, Cooke funda a sua própria editora, a SAR Records, assina o quinteto e produz e compõe os arranjos do primeiro single dos irmãos, Looking for a love. A banda já não se chamava Womack Brothers, mas sim The Valentinos, e Bobby Womack e os irmãos já tinham abandonado o lar familiar - à conta de terem trocado o gospel em favor da soul, o pai expulsara-os de casa. "Ele queria que eu fosse para o céu, mas eu nunca vi ninguém voltar do céu e dizer: 'Eh pá, o céu é muito bom'", recordava ao Ípsilon. Womack acabaria por perdoar o pai. "Ele não sabia para mais. Pensava que podíamos entrar no céu a cantar. Mas, como digo neste disco (The Bravest Man In The Universe), às vezes é melhor ser mau. Penso na minha vida e concluo isso: apesar de ter sido tantas vezes mau, sobrevivi. E os bons caíram. Onde está a justiça?"



Alexandre Chauque
bitongachauque@gmail.com

Pensando no futebol

- O que é que fazes por aqui?
- Porquê?
- Pareces triste!
- Estou a pensar na participação das selecções africanas que actuaram no Brasil.
- Pois é, aquilo foi uma grande frustração.
- Mais do que uma grande frustração, foi uma grande derrota para toda a África.
- É verdade.
- É injusto que uma equipa tão valorosa como o Gana tenha sido eliminada como foi.
- Eu choro pelo Gana e por todas as outras. Choro pelos africanos que se recusam a aprender e a mudar de rumo.
- Explica-te melhor.
- Temos que deixar de ser como os caranguejos. Não percebo como é que os africanos dão glórias às equipas europeias e não conseguem elevar-se a eles mesmos.
- Acho que deixamo-nos guiar muito pelo obscurantismo. Acreditamos mais cegamente no que ouvimos na macumba, do que em nós próprios. Somos muito pobres em termos de espírito. Somos vulneráveis aos espíritos malignos, que nos vão acompanhar sempre, enquanto não nos predispuermos a aceitar novos caminhos.
- Que novos caminhos são esses, meu irmão?
- Não é possível servires a dois reis ao mesmo tempo.
- Como assim?
- Temos jogadores africanos untados em todo o corpo pela resina dos curandeiros, e quando estão no campo fazem o "Pai-nosso".
- Eu não vejo problema em seguir as nossas tradições e venerar a Deus ao mesmo tempo!
- Uma coisa é seguir as nossas tradições, outra coisa é seguir os preceitos do diabo. Se tu acreditas em Deus, não precisas de ir ao curandeiro. Basta a tua abnegação, a tua obstinação. Reza e trabalha, tudo vai-se abrir à tua frente. Essa é a verdade.
- Estás a agir como os fanáticos.
- Fanático é pensares que os curandeiros são a solução da tua vida. Fanático é seres vacinados nas costas e dormir no cemitério e pensares que tudo o que vier será um mar de rosas. Isso é que é fanatismo. Não vejo que seja fanatismo acreditar apenas em Deus e no trabalho.
- Achas que todas as selecções africanas são comandadas pela macumba?
- Tens dúvidas? Lembras-te do jogo Gana-Alemanha?
- Sim.
- Viste o falhanço incrível ganês para, segundos depois, seguir-se o golo dos germânicos?
- Vi.
- Não achas que os espíritos do mal é que negaram aquele golo dos africanos?
- Acho que tens razão.
- Se um dia abdicarmos destas crenças que nunca nos levarão a lugar nenhum, então aí terá chegado a nossa libertação. Hoje estamos manietados pelos espíritos malignos. É por isso que pensamos constantemente no mal. Não nos importamos de destruir ou matar um irmão para atingirmos os nossos objectivos. Sabes disso ou não sabes?
- Sei.
- Então, como é que podemos atingir a prosperidade enquanto agirmos desta forma? Nunca chegaremos a lado nenhum enquanto a inveja e o ódio imperar em nós. O africano quer enriquecer sozinho, e faz tudo ao seu alcance para esmagar o seu próximo, no lugar de ajudá-lo a chegar onde ele está. Falta-nos a unidade, sobretudo a fé em Deus. É nisso que estou a pensar aqui sentado, sozinho. Há um espírito maligno que paira no nosso futebol.

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Os coelhos são o símbolo da Páscoa porque, apesar de as suas fêmeas não porem ovos, segundo a lenda, uma mulher teria pintado e escondido alguns ovos para que os filhos os procurassem num domingo de Páscoa. Quando as crianças descobriram o ninho, um coelho passou a correr entre elas. Os meninos imaginaram que o animal tivesse trazido o presente. No antigo Egito, o coelho era o símbolo da fertilidade. O ovo, que significa renascimento e ressurreição, é oferecido nesta ocasião. Simão, o cireneu que ajudou Cristo a carregar a cruz até o Calvário, era vendedor de ovos. Depois da crucificação, estes teriam ficado coloridos.

O termo Atlas vem do nome de um personagem da mitologia grega. Como punição por lutar com os deuses, Atlas foi forçado a carregar o globo terrestre nos seus ombros. Essa cena passou a ilustrar vários livros de mapas da Antiguidade. Com o tempo, esses livros passaram a ser, assim, popularmente conhecidos.

Foi sempre comum achar-se o trevo de três folhas. Sendo raro encontrar-se o de quatro folhas, este tornou-se sagrado para os druidas da Inglaterra de 200 a.C. Eles acreditavam que quem tivesse a plantinha poderia ver os demônios da floresta e ganhar alguns dos seus poderes. Depois dos sacrifícios humanos, os druidas saíam para as florestas para procurar os desejados trevos.

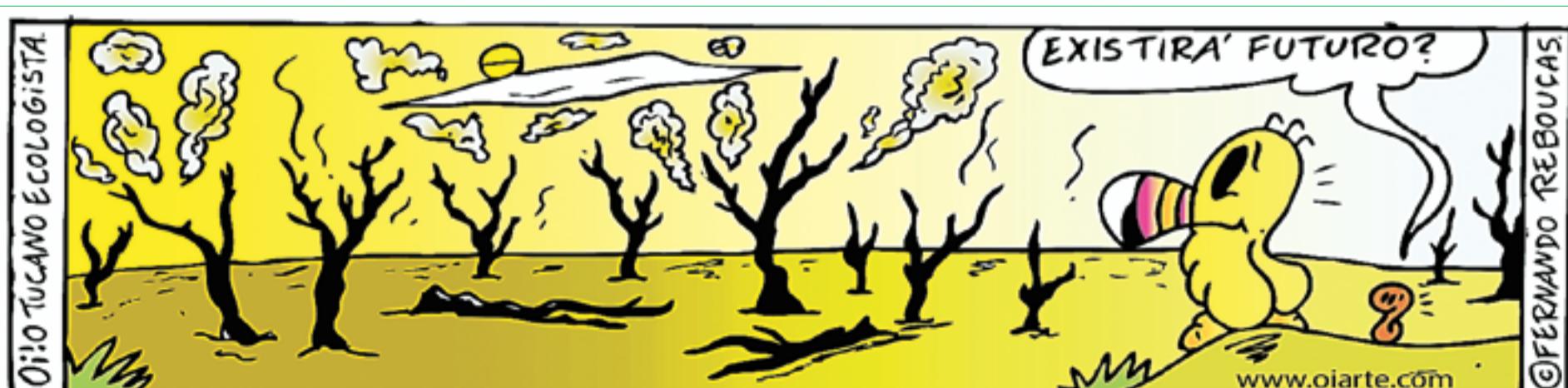
PENSAMENTOS...



- O abuso não elimina o uso.
- As nossas dores aborrecem a quem não comovem.
- Os amigos são muitos quando é grande a abastança.
- Casa sem mulher, corpo sem alma.
- Os olhos são as janelas da alma.
- Velas demais queimam o altar.
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Mais vale um que dois amanhãs.
- Aquele que deixa de ser amigo, nunca o foi.
- O dia de amanhã não nos obedece.

NESTA SOPA DE PALAVRAS, DESCUBRA O SEGUINTE:

Quem foi o melhor marcador, até ao momento, dos "Mundiais" em que tomou parte	ZSCBEFRONALDOFXUEJKLBAPDVNYGTIQC
O primeiro grande guarda-redes da história do futebol mundial	OZDTLAKWJAPFVPTXZMCZSAFQZAMORAVA
O número (reduzido) de presidentes da FIFA apesar de ter sido fundada em 1904	OITOGEXFHPRSIMANGOKVDSTVGIHWWS
O segundo dirigente da instituição que mais tempo ficou no cargo	VARUGQSETKHABELANGETVDBKCWHJUX
Nome do representante da CAF no Comité Executivo da FIFA	DMOBVFRQUIASTRHAYATOUWTJERDINPAS
Cidade que acolhe o maior estádio de futebol do mundo	EPYONGYANGFSQRCONQUISTMMDMPQARFAA
O país que será o anfitrião do próximo Campeonato do Mundo de Futebol	DPCENVSEAMENFPYKLÇOUTUWRUSSIAWW



RIR É SAÚDE



Entre pai e filho:

- Estou a ler-te nos olhos que estás a mentir
- Não é possível! O pai não lê sem os óculos!
- Percina, tive sempre a curiosidade de saber de que falam os homens quando estão juntos...
- Mas, pai, eu amo-o muito. Ele é a luz da minha vida.
- Pois concordo que seja. Mas não o quero cá a iluminar-me a casa depois da meia-noite.
- Minha senhora, conhece este homem?
- Não senhor.
- Como não? Então a senhora não é sua mulher?
- Sou, sim. Mas se o conhecesse não me teria casado com ele...

Aquele homem não podia com a sua vida familiar. A mulher arreliava-o, os filhos idem, e até uma vez por outra apareciam em casa as tias da mulher, solteironas, que também o aborreciam. Veio a guerra, e ele foi mobilizado.

- Ah! - exclamou - . Vou finalmente viver em paz!
- Calcula! Ao fim de conversar quinze minutos com aquele sujeito, ele disse-me que eu era idiota!
- E levou tanto tempo a chegar a essa conclusão?

Pergunta um amigo a outro:

- Sabes em que país do mundo se come mais barato?
- Eu não sei; e tu sabes?
- Pois sei...
- Então qual é?
- É na China, porque se como com dois paus.

O motorista tentava reparar o carro avariado, à beira da estrada. Nisto, aproxima-se uma vaca que lhe disse: A avaria deve ser do alternador!

Assustado, o homem fugiu; logo adiante encontrou uma quinta, onde um camponês ouviu a incrível história e lhe perguntou:
Era uma vaca malhada?
- Era, sim senhor.
- Ora, não ligue importância! Ela não entende nada de mecânica!

SAIBA QUE...

O furacão é uma tempestade que se forma sobre os oceanos de regiões tropicais. Conhecido também por ciclone tropical, o furacão tem o formato de uma coluna que gira em torno do seu próprio eixo e pode provocar ventos de até 300 quilómetros por hora. No seu centro, conhecido por "olho do furacão", a pressão é muito baixa, não há chuva e os ventos são mais fracos. Esse tipo de tempestade é chamado furacão quando tem origem no Oceano Atlântico ou no nordeste do Oceano Pacífico e tem a designação de tufão quando ocorre a partir do noroeste do Oceano Pacífico. O mesmo fenômeno é chamado ciclone quando se forma no Oceano Índico.

HORÓSCOPO - Previsão de 04.07 a 11.07



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As finanças poderão constituir um problema, caso não controle, muito bem, os seus gastos. Para o fim da semana, a tendência será para que este aspeto melhore um pouco.

Sentimental: Este período exige, dos nativos do Carneiro, a maior atenção. Um clima de suspeita poderá criar situações de ciúme, não se deixe arrastar pelas suas dúvidas e não existirá nada melhor que um diálogo aberto.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Período de grandes dificuldades que deverão ser encaradas com a habitual força que caracteriza este signo. Não se deixe arrastar pelas emoções derrotistas e siga em frente.

Sentimental: O aspecto sentimental deverá merecer uma atenção muito especial. Não descarregue sobre o seu par as suas frustrações, antes pelo contrário, aproxime-se e aceite a sua ajuda que será uma ótima terapia.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Não é um período muito favorável para que proceda a aplicações de capital e investimentos. Deixe passar esta semana sem tomar decisões que envolvam questões financeiras.

Sentimental: Alguém, que não vê há muito, poderá passar a ter, aos seus olhos, uma importância muito especial. No seu íntimo, sente alguma solidão proveniente de uma grande insatisfação nas suas relações amorosas.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Serão pautadas pelo equilíbrio, no entanto, tenha alguma atenção a tudo o que se relacionar com dinheiro. Poderão surgir algumas dificuldades que, embora transitórias, serão motivo de algum desequilíbrio emocional, todas as despesas devem ser bem ponderadas.

Sentimental: Este aspecto poderá caracterizar-se pelo "apoio" que tanto necessita. Aproxime-se do seu par, abra o seu coração e verificará que tem uma companheiro(a) que o poderá ajudar, desde que não se feche dentro dos seus problemas.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Não se poderá considerar que este seja um aspecto muito positivo. Mantenha-se atento às suas despesas e não gaste mais do que o, estritamente, necessário. Trata-se de uma situação passageira e que, rapidamente melhorará.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Um bom período financeiro poderá proporcionar-lhe lucros provenientes de aplicações de capital. Será, realmente, uma semana muito favorável que deverá ser muito bem aproveitada.

Sentimental: Seja realista e positivo no seu relacionamento amoroso. Dúvidas infundadas poderão criar-lhe situações de grande incômodo e resultados imprevisíveis. Não se remeta ao silêncio e através do diálogo tudo se esclarecerá.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: O seu orçamento conhece um período de equilíbrio. Algumas oportunidades de mudança, em matéria de dinheiro, poderão verificar-se e deverá agarrá-las com ambas mãos; encare a poupança como uma boa opção.

Sentimental: Esta será uma semana em que todos os aspectos de ordem sentimental terão uma carga emocional muito forte. O entendimento do casal será grande e os resultados serão muito agradáveis. Para os que não têm par, este período poderá ser marcante com o início de uma nova relação.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: As suas finanças não passam por um momento muito favorecido, no entanto, não deixe que este aspecto aumente as suas preocupações. Um familiar poderá complicar este aspecto com uma manobra efetuada para o prejudicar.

Sentimental: Alguma instabilidade e falta de autoconfiança poderão criar-lhe situações muito delicadas. Tente ser realista e não faça especulações. Por se tratarem de especulações poderão não condizer em nada com a realidade.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Não sendo um período muito favorável já conheceu dias piores. A partir do meio da semana, a tendência será para as coisas começarem a melhorar, no entanto, esta é uma área que não decorre muito bem e assim deverá proceder com as devidas reservas.

Sentimental: Sentirá alguma nostalgia de uma relação já terminada. Deverá fazer todos os esforços para esquecer. Uma boa terapia será sair e divertir-se, um pouco.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Período equilibrado, sem dificuldades de maior, no entanto, os tempos que correm não convidam a despesas exageradas; assim, seja prudente e não gaste mais do que o aconselhável.

Sentimental: Período em que poderá conhecer alguém que tentará modificar a sua forma de encarar a vida. Uma antiga relação poderá criar-lhe alguns problemas.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Este aspecto encontrará muito favorecido e poderá beneficiar de algumas entradas, inesperadas, de dinheiro, no entanto, tenha presente que deverá ser cauteloso nos seus gastos, especialmente, os superfluos.

Sentimental: Período bom para novos relacionamentos. Se já tiver companhia aproveite bem a semana. Os que não têm par poderão conhecer alguém muito especial.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Período muito equilibrado e sem grandes preocupações. Poderá fazer algumas compras de artigos e objetos que lhe estão a fazer falta. Os investimentos moderados poderão, igualmente, ser uma opção lucrativa.

Sentimental: A sua relação amorosa está a atravessar um bom momento e a semana será agradável e muito romântica. O diálogo deverá ser o elo de ligação do casal.

Cidadania

O resultado das escolas sem directores e professores

Antes de mais, agradeço a amabilidade de V. Excia. de me conceder este espaço para a publicação deste meu pensamento. É sabido que a escola e outras instituições desempenham um papel fundamental na formação do homem, visto que participam no processo de socialização (que parte da família), e, para que dentro de um curto espaço de tempo as crianças sejam capazes de ler, escrever e agir de forma adequada, a sociedade precisa indispensavelmente da ajuda do professor e dos restantes actores do processo de ensino-aprendizagem.

A educação proporciona instrumentos necessários para equipar os indivíduos de conhecimentos e competências que lhes permitirão ser capazes de definir e perseguir os seus objectivos individuais e sociais permitindo que eles participem na comunidade, fazendo a sua parte para melhorar as suas condições e as da sociedade em geral.

Nessa ordem de ideias, esperava-se que a nossa educação fosse capaz de responder às novas demandas ligadas ao desenvolvimento e à globalização. Mas, infelizmente, os resultados finais mostram o contrário dos objectivos propostos e, como todo efeito tem a sua causa, penso que o não alcance dos resultados esperados por cada aluno pode ser causado pela falta dos seus actores.

Era suposto que qualquer aluno terminasse o ensino básico com capacidade para reflectir sobre a realidade, para ser criativo, com vista a intervir contribuindo para o desenvolvimento da sua comunidade e que qualquer graduado do ensino básico soubesse ler e escrever para que possa comunicar oralmente e por escrito de forma clara. Porém, há um conjunto de factores que vai contribuir para que não se possa atingir o sucesso educativo, mas este presente texto reflecte em torno daqueles que

considero como os principais responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem nas escolas: director da escola e professor.

Um dos grandes problemas pode estar ligado à própria gestão da escola. Muitos dos directores escolares (ou mesmo todos) não foram formados em matéria de gestão escolar ou educacional. Simplesmente foram professores durante muitos anos e com o tempo promovidos até ocuparem os cargos de gestores sem a devida qualificação.

Assim sendo, arrisco-me a dizer que a gestão escolar está entregue a pessoas incapazes de produzir e desenvolver actividades que possam enfrentar um problema de grande complexidade como a ampliação e a melhoria de qualidade de ensino, havendo carência de aperfeiçoamento e capacitação desta camada por parte dos responsáveis. Ora vejamos: se um director não está preparado para a gestão de mudanças na educação, não sabe fazer um planeamento estratégico e nem sequer sabe desenhar um projecto educativo. Penso que fica claro que haverá má eficácia na gestão escolar e, consequentemente, os alunos serão afectados negativamente porque tudo parte do topo.

Por seu turno, os professores têm executado as suas tarefas com fraca motivação devido a vários factores e um deles é a baixa remuneração que gera falta de comprometimento com a sua função fazendo com que em alguns casos eles se tornem turbos, isto é, dão aulas em muitas escolas e, como consequência, assiste-se a uma deficiência na eficácia e eficiência do processo de ensino-aprendizagem visto que esses professores prestam pouco apoio pedagógico aos alunos que apresentam di-

ficultades e não se preparam fortemente para as aulas devido à falta de tempo.

Era suposto que esses dois actores (gestor e professor) fossem capazes de elaborar um conjunto de estratégias e actividades concebidas para se realizarem na escola no âmbito curricular e as que são desenvolvidas no seu exterior que contribuem para que os alunos adquiram conhecimentos, capacidades, atitudes e valores consagrados no currículo em vigor.

Estou ciente de que, quanto à rede escolar, Moçambique é um país pobre e sem recursos suficientes para apetrechar as escolas mas acredito que, mesmo debaixo de uma árvore, é possível decorrer um processo de ensino-aprendizagem maduro desde que haja vontade por parte do director da escola e dos professores da mesma. Penso que o Ministério de Educação deveria apostar intensivamente na formação de professores e de gestores escolares e na capacitação dos que já estão no campo de trabalho.

Que crie estratégias para assegurar e apoiar o professor na sua identificação com a carreira para que execute as suas tarefas com motivação e comprometimento. Só para terminar, sublinhar que, com os poucos recursos materiais que Moçambique tem, é possível garantir uma educação de qualidade aos alunos desde que se aposte na formação e capacitação dos recursos humanos que garantem a existência da escola. Portanto, há necessidade de quem de direito redobrar esforços criando mecanismos adequados para solucionar os problemas aqui levantados e muitos outros que contribuem para o insucesso educativo.

Alexandre Nhampossa

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Mais uma coluna de viaturas civis que circulava na Estrada Nacional n.1, com escolta militar, foi alvo de um ataque armado. Dois civis morreram e pelo menos seis outros ficaram feridos.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/47166>

<p>Manuel Juma Caralho d politica, enquanto ele fazem campanha o povo vai morrendo e cara sem vergonha da frelimo vai a empreesa ate enche a boca pr dizer k homens da renamo atacaou a coluna, sinceiramente so pr kem xta cego egole isto..o k a frelimo faz pr parar cm isto se e' o partido k xta n poder...? pena pk nao tou nas FADM,,, os miudos vao morrendo em beneficio dos comandantinhos k dao ordem a dedos, e como eles sabe k ganham cm estes tumultos nao tem nada a ver cm a perda d vidas humanas k dia pois dias vao morrendo,, Governo sem lei,, o chefe d familia nao sabe o k faz se os filhos brigam em sua propria casa... francamente . 27/6 às 21:14</p> <p>Juma Murumaze Tdo ladrão é forte, este é o momento k aproveitar recolher dinheiro de povo . 1 . 27/6 às 22:35</p> <p>Eddy Marchal Sochangana São civis d onde afinal esses? kerem ser galarduados</p>	<p>n túmulo tambem cmo herois sacrificando suas pobres vidas pa o bem estar d Armendo Q,abuza cm seu colégio d ladrões. . 27/6 às 21:22</p> <p>Rinde Machava Guebuzaaaaa, serak tas mi ouvir seu otario! keres k o teu minhoka nyusi ser votando cm kem? Nao é exa gente k matas ai em muxungue???? . 27/6 às 22:25</p> <p>Rufino Mario Mario PR nao kuer a paz... porkue as bombas nao voara diante dele isso diz kue PR nao kuer a paz em Moz.... . 27/6 às 23:29</p> <p>Zito Armando Vilanculos Guebuza nao ta interexado e nem ta preocupado cm a morte desses irmaos sabe quem 1 dia ele e a familia usara essa via pra xegar a murupula, terra natal dele... cota Afonso e 1 igualzinho a guebas pork nao tenha um pouco d paciencia nos mocambicas iremos confiar nele no dia 15 . 27/6 às 21:14</p> <p>Manuelito Jaime caramba d politicos querem roubar votos via electronica sabem k estao a falir. exe paix nao pode mais fica com um dos gatos k nao respeitam o povo . 28/6 às 9:03</p> <p>Nelson Francisco tudo isso por causa do orgulho pobreza absoluta, ignorancia,do governo . 28/6 às 8:58</p>	<p>Belito Ronda Mas não custa nada apessoaa k pós militares la ir tirar pa vermos kem ker obem dos mocambicanos fui . 27/6 às 21:38</p> <p>Precioso Lucas Quando k isso vai acabar . 28/6 às 22:18</p> <p>Domingos Jone Avanca atakes, fim acordo d paz,pork se agente kiser viver em paz era so largarmos arma, entre as amba parte,ninguem tem direito d tirar a vida do outro . 28/6 às 11:18</p> <p>Dominguinho Mabatata Macule É triste.dlayane guebuza paaa, terei k me vingar cm exex paa . 28/6 às 9:37</p> <p>Janito Bastari Treste meus ermaõ mas ainda vamos k .votar neles omas gravant enocent ek more. . 28/6 às 9:16</p> <p>Roberto Francisco Mandire Ch Chiteve È isso k o mano ker . 28/6 às 9:06</p> <p>Manuelito Jaime caramba d politicos querem roubar factos k vce nao viu. Gosto . 28/6 às 8:54</p> <p>Manuelito Jaime morrem 5civis e militares, 12feridos, 7 mortos passageiros do machimbombo atacado e</p>	<p>15feridos. quem quer a ver a olho nu siga ao hospital rural muxungue e consultem a lista d obitos vitima d ataques. nao andarem a mentir por todo mundo os fracos acabam concordar. . 28/6 às 8:59</p> <p>Raice Manuel Raice chego a hora de dizer basta . 28/6 às 8:51</p> <p>Eugenio Abilio Abilo A tomar cafe na ponta vermelha familhas a morrer, chato . 28/6 às 7:51</p> <p>Minguito Wizzlen Dias Nesse momento o gueba a receber premio outrox a morerem . 28/6 às 6:43</p> <p>Aniceto Antonio Manuel Napancane Ate kuand exa merda pa? . 28/6 às 6:25</p> <p>Natalino Marcelino É serio lorenc? . 28/6 às 5:33</p> <p>Lourenço Herminio Monteiro Hje nao si atacou nada é 1a mentira, eu passei de la mexmo . 28/6 às 0:11</p> <p>Manuelito Jaime vce ta mentir ouviu! nao pode retalihar factos k vce nao viu. Gosto . 27/6 às 23:58</p> <p>Dio Lukas Outros cmentarios" heeee na dlhawa vakyty! . 27/6 às 22:58</p> <p>Bra Pety Majoko Se nao hvia coluna nao hvia tdo isso .se ker ver isso mmx co acoluna +estao ser takeado . Eu acho k</p>	<p>e frelimo k extas matar pessoas la .pork veja desde do ano passado ainda nao foram amarrados. . 27/6 às 23:41</p> <p>Manuel Julião Muzime Pelo que eu sei as forças de segurança estão para prontegger o povo , independentemente do lugar é que elas se encontram . Imagene só naquela região de Muxuguém não tivese as forças de segurança , o que seria daquelas pessoas inocentes que estao sere vintimas de ataques mesmo com prezeça das forças de segurança continua se senfando vidas e os outros dos crime quando quere chamam a impresa para se fazer de vintima , aonde vamos chegar com essa tuda mantasa? . 27/6 às 23:17</p> <p>Hidiel Da Silva Macuacua Renamo a massacrar o povo moçambicano.. . 27/6 às 23:15</p> <p>Justino Bacelane Guambe Tino Se a renamo pedio ao governo para tirar da quele troco os militares ai estacionados. Aminha pergunta e sera k a frelimo nao considera esse comunicado, agora o povo vai acabando. . 27/6 às 22:44</p> <p>Damião Jacob Sthole A gurra é a mãe de pobreza . 27/6 às 22:15</p> <p>Joaquim Muchanga Muchanga algo esquesito existe nessa história d ataques!!! Não me perguntem o quê, pq não vou dizer! Mas Deus sabe!</p> <p>Edson Sicimucka esses diregenres do nos disviam p\f peace . 27/6 às 21:37</p>
--	---	---	--	--

Cidadania

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

"Na casa vizinha vivia um senhor que sempre que a minha tia fosse à machamba me chamava para passar refeições na sua casa e depois levava-me para o seu quarto (...) não me lembro quantas vezes ele me obrigou a manter relações sexuais com ele e dizia que eu não podia contar nada à minha tia nem a nenhuma outra pessoa (...)", desabafou ao @Verdade uma criança de seis anos de idade abusada sexualmente, em 2013, por um cidadão até hoje não identificado, no bairro de Moutinho, no município da Maganja da Costa, na província da Zambézia. Desde essa data, a miúda ainda não foi submetida a exames médicos e queixa-se de vários problemas de saúde.

<http://www.verdade.co.mz/nacional/47144>

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Diego Maradona criticou duramente a punição da Fifa ao uruguai Luis Suárez, a qual classificou como "criminosa", e disse que a entidade poderia muito bem algemar o atacante e trancá-lo na prisão de Guantánamo. "Quem Suárez matou?", indagou Maradona no programa de futebol em que comenta, transmitido no canal de TV venezuelano Telesur e na TV pública argentina na noite da quinta-feira.

<http://www.verdade.co.mz/desporto/47172>

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

O intelectual português Coimbra Martins dizia: "A vida seria uma eterna comédia se a morte não lhe emprestasse seriedade". Mas esse pensamento parece ultrapassado, se nos debruçarmos sobre a forma como é encarada esta fase da existência, hoje em dia, em que a comédia extravasou para o suposto lado da seriedade. Os funerais tornaram-se palcos de moda, e os momentos de consternação criados pela partida de um ente querido dão oportunidade à demonstração da opulência, ou do oportunismo daqueles que terão os próximos dias com pasto garantido. Já não se vai às cerimónias fúnebres por solidariedade, mas para se ser visto, e celebrarem-se momentos de regaço, com o ponto máximo da festa a exaltar-se no oitavo dia do falecimento de alguém.

<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/47148>

- | | |
|--|---|
| <p>Lucas Macanazza Várias vezes criança de 6 anos? E ainda procurou jornalista para desabafar? Hummm..... Reflectindo bem esta notícia pode não ser notícia! · 28/6 às 16:23</p> <p>Marisa Tavira Ibrahim quem procurou foi o irmão, tb menor, para tentar ajudar a sua irmaninha, SEMPRE SERA NOTICIA, le bem antes de comentar gratis · 29/6 às 13:38</p> <p>Candida Esperanca David Meu deus,esse tipo não tem coração, uma criança mesmo.... · 28/6 às 15:30</p> <p>Albino Chaque Lamentavel a historia desta minina. · 28/6 às 15:09</p> <p>José Valdemir mas so ela sabe quem a-estuprou melhor contar as autoridades da saude assim como da justica pra ser salva Nao ao averdade! · 28/6 às 17:10</p> <p>Mario Bonifacio Abel Meu caro amigo Boane, cuidado com k fala Moc infrenta moment d discordia comexas palavrts ta kerendo dividir o territorio, se Nort e Centro pertence ao tribo xingondo da Renamo como dixe e Sul é o ké? · 28/6 às 16:00</p> <p>Laila Faizal Meu Deus acaba com este mundo,assim já não dá,chorrei ao ler o relato da criança... · 28/6 às 15:37</p> <p>Joaquim Zimba Pena d morte p esse indivíduo · 28/6 às 15:28</p> <p>Mariam Francisco Macandza meu deus onde vao parar nossas crianças. · 28/6 às 15:19</p> <p>Inocencio Sechene Aind nao foi submetido aos examis medicos? Esse pais e uma porra. Deve ser responsabilizado esse senhor · 28/6 às 14:23</p> <p>Elias Pondeca Mas esse cabrão não é Boko Haram? · 28/6 às 14:10</p> | <p>Joao Jordao Jota Porra 6 anos!!? Exe mano pah n é feitiço ixo? · 1 · 28/6 às 14:05</p> <p>Felisberto Filomeno Esse Canalha que fez isso merece um tratamento ant-humano · 1 · 28/6 às 13:51</p> <p>Bertúnia Túnia Tú Magaia Aiiiii.... pena de morte para esse senhor que se acha humano... pneu nele...aiiiiii sinto náuseas e vertigens · 30/6 às 0:01</p> <p>Gilberto Arone Seja como for, mas essa porra nao faz nenhuma merda de sentido pa me. Porque nao prendem o cabrão que fez essa merda. Um cidadao nao identificado? poxa pa vao si lixar, mas quando tratasse de politicos e alcool e facil identificar as pessoas. Que pora... · 29/6 às 19:10</p> <p>Inus Mahomed Temos que ter cuidado, com os nossos, estas pessoas são doentios · 29/6 às 19:05</p> <p>Nelinho Gonçalves nao faz sentido. · 29/6 às 18:36</p> <p>Veronica Alice Macario Naiwale Porque é que quando o jornal quer inventar historia utiliza como exemplo crianças da provincias da zambézia? Pensam que é so na zambézia que existem crianças burras e atrasadas mentalmente? Olha esse jornal está a perder seu sentido de humor. E pensei bem antes de inventar historia porque zambézia não é vossa lixeira de inspiração · 29/6 às 16:09</p> <p>Jose Nhantumbo Essa criansa esta mentir. Ser abusada desd ano passad e n denunciar nenhuma keixa e nem a familia nao discobrirn nada na criansa. E melhor cancelar esta noticia pk nao e seria · 29/6 às 15:54</p> <p>Armando Alfeu É triste · 29/6 às 15:23</p> <p>Farana Farhan Razaque me caem lágrimas. não é justo acabar cm alegria d uma crianca. · 29/6 às 14:49</p> <p>Elias Pondeca Parte do precipício de ke não é a primeira vez ke Suares anda a morder jogadores em pleno jogo. Nós tamos aki pra assistir o jogo de futebol não pra ver jogo de vampiros. · 28/6 às 11:59</p> <p>Eugenio Abilio Abibo Forxa fifa, vampiros devem estar fora do campo d futebol, visto ki é a terceira vez ou devem banir do futebol um cara deste. Punir o jogador malandro, keremos espetaculo. · 28/6 às 21:38</p> <p>Rodolfo Manhenje Esse macaco racista merece essa pena ate acho pouco. Malandro! · 28/6 às 13:45</p> <p>Eddy Marchal Sochangana Ha muita corrupção na FIFA, até os arbitros sempre castigam equipes africanas, por isso pa mim deviam existir apenas competições a nível dos continente, prk n mundial ha aqueles k são beneficiados e outros servem d tapetes. · 28/6 às 12:11</p> <p>Osvaldo Maria Maradona não tá bom... É suposto futebol ser divertido e não ensinar pessoas a serem violentas.. É a terceira vez que o suarez faz isto, a punição até devia ser mais severa.... O que é que tem futebol com andar a morder pessoas?? Esses outros só estão a defender coisas que não prestam. · 28/6 às 12:07</p> <p>Fidelix Robert Decress Nao queremos vampiros mbolo ya mache para ele. · 28/6 às 22:36</p> <p>Victor Severiano Munjijovo Akela fifa, só xtá para prejudicar as selecções. · 28/6 às 18:23</p> <p>Alves Quim Nao é pork Maradona falou k temos k pensar como ele. Temos k pensar d forma justa pk todos somos iguais e temos os mesmos direitos, a punição serve para qualquer um k brincar mal. · 28/6 às 12:30</p> <p>Jose Fabiao Sem Suárez a selecção perde a magia e akela surpresa q sempre esprieita e cria suspense. Deviam lhe deixar jogar mas com.... uma "focinheira" tipo akela q se põe nos cães. · 28/6 às 12:09</p> <p>Agostinho Acácio Modesto Akilo d levantar cartazes escitas 'nao racismo' é p nos tapar o ultimo jogo d Ghana viram o k aconteceu!!! · 28/6 às 13:29</p> <p>Bertúnia Túnia Tú Magaia Ele é jogador ou vampiro?!!! Isto são crianças que fazem quando brigam entre eles...então que sirva de exemplo · 29/6 às 16:20</p> <p>Fernando Cuna Acho que Maradona ainda usa drogas. Suarez? No geral 80% dos comentadores desportivos acham a pena pouco ou suave. So para lembrar 10 jogos na Holanda e 8 jogos na Inglaterra pelo mesmo acto. Para alem claro do caso Evra. · 29/6 às 14:12</p> <p>Minguito Wizzlen Dias Boa punição fifa até k deveriam lhe poor na prisao prepetua · 28/6 às 22:00</p> <p>Felisberto Issofo Omar Humberto pepe nunca mordeo adeversario eli faz falta k ten aver cn jogo agora u suarez el ten dent grand tava dar comoxao puriso morde i pago entao num pd cn fundr ta? · 28/6 às 17:57</p> <p>Polardo Humberto Pohu Faltou Pepe. exe um dia tanbem vai pagar por tudo k anda a fazer. foi muito duro cm Gyan, nao gramei... · 28/6 às 15:33</p> <p>Diamantino Daniel Nacua Voce manhenje modere um bocado a sua liguagem meu irmão. Suarez errou sim senhor mas ter pena como essa nao acho · 28/6 às 15:32</p> <p>Pedro Mario Camilo Nao dvemx julgar tanto o Suaréz, dvemx olhar na sua auto-defesa. Pk tantax criticas? Nao merecia tanto castigo. O pior e ter k ficar banido 4meses do seu trabalho. Nao apoio tanto a decisao da Fifa. · 28/6 às 13:59</p> <p>Silver Jate Vamos ver se ha injustica ou nao! Pepe deu cabeçada a um jogador sentado, qual foi a penalizacao, um camarones deu cotovelada a um jogador muito longem do lance, qual foi a penalizacao? E qual é agravidade desta situacao q estamos aqui comentando, dado q isto tudo aconteceu nos jogos d futebol? · 28/6 às 13:44</p> <p>Agostinho Acácio Modesto Akilo d levantar cartazes escitas 'nao racismo' é p nos tapar o ultimo jogo d Ghana viram o k aconteceu!!! · 28/6 às 13:29</p> <p>António Henrique Alves Monteiro Hoje o materialismo ocupou e varreu o que restava do respeito pela Moral, porque de Ética já nada nos resta. Assim via o ser dito humano... · 30/6 às 0:13</p> <p>Vinho Julio Francisco Perca de valores morais crediveis de seres humanos normais que Deus criou com todo seu amor e a sua imagem, onde vamos com isto, acho que chegou o tempo que a sagrada escritura diz o Mundo jaz no poder do iniquo..! · 29/6 às 22:23</p> <p>Fernando Touo Sim e verdade? · 29/6 às 22:14</p> <p>Fonseca Furvela O cúmulo disso é quando nos somos informados que ha zonas nesta planeta que pessoas sao pagas dinheiro para chorarem por algue,ja que o familhar enlutado nao tem familia para tal · 30/6 às 16:36</p> <p>Narzya Francelyn As psoas vao p mostrar as roupas + caras k tm. Os ultimos galaxys. · 30/6 às 13:49</p> <p>Domingos Jone Triste cenario,este facto merece o maior sentimento · 30/6 às 11:11</p> <p>Calvino Tchamo Calvino prefiro nao comentar gent. · 30/6 às 9:22</p> <p>Leonel Orlando Manejo ;(so da para chorar · 30/6 às 8:18</p> <p>Nazaré Macotore Merece aplausos qem diz, sou oqe nada sou! · 30/6 às 8:17</p> <p>Valmide Zopene Para quem entende que morte nao eh fim da vida, festejar nao faz mal. Nos países onde ha cristianismo de verdade como o exemplo de quem mencionou Swazi, SA, Bots, etc, festeja-se e exibe-se nao so aparel mas carros de luxo. Isso nao faz mal... A festa de 3 de Fev de todos os anos, podia ter sido a mesma no proprio dia 3 de Fev de 1969. Nao sei se entenderam? · 30/6 às 7:39</p> |
|--|---|